

MARIA DE FÁTIMA MARTINS DIAS

**AFRÂNIO PESSOA: QUANDO OS PINCÉIS PINTAM
A PROFISSÃO E FAZEM ESCOLA**

Orientador: Emmanuel Maria Carlos Borrego Sabino

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Instituto de Educação

Lisboa

2014

MARIA DE FÁTIMA MARTINS DIAS

**AFRÂNIO PESSOA: QUANDO OS PINCÉIS PINTAM
A PROFISSÃO E FAZEM ESCOLA**

Dissertação apresentada para obtenção do
Grau de Mestre em Ciências da Educação,
no Curso de Mestrado em Ciências da
Educação, conferido pela Universidade
Lusófona de Humanidades e Tecnologias.

Orientador: Prof. Doutor Emmanuel Maria
Carlos Borrego Sabino

Co-orientadora: Prof.^a Doutora Ana
Benavente

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Instituto de Educação

Lisboa

2014

AGRADECIMENTOS

Ao Ser Maior que rege o universo. Que não me deixou abater perante a longa jornada começada há alguns anos, que se cumpre em parte. Durante a caminhada encontrei pessoas que sempre acreditaram que alcançaria as metas que tracei. Aqui está parte de um sonho, realidade em que ele se torna e de que muito me orgulho.

Aos meus avós, amor eterno.

À minha amiga, companheira e supermãe, Catarina, que sempre incentivou e me fez ver que os livros abrem janelas para o mundo. Só o conhecimento pode saciar aos meus questionamentos. E sempre me conduzindo com dedicação aos estudos, cobrando-me sucesso através deles. É a presença sempre constante de incentivo e realização dos meus sonhos.

Ao Senhor Professor Afrânio, por ter feito nascer em mim o amor às artes, sempre mostrando o lado mais surpreendente das figuras, do colorido e das formas no mundo. Agradeço por ter me permitido descortinar a sua vida como artista professor. Seus diálogos foram os responsáveis por esta dissertação.

À minha tia, Nerina, que sempre me desafiou a estudar. E que do seu jeito meio duro e muitas vezes rude me mostrava que o único caminho para se enxergar ao longe passa pelos livros, pelo estudo e pelo conhecimento. Foi destes desafios por ela lançados que eu procurei crescer, ir além do simples aqui e agora e partir para procurar cada vez mais conhecimento.

Não posso esquecer-me de duas pessoas que foram fundamentais na minha vida e que sempre mostraram interesse nos meus estudos: a Sra. Dona Maria do Carmo Coelho Cruz, pessoa que na minha infância contava histórias e abriu-me frechas para sonhar com a Europa e incutiu em mim o desejo de fazer história. Pois suas narrativas me faziam imaginar como seriam os países por ela relatados. Além disso, a Sra. Dona Maria do Carmo (Kaká) me punha para estudar e via em mim uma futura professora. A Sra. Dona Cândida Lustosa Nogueira (madrinha Candinha), que sempre se interessava por saber sobre a progressão nos meus estudos. Estas duas Senhoras sempre tiveram e mostravam interesse no que eu fazia.

Ao Professor Doutor Emmanuel Sabino, que desde o princípio acreditou que meu projeto de história de vida podia ser trabalhado e incentivou-me a levá-lo adiante, sempre dialogando e mostrando o que poderia ser melhorado. Sem o seu apoio este trabalho dissertativo não teria sido possível.

À Senhora Professora Doutora Ana Benavente, cuja perspicácia, chamadas de atenção e olhar cultíssimo de educadora tanto contribuiu para fazer deste estudo mais razão, ainda, de satisfação e alegria.

Ao Professor Eduardo Aguiar Bezerra, à época Chefe do Departamento de Artes Visuais da Universidade Federal do Piauí que, quando lhe apresentei o tema da minha dissertação sentiu lisonjeado por ter o curso de Artes Visuais estudados através da vida de um antigo Professor do Departamento, e forneceu-me parte do material por mim utilizado na dissertação.

À Professora Doutora Zozilena Fróz, que sempre me instigou a cursar mestrado e a escrever sobre o Professor Afrânio. Inclusive algumas ideias do meu projeto floresceram também no NUPEAC (Núcleo de Pesquisa em Arte Piauiense), grupo de estudo coordenado pela Professora Zozilena, ao qual pertenço e que se dedica a estudar arte piauiense, sempre disponível para me apoiar em minhas pesquisas.

À Professora Doutora Pollyanna Coelho que, ao ser informada do meu tema, abriu-me espaço inclusive para dialogar, relatar e orientar-me no que fosse necessário em relação aos termos e à sua vivência como antiga aluna que foi do Professor Afrânio. Hoje a Professora é docente do Curso de Artes Visuais da Universidade Federal do Piauí. Sua ajudar foi essencial.

À amiga, Maria das Mercês Soares Andrade, que sempre acreditou em mim. Juntas fomos pesquisar na Universidade Federal do Rio de Janeiro e também no Museu de Arte Moderna, antiga Escola Nacional de Belas Artes do Brasil (ENBA), além de galerias de arte em que o Artista Professor expôs.

Às amigas, Ana Arêa Leão e Luciana Guimarães, pela força.

Agradeço a todos que permitiram pela sua disponibilidade que este trabalho fosse realizado:

Alcília Afonso

Conceição Carvalho

Dalva Santana

Décio Oliveira

Evaldo Oliveira

Elenilce Mourão

Emmanuel Coelho

Helena Costa

Isalina Cortez

Isaías Moura Santos

João Marciano Neto

Maria de Fátima Martins Dias - Afrânio Pessoa: quando os pincéis pintam a profissão e fazem escola

Kalina Rameiro

Laerson Silva

Lúcia de Fátima Couto

Maria Amélia Ribeiro

Paulo Libório

Pollyanna Coelho

Rogério Albino

Teresinha Leite

Zozilena Froz Costa

Agradeço, finalmente, à Zélia Gomes sempre disponível para me ajudar em todas as vezes que recorri aos seus serviços.

RESUMO

Esta dissertação é um estudo em Educação tendo como objetivo a investigação do Curso de Educação Artística da Universidade Federal do Piauí, Campus Petrônio Portela em Teresina-Piauí, por meio da história de vida do Artista Professor Afrânio Pessoa Castelo Branco, nas décadas de 1980 a 2001. Neste período, o Professor Afrânio ministrou aulas nas Oficinas de Pintura I e II, Modelo Vivo, Técnicas de Expressão e Comunicação em Arte e outras disciplinas do citado curso. Para progredir na construção da dissertação, além da pesquisa bibliográfica necessária e inerente a qualquer trabalho desta natureza, foram aplicados questionários com professores do Curso de Educação Artística da UFPI, antigos alunos, hoje professores de instituições de ensino superior e antigos alunos, hoje artistas plásticos.

A trajetória de vida, primeiro do estudante, depois do Artista professor, na qual contamos sua memória e história oral: faremos um olhar à trajetória de Afrânio na sua formação para a arte e para o ensino dessa mesma arte. Recorremos a fontes tais como referências bibliográficas pertinentes à temática em estudo, bem como a questionários aplicados a antigos alunos, Coordenadores e colegas professores do Professor Artista em estudo, com isso cruzando informações a partir de entrevista concedida pelo próprio Afrânio Pessoa e pela Coordenadora atual de Artes Visuais da UFPI, Professora Doutora Pollyanna Jericó Pinto Coelho, antiga aluna do docente objeto do presente estudo.

É a partir destes testemunhos que nos foi possível obter informações que definiram como era a prática docente de Afrânio Pessoa, tanto em sala de aula, como ao ar livre. Qual a importância da metodologia por si utilizada no período que mediu entre 1980 e 2001, bem como a influência que o Artista Professor exerceu ou exerce ainda entre atuais professores de arte no Estado do Piauí.

Palavras-chave: Artista Professor. Prática docente. História de vida.

ABSTRACT

This is a dissertation in Education, which has as its central objective research of the Art Education Course at the Federal University of Piauí (UFPI), Petrônio Portela Campus, in the city of Teresina, State of Piauí, through Professor Afrânio Pessoa Castelo Branco's life in the years between 1980 and 2001. The mentioned was a period in which Afrânio taught Painting Workshops I and II, Live Model, Techniques of Expression and Art, among other subjects of the referred to course. To progress in the construction of the dissertation, in addition to literary research necessary and inherent to any work of the nature of the one at hand, questionnaires were applied with teachers of the Art Education Course at UFPI, former students, now teachers of faculties in the mentioned city and also artists.

The trajectory of life first of the student, then Art Teacher, in which we shall present memories and oral history: Afrânio's life trajectory and his education in art. Afrânio and his passageways to art and to teaching. Other sources such as bibliographic references pertinent to the theme studied, as well as questionnaires used with former students, Coordinators and teachers, colleagues of the Art professor and we crossed information with the answers given by Afrânio Pessoa in an interview he conceded, as did the Present Coordinator of the Visual Arts Course at UFPI, Lady Professor Pollyanna Jericó Pinto Coelho, she also a former student of Professor Afrânio Pessoa.

It is from these testimonies that we obtained information that defined how Afrânio's teaching practice occurred, both in the classroom as outdoors. How important the methodology he used was in the period between 1980 and 2001, as well as what influence this Art Professor exercised or exercises still among art teachers today in the state of Piauí.

Key words: Art Professor. Teaching Practice. Life story.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BEP	Banco do Estado do Piauí S/A
CCE	Centro de Ciências da Educação
CEPI	Centro de Estudos e Pesquisas Interdisciplinares
CEPISA	Centrais Elétricas do Piauí (Companhia Energética do Piauí)
CONSUN	Conselho Universitário
DAP	Departamento de Artes Práticas
DEA	Departamento de Educação Artística
DMA	Departamento de Música e Artes Visuais
ENBA	Escola Nacional de Belas Artes da Universidade do Brasil
EBA	Escola de Belas Artes
IBEU	Instituto Brasil Estados Unidos
ICF	Instituto Camillo Filho
IES	Instituição de Ensino Superior
ITAMARATY	Ministério das Relações Exteriores
LDB	Lei das Diretrizes e Bases da Educação
MAUC	Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará
PIBIC	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica
PIBID	Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência
PP	Projeto Pedagógico
PRAD/DRH	Divisão de Administração de Pessoal
PREG	Pró-reitoria de Ensino de Graduação

PREX	Pró-reitoria de Extensão
SEDUC	Secretaria do Estado da Educação e Cultura do Piauí
SESI	Serviço Social da Indústria
UAPPI	União dos Artistas Plásticos do Piauí
UDESC	Universidade do Estado de Santa Catarina
UFPI	Universidade Federal do Piauí
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UNB	Universidade de Brasília

ÍNDICE GERAL

INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO I: A TRAJETÓRIA DE AFRÂNIO PESSOA PARA O CURSO DE EDUCAÇÃO ARTÍSTICA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ.....	20
1.1. MEMÓRIA E HISTÓRIA ORAL: TRAJETÓRIA DE VIDA.	21
1.2. AFRÂNIO: PERCURSOS PARA A ARTE E PARA O ENSINO	25
CAPÍTULO II: ESTUDAR O CURSO DE EDUCAÇÃO ARTÍSTICA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ, DE 1979 A 2000.....	42
2.1. OS REFERENCIAIS TEÓRICO-METODOLÓGICOS.....	43
2.2. PROJETO PEDAGÓGICO: O CURSO DE EDUCAÇÃO ARTÍSTICA NO ENSINO SUPERIOR	52
2.3. O CURRÍCULO ACADÊMICO DO CURSO DE EDUCAÇÃO ARTÍSTICA NA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ NA DÉCADA DA SUA IMPLANTAÇÃO, 1970 E SEU DESENVOLVIMENTO NAS DUAS DÉCADAS SUBSEQUENTES, 1980 E 1990.	65
2.4. A PRÁTICA DOCENTE NO CURSO DE EDUCAÇÃO ARTÍSTICA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ.....	74
CAPÍTULO III: RELATOS DOS COLEGAS E DE ANTIGOS ALUNOS SOBRE A PRÁTICA DOCENTE DO PROFESSOR-ARTISTA AFRÂNIO PESSOA.....	80
3.1. A PRÁTICA DOCENTE NO CURSO DE EDUCAÇÃO ARTÍSTICA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ.....	81
3.2. O RELATO DOS ANTIGOS ALUNOS SOBRE A PRÁTICA DOCENTE DE AFRÂNIO PESSOA.....	92
3.3. O RELATO FEITO POR COLEGAS PROFESSORES, COORDENADORES E DIRETORES DE AFRÂNIO PESSOA SOBRE A SUA PRÁTICA DOCENTE	107
3.4. AUTO RELATO DE AFRÂNIO SOBRE SUA PRÁTICA DOCENTE... ..	110
3.5. O ATUAL CURSO DE ARTES VISUAIS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ NA VISÃO DA COORDENADORA E DOS ALUNOS.....	122
CONSIDERAÇÕES FINAIS	137
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	141

INTRODUÇÃO

Fui criada por professores, convivi com adultos, desde menina frequentei roda de professores universitários e aprendi que a cultura era fundamental para as nossas vidas. Tanto que costumava ir à Universidade Federal do Piauí (UFPI) para assistir aulas do curso de História, especialmente da disciplina **Expressões Folclóricas** ou a aulas de **História da Arte**. Desde então, a cultura popular e as festas populares na minha imaginação sempre tiveram cheiro e sabores especiais. Mas tarde, frequentei muitas aulas de arte e pintura, inclusive tive oportunidade por várias vezes de ajudar a arrumar as exposições de arte na UFPI e depois na galeria do Teatro 4 de setembro. Conforme relatei acima, na minha vivência com adultos professores sempre ouvia e tinha interesse nas histórias de outros países e na cultura dos povos que lá habitavam. Embora não entendesse. Mas, achava bonito ver as pessoas descreverem a arte e a cultura dos outros.

Para uma melhor compreensão de quando e porque (re)nasceu meu interesse pelas artes, regresso ao ano de 1993, mês de agosto, momento em que me foi concedida a oportunidade irrecusável de viajar à Terra Santa e a outros países, em que tive contato com cultura e hábitos francamente distintos dos brasileiros, as visões de obras de arte sacra, locais religiosos que existem há mais tempo do que o Brasil tem como nação despertaram e aguçaram meu interesse. O conhecimento que possuía até então era por mim estudado no ensino fundamental, médio e nas revistas da **Geográfica Universal**, da editora Bloch, em [uma] imitação das da **National Geographic**. O curso de licenciatura em história aprofundou o meu conhecimento, que ampliei com essa viagem, ao vivenciar *in loco* as paisagens, cultura e hábitos do povo de Israel. Sem dúvida, superior a qualquer leitura. Viajar à Terra Santa foi a concretização de um sonho. Logo se despertava a vontade de conhecer a África, Ásia e a Europa, continentes que efetivamente visitei, nessa mesma viagem, ao conhecer países como: Egito, Grécia, Itália, França, Espanha e Portugal. Vários lugares, muitos templos, não especificamente santuários religiosos europeus, mas, também museus, livrarias e espaços culturais. Nestes países existem obras de inegável grandiosidade. Considerando cada um desses espaços geográficos escolhi alguns deles para mencionar. Certamente todos nós conhecemos, pelo menos através de terceiros, na Europa e no Brasil, o monumento aos Descobrimentos ou Padrão dos Descobrimentos, na cidade capital de Portugal, Lisboa, monumento que marca o local de em que partiram as naus que navegariam, primeiro, para o Norte de África e, mais tarde, chegariam às costas brasileiras. Os portugueses, que então partiram de Lisboa, alguns dos percursos da globalização.

O Padrão dos Descobrimentos localiza-se na freguesia de Belém, Lisboa. Mais ao norte temos o Mosteiro da Batalha ou Abadia de Santa Maria da Vitória, situado na vila da Batalha. Mais adiante, em Ourém, encontra-se o Santuário Mariano de Nossa Senhora de Fátima. Todos os espaços descritos são simultaneamente locais de arte, no mais amplo sentido da palavra e de homenagem. Estes espaços são arte porque representam, se não construção arquitetônica própria de uma época, ao menos a referência plástica do que significam para a memória de uma nação que haveria de dar “mundos ao mundo”, e história porque referências fatuais de empreendimentos cujas consequências hoje, por exemplo, se chamam, entre outras possíveis designações, Brasil, (nação que já teve, em sua designação de origem, do tupi-guarani: Pindorama, significando a Terra das Palmeiras. Com a chegada dos europeus, Cruzeiro do Sul, logo que Cabral aportou nestas terras, depois, Terra de Vera Cruz (1500 a 1501), Terra de Santa Cruz (1501 a 1503) até que, a partir desta última data subsiste, até aos dias que correm, a designação Brasil (mesmo tendo experimentado períodos de Império (1824 a 1891) e, iniciada a República, primeiro, Estados Unidos do Brasil (1891 a 1969), data última esta a partir da qual a nação tem como nome oficial República Federativa do Brasil). A construção desses espaços foi idealizada para que visualizássemos a sua representação da forma como hoje a visitamos. São todas criações humanas. A Espanha, Madri, possui excelentes museus: Prado e Rainha Sofia; Barcelona tem, entre outros, o Museu Nacional de Arte da Catalunha e a Fundação Juan Miró. Na Itália bem se respira arte, é um museu a céu aberto. Roma, a Basílica de São Pedro, por si só tem reconhecido valor, como também, pelos artistas renomados Michelangelo, Rafael, Bernini e tantos outros se imortalizaram através do seu trabalho.

Em 2000 obtive minha primeira pós-graduação e, novamente no mês de agosto surge nova oportunidade irrecusável: acompanhar o artista plástico, Afrânio Pessoa, motivo de interesse do estudo que pretendo levar por diante, a um deslocamento dentro do Brasil, ao Rio Grande do Sul, a visitar uma exposição coletiva. Nessa exposição estavam os mais renomados artistas brasileiros e pude ver, pude escutar as suas conversas na Galeria, aprendendo com o que cada um deles pensava sobre as diversas correntes artísticas, bem como, busquei aproximar o máximo possível sobre o que cada um deles pensava de suas vidas cotidianas, principalmente dois desses artistas, Lourdes Barreto e Afrânio Pessoa, incidindo, também sobre suas práticas letivas. Então, ainda não estava despertada para frequentar um curso de arte, mas já considerava vivamente a possibilidade de me candidatar a um mestrado em História.

No decorrer do ano de 2002, data em que surge, ofertado pelo Instituto Camillo Filho um curso de especialização em História de Arte e da Arquitetura, levou-me a sair do curso de Especialização em História do Piauí, para cursar a de História da arte. Um “novo mundo” se descortinaria para mim. Ao Final do curso era obrigatória a elaboração de um trabalho em grupo e cuja apresentação para análise e apreciação dos nossos colegas e dos nossos docentes. Esse exercício ocorreu em dezembro de 2002 e, tive como parceira para meu trabalho uma antiga aluna de Afrânio Pessoa, Maria Helena Ferreira da Costa. O título do trabalho que conjuntamente elaboramos foi: **Afrânio Pessoa: análise da atual fase do artista.**

De 2002 para cá não tenho feito outra coisa senão procurar e catalogar os convites, as fotos do acervo, procurar os desenhos e tudo o mais que remete à vida artística do professor artista piauiense Afrânio Pessoa. Escrevi vários artigos a respeito da obra deste artista. Entretanto, não havia pensado em escrever nada a respeito do Afrânio, Professor. Essa ideia surgiu em 2005 quando uma colega Maria das Mercês Andrade me instigou a concorrer ao mestrado em Educação da UFPI. Anuí. Mas qual projeto apresentar para a banca? Aqui, finalmente, pensei: porque não trabalhar o outro lado do Afrânio Pessoa? Trabalhá-lo como Professor? Desde 2005 mudei meu foco, não meu objetivo de cursar o mestrado. Não mudei meu objeto de estudo, Afrânio Pessoa. Só que meu foco passa a ser a educação, história de vida e história de vida profissional. Perspectivada nesse caleidoscópio artístico e profissional docente, vislumbrei o quão seria proveitoso e rico tecer estas vertentes nas histórias de vida, que:

Apesar de todas as fragilidades e ambiguidades, é inegável que as histórias de vida têm dado origem a práticas e reflexões extremamente estimulantes, fertilizadas pelo cruzamento de várias disciplinas e pelo recurso a uma grande variedade de enquadramentos conceituais e metodológicos (NÓVOA, 2007.p. 19).

Como evidencia Nóvoa (2007), a despeito de algumas possibilidades desfavoráveis das histórias de vida, os ganhos que daí podem advir são muito maiores em função dos entrecruzamentos disciplinares, conceituais e metodológicos. Tal afirmação favorece a assumirmos postura otimista, no sentido de que este processo de investigação adensará e expandirá fronteiras sobre o que existe publicado até agora, sobre o professor artista Afrânio Pessoa.

Nessa linha, com o intuito de promover estudo denso e profundo sobre este professor artista, tem sido meu interesse procurar e catalogar fotos de acervo, desenhos e tudo que possa descobrir e que tenha a ver com a vida artística deste Artista Professor piauiense, Afrânio Pessoa. Escrevi alguns artigos a seu respeito e que retratam sua obra. Espero que os mesmos possam servir para o estudo que

proponho sobre **Afrânio Pessoa**: quando os pincéis pintam a profissão e fazem escola. Antes deste que se constitui em estudo dissertativo, o que qualifiquei e me permitiu avançar a este momento foi: **Afrânio Pessoa. Um Artista Professor Piauiense**: seu percurso na Universidade Federal do Piauí (UFPI. 1979-2000).

Como afirmei anteriormente, Afrânio foi objeto de uma série de artigos por mim escritos. O principal motivo que me leva a escrever sobre este professor artista é ele ser brasileiro, piauiense, que retrata, com orgulho, as características do povo brasileiro, [especialmente]. Por isso, discorrer sobre o Professor de arte que participou da fundação do curso de arte da Universidade Federal do Piauí (UFPI), que mais tarde viria a ser Licenciatura em Educação Artística é importantíssimo, porém, não menos importante do que aproximar esta história das produções e do artista residente no Piauí, em Teresina sua terra natal, seja através de lendas, lenda de Zabelê¹ e Cabeça de Cuia². Atualmente, Afrânio Pessoa mais apresenta, nos seus trabalhos, o cotidiano, a religião, procissões, das lamparinas, peças tão comuns nas fazendas ou casas do interior, dos pedidos tão característicos da religiosidade do povo brasileiro, especialmente do povo nordestino à figura “humana”, de pessoas antes ao serviço da Igreja Católica, hoje elevados à condição de santos pelo povo nordestino, mesmo não sendo necessariamente beatificados, mas a quem o povo recorre para pedir milagres como, por exemplo, ao Padre Cícero, (“Padim Ciço” como é popularmente chamado) e São Francisco. Na hora das necessidades, o povo não distingue a origem do credo destas pessoas a quem recorre para alívio de suas dores ou, simplesmente, para pedir chuva. Está clara a

¹Zabelê: Era a filha do chefe da tribo dos Amanajós. Ela amava Metara, índio da tribo dos Pimenteiras, terríveis inimigos dos Amanajós. Zabelê e Metara se encontravam secretamente. Mas Mandaú desconfiou daquelas andanças. É que ele vivia magoado com Zabelê, porque se via preterido por um inimigo e nunca conseguia que seu amor fosse correspondido. Mandaú descobriu o local do encontro dos dois. Certa vez resolveu levar algumas testemunhas para desmascarar Zabelê. Os dois amantes foram surpreendidos, surgindo uma briga generalizada. Depois de tanta luta, morrem Zabelê, Metara e Mandaú. O fato deu origem a outra guerra que durou sete sóis e sete luas. Mas Tupã teve pena dos dois amantes e resolveu transformá-los em duas aves que andam sempre juntas e cantam tristemente ao entardecer. Mandaú foi castigado e transformado num gato maracajá, que anda sempre perseguido pelos caçadores (por causa do valor da sua pele). Zabelê vive cantando ainda hoje a tristeza do seu amor infeliz.

²Cabeça -de -Cuia : Contamos anciãos que Crispim era um pescador que vivia da pesca nas águas do Rio Parnaíba e habitava as suas margens, nas imediações em que o rio recebe as águas do Rio Poti, na zona norte de Teresina. Morava com a mãe já velha e adoentada.

Certa vez, depois de passar um dia inteiro sem nada conseguir pescar, Crispim volta para casa cheio de frustração e revolta. Pede à mãe alguma coisa para comer e esta lhe serve o que pode: uma rala sopa de osso. Irritado, Crispim grita que aquilo é comida para cachorro e, em seguida, pega o osso e parte para cima da mãe, atingindo-a várias vezes.

Desesperado, o pescador sai correndo porta a fora e joga-se nas águas do rio, enquanto a mãe, agonizando, lança-lhe uma maldição: haveria de se transformar num terrível monstro, que só descansaria quando lhe forem sacrificadas 7 virgens chamadas Maria.

Crispim vira o Cabeça-de-Cuia, que surge do fundo das águas para assustar as lavadeiras e ameaçar os pescadores que pesquem em excesso, além do que precisam. Dizem que, durante a noite, o Cabeça-de-Cuia se transforma num velho e sai vagando pelas ruas de Teresina.

mistura da credence popular, fruto da miscigenação³ e da constituição do povo brasileiro. Eis um dos motivos porque o povo brasileiro é único. Aspectos que para outros povos são razão e motivo para divisões, para o brasileiro não serve de amálgama. No Brasil, o convívio com a diferença é uma realidade, porém, é um país unido nessa diferença, verifica-se a unidade na diversidade, o que, não nego, me orgulha enquanto brasileira. Especialmente a riqueza cultural do nordestino Povo Piauiense ao qual pertenço e orgulho-me.

Estudar, pesquisar a vida de Afrânio Pessoa enquanto Professor me dá uma alegria, pois abre caminho para mergulhar nos seus conhecimentos e proporciona descortiná-lo enquanto pesquisador ao mesmo tempo em que me fez aproximar e atentar para a vida do Artista Professor em seus meios de atuação. Para tanto, recorri a contatos com pessoas que lidaram de perto com Afrânio, através de entrevistas e de questionários. Mais adiante procurei ser o mais objetiva quanto ao meu universo e os meus sujeitos, bem como, ao tipo de entrevistas e de questionários apresenta dos aos colaboradores deste estudo. Procedi, como que disse Alberti para guiar-me nesta trajetória metodológica que,

Para alcançar esse objetivo, foi considerado mais apropriado realizar entrevistas de história de vida, que se estendem por várias sessões e acompanham a vida do entrevistado desde a infância, aprofundando-se em temas específicos relacionados aos objetivos da pesquisa (2006, p. 161).

Assim sendo, logo nas primeiras incursões e cruzamentos de dados, registros, documentos e memórias conduziam a um ponto comum. Memória de um cotidiano que acaba por resvalar para a universidade, espaço de estudo, que contribuiu para a formação de professores, arte educadores ou artistas. “As histórias de vida não falam sozinhas, sendo necessário enquadrá-las no contexto em que se desenvolvem, ou seja, avaliar todo um conjunto de significações que formam a vida cotidiana” (POZZI e CORRADI, *apud* SPINDOLA e SANTOS, 2007, p.122).

Com a adoção das histórias de vida entremeadas às histórias de formação Demartini chama a atenção:

“Das histórias de vida às histórias de formação”, chama a atenção para o fato de que o retorno ao biográfico e aos relatos de vida indica uma mudança no campo geral da investigação e da reflexão contemporânea nas ciências humanas; na produção do conhecimento, pois os sujeitos ganham vida, suas experiências e

³A miscigenação do povo brasileiro tem, num primeiro momento, a seguinte proveniência: branca, originária de vários pontos da Europa, sendo possivelmente o mais significativo, Portugal; negro, com origem em vários pontos de África, de em que vieram trazidas pessoas para trabalharem como mão de obra escrava no Brasil; os povos autóctones, os índios. Todas estas etnias tinham suas características próprias, desde a língua, religiosidade, musical, artística e cultural. Num segundo momento, deve acrescentar-se contribuição a este caldeirão de mistura de etnias de pessoas provenientes da Ásia, especialmente da China e do Japão que, com características trazidas de seus pontos de origem, hoje constituem um Brasil múltietnico, multicultural, plurifacetado no seu fazer e no seu modo de ser.

memórias ganham força. No campo educacional, educadores e educandos são pensados como sujeitos ativos que constroem conhecimento através das relações dialógicas que estabelecem (2008, p.10).

A partir destas considerações, torna-se necessário identificar e construir a prática docente de Afrânio Pessoa atrelada ou associada à formação dos seus alunos. Percebe-se aqui que esta história de vida na área educacional pode ser feita como sugere Demartini:

A reflexão sobre as histórias de vida no campo educacional pode/deve ser realizada pelo próprio sujeito (o conhecimento de si) ou por outros, através de pesquisa comparativa (2008, p.10).

Afrânio Pessoa insere-se no último caso, e assim será estudado no presente trabalho: Afrânio apresentado por pessoas que com ele lidaram e, Afrânio foi apresentado nesta investigação sob dois enfoques ou olhares: o dos alunos e colegas de trabalho e sob seu próprio olhar.

Para a elaboração desta dissertação, baseei-me em documentos como: Diários utilizados em sala de aula, Projetos Pedagógicos, Currículo de Educação Artística (1977, 1985 e 1996), Planos de Curso, Fluxogramas Curriculares do curso de Educação Artística (plástica) nas décadas de 1970, 1980 e 1990; material didático, Currículo do Curso, Projeto de Aperfeiçoamento os processos de ensino e de aprendizagem, Programas das disciplinas, trabalhos de pesquisas de alunos, caso seja necessário ilustrar, telas a óleo ou outra técnica utilizada pelo docente com seus alunos. Utilizei, ainda, fotografias tiradas em sala de aula ou não, mas que tenham a ver com a sua prática de ensino nos anos em que lecionou na Universidade Federal do Piauí (UFPI). O material iconográfico foi assim dividido: análise do ensino de arte na UFPI, a partir da prática docente de Afrânio Pessoa e do objeto artístico do Professor na educação em nível superior em arte, na cidade de Teresina, nos anos de 1980 a 2000.

Utilizei fontes primárias, como produção de entrevistas com perguntas abertas com o artista e docente Afrânio Pessoa, gravei imagens, bem como realizei entrevista estruturada com uma Professora da UFPI e antiga aluna de Afrânio. Com um grupo maior, no caso, os antigos alunos, apliquei questionários fechados dando ênfase à relação professor aluno e às ideias lançadas por Afrânio Pessoa, no decorrer da sua prática docente, na Universidade Federal do Piauí, aos seus antigos alunos, hoje Professores de várias instituições de ensino ou artistas plásticos. Analisei as entrevistas e os questionários aplicados aos colegas, alunos, coordenadores e diretores por via de um cruzamento de informações conseguidas através do material recolhido. Dessa forma pude comparar o que o Artista Professor

realizou com o que hoje fazem seus antigos alunos e o que pensam professores e alunos do curso de Educação Artística da UFPI, hoje pensam da atuação de Afrânio Pessoa como Artista Professor piauiense.

Daí, então, segui com o estudo do ensino de arte na UFPI, a partir da prática docente de Afrânio Pessoa. Fundamentada nos livros **Memória e sociedade**: lembranças de velhos (2001) e **Usos & abusos da história oral** (2006), trabalharei com a história de vida do Professor Artista Afrânio Pessoa.

A escolha do tema deu-se a partir do meu interesse em arte. Depois de ter cursado duas especializações uma **História da Arte e da Arquitetura** e a outra em **Cultura Visual e Metodologia do Ensino das Artes**. Além da vivência com professores universitários de arte, que me criaram e educaram-me com olhar voltado à educação principalmente para a cultura e as artes. E por ter vivenciado o meio, nada mais natural penso eu que interessar-me pelo estudo das artes. Além disso, sempre frequentei as aulas de arte, desde menina no SG 9, próximo ao curso de medicina. Enquanto aluna do curso de história continuei a frequentar as aulas do Professor Afrânio no CCE da UFPI, e desde 2000 costumo acompanhá-lo às exposições de arte nas quais ele participa e tendo desde esse tempo começado a juntar folders, convites, recortes de jornais, revistas que mencionavam o mesmo artista e tendo trabalhado com ele Artista Professor no artigo final da especialização de **História da Arte e Arquitetura no Piauí**. Pensei em levar ao mestrado o tema Afrânio, foi quando resolvi enveredar pela Ciência da Educação e dessa forma estudar o Artista Professor por uma ótica educacional. Seria a investigação do Professor. Adotei assim a perspectiva da história de vida. História porque é a minha licenciatura de formação e sendo história de vida umas das abordagens metodológicas trabalhadas na educação, porque não trabalhar com história de vida do Artista Professor Afrânio Pessoa, que participou da formação de gerações de artistas e professores de arte no Estado do Piauí, especialmente na Universidade Federal do Piauí na qual lecionou de 1979 a 2000?

No livro, **Usos & abusos da história oral** (2006), o autor assim nos relata: “Uma vida, uma vida é inseparavelmente o conjunto dos acontecimentos de uma existência individual concebida como uma história e o relato dessa história” (BOURDIEU 2006, p.183).

Uma passagem no Livro **Memória e Sociedade**: História de Velhos (2001) me faz ver a importância da história de vida. O quanto nós devemos guardá-la para que à posteridade todos possam saber que a memória é fundamental para o conhecimento do que e de quem somos. Éclea Bosi (1994) reforça bem o porquê de

se lutar pelo velho, de se preservar o passado e preparar o presente. Segundo Chauí (*apud* BOSI, 1994).

Desenvolvi o meu estudo dentro das linhas apresentadas anteriormente, procurando, com isso, descobrir mais sobre Afrânio Pessoa e, nessas descobertas, pude trazer algum contributo para o ensino da Arte não apenas nas Universidades e faculdades do Piauí que ofereçam essa área do saber a quem a procure, mas, também, com este estudo mostrar como a Arte é parte de fundamental importância para a preservação da memória visual de um povo.

No capítulo a seguir, trataremos sobre o contributo de Afrânio Pessoa para o curso de Educação Artística, da UFPI.

Avanço, agora, para a apresentação do meu trabalho e sua constituição.

O capítulo um trata de um esboço da Micro história artística e educacional afraniana, a qual pode ser dividida em dois tópicos. Memória e história oral: uma que consiste na trajetória de vida de Afrânio, a pessoa, e, a outra em Afrânio Pessoa Artista e Professor. Esta última põe em relevo o lado profissional, em ambos os caminhos - artista e docente. Este capítulo permite que o leitor tenha ideia da complexa formação que engendra Afrânio enquanto pessoa, pintor e professor, isto é, como estas instâncias estão imbricadas entre si.

É importante lembrar que Afrânio Pessoa precede e inventa o Artista e em seguida estes dois reinventam o Professor. Contudo, é notória a prevalência do Artista sobre o Professor na história de vida de Afrânio o bacharel em Belas Artes, com curso seriado em Pintura, sua formação acadêmica.

O Afrânio enquanto Pessoa, ser humano tem sua vida voltada aos movimentos culturais e artísticos. Embora tenha trabalhado na alfândega do Rio de Janeiro, aquele Afrânio frequentava os espaços de sociabilidades artísticas, tais como: Teatro Municipal do Rio de Janeiro em que assistia ópera na torrinha, de acordo com o próprio artista. Em outras ocasiões, assistia a espetáculos e peças teatrais no teatro Rival ou Teatro Ginástico Português. Mais esporadicamente, nos finais de semana, às vezes, ia à gafieira na lapa, Praça da República, para assistir os dançantes no sereno⁴.

Observamos que o lado artístico e cultural prevalecia. As livrarias eram outro local frequentado pelo artista que passava horas á procura de livros, novidades da bibliografia dos grandes artistas na sua maioria expressionistas que

⁴ Sereno: Era o espaço fora das gafieiras, o espaço descoberto em que as pessoas que não podiam pagar ficavam olhando, espreitando os salões de dança das gafieiras em que artistas e dançarinos iam nos finais de semanas para dançarem, espairecer.

adquiriu e que fazem parte do seu acervo bibliográfico juntamente com tantos outros livros bibliográficos de artistas e santos. É um híbrido dois mundos. Talvez daqui venha a ideia dos seus trabalhos, em que o sagrado e o profano se alternam ou coexistem, evidenciando a sua formação e a sua vida artística.

Como partida para escrita da dissertação, temos a memória do Artista e depois Professor, as escritas e anotações em seus diários de classe. Estes diários abordavam os temas estudados, na sala de aula, nas diversas disciplinas por ele ministradas, durante os vinte anos em que exerceu a cátedra no Departamento de Educação Artística (DEA), da Universidade Federal do Piauí.

O capítulo dois retrata os referenciais teórico–metodológicos e o uso da multirreferencialidade na construção do objeto de pesquisa. Mencionando os autores e seus conceitos que dão sustentação a meu trabalho. Ainda no mesmo capítulo falo do Projeto Pedagógico: Curso de Educação Artística no Ensino Superior. Além do currículo do Curso de Educação Artística da UFPI à sua época.

O capítulo três traz relato e auto relato. Relatos dos colegas professores denominados de professores A, B, C, D, E, F e G e de Antigos alunos denominados Alunos A, B, C,D, E,F, G, H e I sobre a Prática docente do Professor-Artista Afrânio Pessoa. Na divisão o capítulo fica assim dividido: o relato dos nove antigos alunos sobre a prática docente de Afrânio Pessoa; o relato feito por sete colegas professores, coordenadores e diretores de Afrânio Pessoa sobre a sua prática docente. Auto relato de Afrânio sobre sua prática docente. Além do relato de quatro atuais alunos denominados Alunos AB, CD, EF e GH do curso de artes visuais a respeito do curso hoje. Outro subsídio consiste no atual curso de Educação Artística da UFPI, sendo que os relatos todos foram submetidos à análise de conteúdo.

E por fim, a investigação encerra com a apresentação das considerações finais sobre o Artista Professor enredado no contexto da prática docente em arte, do curso de Licenciatura em Educação Artística.

CAPÍTULO I:
A TRAJETÓRIA DE AFRÂNIO PESSOA PARA O CURSO
DE EDUCAÇÃO ARTÍSTICA DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DO PIAUÍ

1.1. MEMÓRIA E HISTÓRIA ORAL: TRAJETÓRIA DE VIDA.

Este primeiro capítulo está dividido em dois tópicos: o primeiro é referente à memória e história oral, trajetória de vida. O segundo tópico será o tratamento de Afrânio Pessoa, enquanto Artista e Professor. É sempre oportuno evidenciar a memória, para tanto, apresento as palavras do autor abaixo.

Não esqueçamos que a memória parte do presente, de um presente ávido pelo passado, cuja percepção “é a apropriação veemente do que nós sabemos que não nos pertence mais” (NORA, *apud* BOSI, 2003, p.20).

Dessa forma, convém olhar um pouco sobre a história de vida do Artista Professor a fim de melhor entendermos sua trajetória junto ao Curso de Licenciatura em Artes Plásticas da UFPI.

Um princípio generalizadamente aceite sem grandes dúvidas é a de que as famílias quererem o melhor para os seus filhos. Quando se trata de lhes proporcionar a escolaridade, esta realidade não deixa de ser fator importante também. A família de Afrânio Pessoa não fez diferente. Seu pai sonhava para seu filho primogênito uma profissão boa e que proporcionasse retorno financeiro estável, um futuro tranquilo. Estudar medicina no Rio de Janeiro, capital Federal do Brasil à época. Nos anos de 1940 a 1950, o Rio de Janeiro era a sede do Distrito Federal. Com esse objetivo em mente e chegado à idade de entrar para a Universidade, Afrânio partiu de Teresina para estudar no Rio de Janeiro Distrito Federal do Brasil, local em que a concentração dos poderes naquele espaço contribuíra para a proliferação de veículos de comunicação e centralização das principais discussões nacionais (LEAL, 2010).

O Rio de Janeiro da primeira metade do século XX foi o centro nevrálgico do Brasil e o local de sociabilidades e que movimentava a cultura, educação e a economia brasileira. Podemos ver que o Rio de Janeiro da década de 1950 era visitado de variadas formas, mas na visão dos estudantes, era algo fora do real, como um sonho a ser conquistado. Para tanto, a universidade necessitava de uma reestruturação para atender às necessidades da sociedade, como podemos observar na citação a seguir.

O crescimento da instituição ocorre, tão somente, em função de pressões da sociedade pelo aumento do número de vagas e pela multiplicação desordenada das unidades, muitas delas surgidas para resolver conflitos de interesses entre catedráticos no interior das já existentes. Ou seja: os vícios de origem e a falta de planejamento dos anos 20 permanecem intactos [...]
Fragmentada, do ponto de vista acadêmico, dispersa do ponto de vista geográfico, elitista e bacharelesca, voltada quase que exclusivamente para a formação profissional, a Universidade desconhece quase que completamente a docência em regime de dedicação exclusiva e a pesquisa (UFRJ - HISTÓRIA).

O Rio de Janeiro funcionava para os estudantes e os seus familiares que buscavam uma melhor educação nas universidades cariocas. Em tal procedimento, podemos traçar, ainda que grosso modo, linha equivalente da cidade Rio como a Europa funciona hoje para nós estudantes brasileiros, que buscamos conhecimentos nas universidades europeias, um centro cultural e educacional em que os pais enviam seus filhos para cursarem graduação e pós-graduações nas universidades europeias e façam a diferença no meio em que vivem.

A distinção entre passado e presente é um elemento essencial da concepção do tempo. É pois, uma operação fundamental da consciência e da ciência históricas. Como o presente não se pode limitar a um instante, a um ponto, a definição da estrutura do presente, seja ou não consciente, é um problema primordial da operação histórica (LE GOFF, 1996, p.203).

Como pode se observar, a sociedade continua a procurar conhecimento e melhores condições de adquiri-los. Se há sessenta anos atrás se ansiava por estudar no Rio de Janeiro, hoje os anseios por conhecimentos continuam e ultrapassam a fronteira do Brasil. Hoje se busca o conhecimento na Europa e nos EUA. Não há limites para a busca de conhecimentos educacionais e culturais.

Tanto que o artista buscou realizar seus anseios no meio artístico, e cultural maior e, mais conhecido à época.

De acordo com Afrânio, ir residir no Rio era um sonho acalentado por muitos jovens piauienses da sua geração. Imagine Teresina, capital do Estado do Piauí, um dos nove estados do nordeste. Se ainda hoje dentro do Brasil é visto com “certo” preconceito, imagine-se no final das décadas de 1940, 1950 inícios de 1960. O Piauí, Teresina não passava de um rincão, um estado pobre, um curral. Faço referência a curral porque durante muitos séculos o Piauí exportou gado para todo o Brasil. E também menciono a política dos coronéis que punham e tiravam do poder os seus apadrinhados. São realidades da história da política brasileira.

Qualquer curso seria benquisto desde que fosse para ser frequentado no Rio. Principalmente um curso de medicina, seguido do de engenharia. Este era o pensamento de uma parcela dos jovens que sonhavam em lá morar.

A ideia de metrópole moderna no Rio de Janeiro foi se completando neste momento, quando as condições materiais da industrialização capitalista já se achavam colocadas, assim como a estruturação da vida nas cidades com a prática do consumo, a ascensão das camadas médias e de pequeno burguesas e a consolidação de uma cultura de massas, além de uma vida cultural e uma ambiência cosmopolita cheia de contradições, em que as desigualdades sociais

estavam expostas nas multidões próprias ao meio urbano (PEREIRA, 2005, p.4 e 5).

Afrânio vai tomando gosto pelas artes à medida que passava na frente da Escola de Belas Artes. Ficava olhando os alunos que tinham aulas e que copiavam alguma estátua, ou mesmo a paisagem da Rua Araújo Porto Alegre, no centro da cidade do Rio de Janeiro, assim o então estudante secundarista começou a se interessar por uma profissão que viria a ser sua musa, a pintura. No trajeto que Afrânio fazia pela manhã rumo ao seu trabalho, deparava-se com a Escola Nacional de Belas Artes da Universidade do Brasil (ENBA) e algo de extraordinário o surpreendia: a cena do burburinho dos alunos do curso de Arte. Ficava a admirar o espetáculo, aquilo o encantava, fascinava.

Os fenômenos da memória, tanto nos seus aspectos biológicos como nos psicológicos, mais não são do que os resultados de sistemas dinâmicos de organização e apenas existem “na medida em que a organização os mantém ou os reconstitui” (LE GOFF, 1996, p. 424).

Afrânio Pessoa quis profissionalizar a sua paixão pela pintura, resolve prestar vestibular para Belas Artes. De acordo com suas recordações ele narra:

Isso aconteceu segundo o próprio pintor, em meados de agosto de 1955. Rapidamente procurou saber dos testes e provas, datas e de como elas aconteciam. No ano seguinte, passou em segundo lugar, para cursar cinco anos de estudos teóricos, apreensão de técnicas e exploração de materiais, além de mais de três anos equivalentes a pós-graduação, em que conquistou as medalhas de prata e de ouro (DIAS e COSTA, 2005, p.165).

Afrânio presta vestibular em 1953 e não em 1955, como transcrito acima na **Revista Piauí História da Arte e da Arquitetura no Piauí**. Isso fica esclarecido com o diploma de conclusão do curso que é datado de 1958. Nesse diploma está a informação de que o curso tinha a duração de cinco anos. De acordo com Saviani (2008), no Brasil, de 1947 a 1961 existia a Pedagogia Nova e, de 1961 a 1969 verificou-se a articulação da Pedagogia Nova para a Pedagogia Tecnista.

Os cinco anos de curso da ENBA aconteceram sem que correspondessem a qualquer pedagogia conhecida, porque estive na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e, ao consultar materiais da época, em nenhum percebi se se tratava de Pedagogia Nova ou de Pedagogia Tecnista. Entretanto, os arquivos da ENBA encontram-se lacrados no Museu Dom João VI, no mesmo andar em que funciona o atual curso da EBA. Nos anos de 1947 a 1961 verifica-se o predomínio da pedagogia nova. Porém, não posso cometer um ato leviano de afirmar que esta pedagogia era utilizada na Escola. Já nos anos de 1961 a 1969 vivia-se uma fase de transição da pedagogia nova para

a pedagogia tecnicista. Neste período Afrânio cursa sua pós-graduação. Em nove de dezembro de 1963 recebe o prêmio de Medalha de Ouro. O que equivale, no curso de pós-graduação, à titulação de Mestre. Vejamos explicação sobre pós-graduação⁵.

Como aluno da ENBA, Afrânio Pessoa Castelo Branco foi aluno de um dos pioneiros do expressionismo nacional, o professor Henrique Cavalleiro, que por seu turno, fora aluno de Eliseu Visconti, introdutor do impressionismo no Brasil (COELHO, 2003, p.47).

Afrânio foi aluno de Cavalleiro e via no mestre um dos expoentes do ensino da ENBA. É sem dúvida o Professor mais admirado por Afrânio e aquele a quem o artista se refere com mais carinho. Talvez Afrânio tenha a figura do mestre Cavalleiro como um ícone no qual se inspirou para realizar sua cátedra, trajetória como Professor da UFPI. Podemos perceber sua admiração pelo Professor nas suas narrativas. O discurso de Afrânio se enquadra bem no que nos refere Abrahão:

Em se tratando de pesquisa na área educacional pode-se explorar, por meio do método de História de vida, a dinâmica de situações concretas por meio de narrativas em que afluem as percepções de sujeitos históricos (2008, p. 17).

Afrânio tem certo saudosismo quando faz menção às aulas de pintura, modelo vivo e brinca ao referir-se a uma colega que se destacava no desenho (croquis) cópia rápida feita de impulso e que requer muita agilidade por parte do desenhista. “A Mara Meneses era ótima nessa modalidade. Ela deitava no chão e copiava rapidamente determinado ângulo. Nós ríamos muito daquele jeito dela de ser e se portar nas aulas. Jeito informal, meio louco de ser, aliás, a Mara era despojada mesmo. Íamos muito estudar na casa dela em Copacabana” (PESSOA).

Os estudantes da ENBA tinham alguns pontos de encontros em que conversavam e trocavam ideias a respeito do curso. “O chopp com batata frita era

⁵ Os cursos de Pós-graduação no Brasil são do início da década de 1930. Onde se propunha instalação da pós-graduação nos moldes europeus. De acordo com Santos:

Na década de 1940 foi pela primeira vez utilizado formalmente o termo "pós-graduação" no Artigo 71 do Estatuto da Universidade do Brasil. Na década de 1950 começaram a ser firmados acordos entre Estados Unidos e Brasil que implicavam uma série de convênios entre escolas e universidades norte-americanas e brasileiras por meio do intercâmbio de estudantes, pesquisadores e professores.

O grande impulso para os cursos de pós-graduação do Brasil só se deu na década de 1960. Já no início da década houve uma iniciativa importante na Universidade do Brasil na área de Ciências Físicas e Biológicas (seguindo o modelo das *graduate schools* norte-americanas), resultado de um convênio com a Fundação Ford, e outra na mesma universidade, na área de Engenharia, com a criação da Comissão Coordenadora dos Programas de Pós-Graduação em Engenharia (COPPE).

uma tradição na Cinelândia, as escadarias do Teatro Municipal lá esperavam a escola abrir e conversavam” (PESSOA).

1.2. AFRÂNIO: PERCURSOS PARA A ARTE E PARA O ENSINO

As primeiras produções pictóricas datam da década de sessenta. Sua obra é toda de cunho figurativo e a temática debruça-se sobre duas perspectivas: o profano e o sagrado, às vezes independentes, às vezes interdependentes, num jogo auspicioso de formas e significados (DIAS e COSTA. 2005).

Conforme as palavras de Dias e Costa (2005), a primeira exposição formal que o Artista Professor fez foi em 1965, na *Galeria Chica da Silva*, situada na Avenida Nossa Senhora de Copacabana, 1146, no Rio de Janeiro. O Crítico de Arte do **Jornal do Brasil**, Walmir Ayala assim descreve o que o público veria:

O exemplo da pintura de Afrânio, este expositor estreante e vigoroso, revela um positivo momento desta volta à fonte. Seria vago e superficial, diante de uma pintura com tanto de subterrâneo, conjecturar sobre técnica, filtragem, fases etc. Afrânio, este piauiense de olhar manso, lúcido e bom, está comprometido com a fábula de Cristo, que é a fábula do homem e a revelou exatamente sob o ângulo da alegria, do movimento dramático, da serena penitência, da coletiva comunicação (CONVITE. Chica da Silva, 1965).

É perceptível que a crítica foi feita voltada para uma fase sagrada ou Sacra. No caso há a 1ª fase ou a fase inicial de Afrânio com temas religiosos que estarão presentes em vários momentos de sua vida. Nessa mesma fase, Afrânio interpretará a figura humana e suas dores, que se opõem à figura do Cristo. O artista percebe o Cristo humanizado, embora ciente de que o Cristo é sagrado e humano ao mesmo tempo. Ainda na primeira fase de sua longa carreira, Afrânio interpretará a figura humana e suas imperfeições em contraposição com a fé e o sagrado. O artista professor concebe a construção de um elo entre arte e realidade entre Sagrado e profano. Temática a qual ele trabalhará por sua vida e que consta de um ideal maniqueísta constante nas religiões. Não é possível saber com exatidão quantos quadros fizeram parte desta exposição individual. Entretanto, é sabido que as pinturas representando a via-sacra expostas na Igreja de Nossa Senhora de Lourdes, no Bairro Vermelha, em Teresina-Piauí faziam parte dessa amostra.

No ano de 1966, Afrânio Pessoa, o Artista, fez nova exposição individual no Rio de Janeiro, agora na *Maison de France*. Uma das galerias renomadas do Rio de Janeiro na década de 1960, de propriedade da Embaixada Francesa. Expunha artistas promissores.

Dois anos depois, em 1968, Afrânio expõe na *Galeria Raimundo Cela*, em Fortaleza. No convite dessa exposição há referência à sua participação nas Bienais de 1961 – *VI Bienal de São Paulo* e 1967 – *IX Bienal de São Paulo*. Um bom currículo para um artista em início da carreira. Muitas outras oportunidades viriam.

Walmir Ayala, em outro artigo sobre Afrânio, apresentado no **Jornal do Brasil**, em 1968, três anos após a primeira exposição de Afrânio Pessoa, nos brinda com as seguintes impressões abaixo sobre o trabalho do artista:

Um Cristo antibiótico, tem como cruz uma ampola de injeção, seu surrealismo tem definição direta, a paisagem é modesta e plebéia, os seres são fantásticos e apocalípticos.
As figuras vem nítidas, numa figuração preciosa, mas escorrega. Sua narrativa tem a síntese e o ritmo do poema. (AYALA, 1968, p.2).

Em 1968, o também jornalista do **O Globo**, Professor da UFRJ, Diretor do Museu Nacional de Belas Artes e também crítico de arte, José Roberto Teixeira escreveu no convite em mais uma exposição de Afrânio que aconteceu na *Galeria Varanda*, situada à Rua Xavier da Silveira, 59, no Rio de Janeiro:

Do ponto de vista da estrutura, seus quadros compõem-se de um fundo liso e abstrato contra o qual se delineiam as formas do primeiro plano, algo cenograficamente. A cor é expressiva, e a textura é dada com tal força que em determinados momentos chega a evocar a tridimensionalidade; a norma é, porém, a forma bidimensional despojada de volume e, por conseguinte, sem emitir sombras e sem criar planos sucessivos no espaço. (Convite *Galeria Varanda* 6/9/68).

Não sabemos se todos os quadros da via-sacra da Igreja de Nossa Senhora de Lourdes, em Teresina, foram pintados no mesmo ano, uma vez que alguns deles estão datados da década de 70. E que foram doados à Igreja posteriormente pelo Artista.

As exposições em que participa Afrânio foram se sucedendo. São exposições individuais e coletivas. A sua fama aumenta ao ponto de, em 1970 se tornar capa dos cartazes de convites para a exposição de Arte Brasileira Contemporânea, organizada pelo Ministério das Relações Exteriores (ITAMARATY).

Esta exposição, coletiva, percorreu vários países europeus. Teve a participação de 28 artistas brasileiros (Afrânio e mais outros 27), Antônio Maia (Sergipe), Fayga Ostrower (Polônia, mas, radicada no Rio de Janeiro), Píndaro Martins Castelo Branco (Rio de Janeiro) e Manabu Mabe (Japão radicado em São Paulo, Brasil). Foram sete os países europeus por em que passou esta exposição, nomeadamente: Itália, França, Suíça, Alemanha, Espanha, Holanda e Suécia. Na tentativa de obter registros documentais referentes à exposição, procurei o Itamaraty, no Distrito Federal. Não consegui que esta entidade brasileira me fornecesse alguma fonte porque não tem nenhuma. A explicação para esta ausência de documentos é a de que os mesmos se perderam quando, em 1970 o Ministério foi transferido do Rio de Janeiro para Brasília. Na falta de documentação no Brasil, procurei a seção do Itamaraty em Milão, Itália, porque o título da exposição foi: *Arte brasileira contemporânea, Consulado do Brasil, Milão, Itália*. A resposta que recebi

foi que, se não existiam documentos na Sede, em Brasília, em Milão também nada havia. Esta lacuna é uma amostra de que o Brasil tem pouca memória coletiva, tem pouco zelo por dados relativos à cultura, à arte, mesmo que esta afirmação possa provocar irritação às pessoas. A resposta que obtive nas minhas buscas, ratifica o que ora afirmo:

Fátima,
Estive no Arquivo manuseando com o colega funcionário alguns maços relativos a arte/exposições/1969, 1970 mas nada foi encontrado que pudesse corresponder quer a sua demanda - folders, catálogos, convites, materiais - sobre as apresentações da coletiva nos diversos países. Nem do pintor Afrânio, nem de nenhum dos outros.
Sugiro que você entre em contato com o Arquivo do Ministério da Cultura para ver se eles têm algo. Uma outra idéia, é que você envie e-mail para o Setor Cultural de nossas representações nos locais em que o Sr. Afrânio esteve expondo, em 1969 e 1970, e pergunte se eles têm o material. Espero que você encontre o que busca.
Atenciosamente,
Lucia⁶

Tentei o Consulado na Itália e obtive como resposta que se já tinha consultado a sede que não saberia como me ajudar. Então, me dei por vencida e, parti para trabalhar com o material que eu já possuo. No entanto, é possível ver no site oficial do Manabu Mabe menção a exposição que aqui me refiro. Entre as exposições coletivas do artista.

Durante toda a década de 70 do século passado foram muitas as exposições em que participou este Artista Professor e que muito contribuíram para o enriquecimento do seu currículo. Em 1970 Afrânio faz uma exposição individual no IBEU, no Rio de Janeiro. Em 1971 expões na *Maison Delas*, em Teresina, Piauí. Em 1972 expõe mais duas vezes no Rio de Janeiro, primeiro na *Galeria Aliança Francesa* e, depois, na *Celine Decorações*.

Afrânio é artista plástico figurativo⁷, expressionista⁸, cujo processo pictórico passou por várias fases (denominamos fases a vários momentos pintados pelo artista nos quais explora determinados temas, objetos, representações do cotidiano ou não). No Norte da Europa, a celebração fauvista da cor foi levada a novas profundidades emocionais e psicológicas. A partir de 1905, o expressionismo desenvolveu-se quase simultaneamente em países diversos. O alemão em especial, caracterizado por cores intensas e simbólicas e imagens exageradas, tendia a abordar os aspectos mais sombrios e sinistros da alma humana.

⁶ De: Fá D [difatima30@hotmail.com] Enviado: quarta-feira, 2 de fevereiro de 2011 20:30 Para: Lúcia Teixeira Lemme.

⁷ Figurativa, arte: Arte baseada na representação de figuras ou objetos reconhecíveis. O termo é sinônimo de “arte representativa” e o antônimo de “arte não-figurativa” ou “abstrata”.

⁸ Expressionismo: É um movimento do início do século XX. Caracteriza-se pelo estilo novo e radical, cheio de cores violentas e distorções ousadas. Tendo como principais características: o figurativismo, liberdade de movimentos, formas e criatividade.

A Arte, como uma linguagem aguçadora dos sentidos, transmite significados que não podem ser veiculados por meio de nenhum outro tipo de linguagem, como a discursiva e a científica. Dentre as artes, as visuais, tendo a imagem como matéria-prima, tornam possível a visualização de quem somos, em que estamos e como sentimos (BARBOSA, 2008. p.1).

Afrânio, não passa ileso a tudo o que ocorria na Europa, promove uma articulação entre os âmbitos global (Expressionismo fantástico) e local (temática lendária piauiense), na sua primeira fase “excursiona” pela fantasia e lendas piauienses ganham espaços representados nas Centrais Elétricas do Piauí - CEPISA (1972-1973) hoje Eletrobrás, e na sede do Banco do Estado do Piauí- BEP (1974), hoje Banco do Brasil. Esses painéis datam da década de 70.

O expressionismo primitivista é uma constante em sua obra, apesar de, nos primeiros tempos, ter tido incursões pelo fantástico e pelo surrealismo associadas às lendas piauienses (COELHO, 2003. p.48).

A década de 1970 é especialmente frutífera, na esfera artística, para Afrânio que faz muitas exposições individuais, especialmente no Rio de Janeiro, Fortaleza, Brasília e Teresina.

Nos jornais de sua cidade natal, Teresina, muitas são as notícias sobre as criações deste Artista Professor que emolduram a cidade. O jornal **O Dia**, referindo-se a um painel deste artista em exposição no BEP traz a seguinte afirmação:

Ao contratar o consagrado pintor piauiense Afrânio Castelo Branco para produzir dois murais que valorizaram em muito o “hall” e a sala da diretoria da futura sede do Banco do Estado do Piauí S/A, o Dr. Bernardino Soares Viana diretor-gerente daquele estabelecimento oficial deu uma demonstração de sensibilidade e espírito renovador e progressista (05.08.1969).

Ao regressar a Teresina, Afrânio trouxe consigo uma inovação para a cidade e seus habitantes. São painéis expostos publicamente que, além de trazerem um “colorido” à cidade, proporcionam ao povo em geral, que não tinha como se deslocar facilmente, porque, então, os transportes públicos não eram tão acessíveis como o são hoje, muito menos os transportes aéreos, a fim de terem maior contato com a arte. Esta inovação surge também, quando, na UFPI o seu modo de ensinar revoluciona, sem dúvida, o modo como a arte era aprendida. As aulas não se limitam às salas de aula e, quando os alunos e professor se fixam intramuros, é porque este conseguiu que as salas ganhassem maiores dimensões, melhor luz e espaço adequado uso das tintas, das telas e, até mesmo, de modelos vivos que vieram contribuir para um melhor desenvolvimento dos conteúdos e vivências artísticas, que por certo, sinalizaram para a aprendizagem significativa dos futuros artistas piauienses.

É oportuno voltarmos aos painéis de Afrânio, para dizer que, os da CEPISA, hoje Eletrobrás, ainda se encontram no prédio da empresa. Estes estão bastante deteriorados devido às intempéries (fuligem da fumaça dos automóveis e à exposição ao sol), desde o primeiro dia em que foram colocados no prédio da hoje Eletrobrás. O elevado grau de degradação que tem sido impresso a estes painéis, associado ao descaso, por parte dos gestores, foi motivo de nota em importante impresso de grande circulação.

O imediatismo ligado a investimentos de obra de arte, hoje no Piauí, é um problema sério e causa, em última análise, o alheamento e completo abandono, em alguns casos, de trabalho cujo valor é inestimável, tanto artístico como financeiro. É o caso dos painéis do pintor piauiense Afrânio Castelo Branco, consagrado no meio artístico brasileiro e até internacional, cujos painéis pintados quase todos na década de 70, e localizados estrategicamente em 4 pontos de cidade, se encontram hoje em estado de visível deteriorização, com buracos, rasgaduras, arranhões, rachaduras, manchas e etc. Apenas os que está localizado no Palácio da Justiça, encontra-se conservado apesar de mal colocado, numa estreitíssima sala, poupando a visão quase completa do quadro por parte de quem entra (JORNAL DA MANHÃ, 07.08.1988).

As exposições seguiram por toda a década de 1970 e ocorreram em várias localidades brasileiras. Em 1974 fez exposição individual em Teresina, na Boutique Biscuit e, uma coletiva de artistas latinos – americanos, em New York. Nos anos subsequentes Afrânio realizou uma exposição individual em Fortaleza- CE, na Galeria Recanto do Ouro Preto. Em 1976 o artista opta por concorrer ao 25º Salão Nacional de Arte Moderna no Rio de Janeiro, em que recebe Isenção de Júri.

A partir dali, Afrânio passa a fazer exposições individuais em 1978, no Museu de Arte Moderna de Salvador -BA. Com apresentação de Jorge Amado, grande escritor baiano, brasileiro de renome internacional. O notável escritor assim descreve o pintor e sua produção artística:

Pintor de alta qualidade, nome nacionalmente conhecido, festejado pela crítica especializada, Afrânio Castelo Branco possui, a meu ver, outro motivo para aplauso e louvação.

Refiro-me ao fato de Afrânio ter permanecido na terra natal, na cidade de Terezina, ali realizando sua obra admirável, dando assim ao Piauí marcante presença no panorama da plástica brasileira. Ele e alguns outros artistas, entre os quais os mestres entalhadores, uns quantos escritores- Fontes Ibiapina, O. G. Rego de Carvalho – concederam a Terezina condição de metrópole cultural.

A exposição de Afrânio no museu de Arte Moderna da Bahia, acolhida com entusiasmo por Silvio Robato, é um dos mais gratos e importantes acontecimentos no calendário cultural da cidade de Salvador. Ao admirar os quadros de Afrânio, estaremos tomando contacto com um artista brasileiro dos mais sérios e sensíveis (AMADO, convite exposição Solar Unhão, 12/4 a 30/4/78).

Em 1979, Afrânio expõe na Parnaso Galeria de Arte, em Brasília, esta última teve como patrono o Casal Jornalista Carlos Castelo Branco, jornalista político brasileiro de renome nacional.

Passados cinco anos sem expor, em abril de 1984, Afrânio retoma as exposições, com uma individual, na A.M. Niemayer Galeria de Arte, no Rio de Janeiro. Vernissage este que não contou com a presença do artista. Afrânio perde sua mãe cinco dias antes do vernissage. Aquele foi um momento difícil na vida do artista. O duro golpe provoca um lapso de dois anos e meio sem produção pictórica. As atividades de Afrânio restringiram-se apenas a ministrar aulas na faculdade.

As exposições são retomadas pelo artista em 1987, sendo uma individual no Rio de Janeiro, na A. M. Niemayer Galeria de Arte e outra, em Nebraska, Lincoln – EUA, partilhada com Fátima Campos, artista plástica piauiense, que foi representando a arte do Estado do Piauí através do *Partners of The Americas Collection*.

Nos anos 1990 as exposições consistiram: individual na L M Escritório de Arte - Fortaleza – Ceará; em 1991, exposição coletiva na cidade de Campinas SP - Nordeste Contemporâneo: 11 artistas, na Galeria de Arte do Centro de Convivência Cultural; em 1992, Afrânio expôs duas vezes em Fortaleza - CE uma individual em Fortaleza, na L M Escritório de Arte a outra individual MAUC-Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará. Este conjunto de exposições foi registrado em periódicos que delas nos falam. São eles: o Jornal diário de Nordeste noticia: Individual Reunindo Vintes óleos sobre tela do Artista plástico Afrânio Castelo Branco. Abertura hoje às 20 horas, no Museu de Arte Universitário. A mostra permanece até o próximo dia 21 de agosto. Amanhã o artista abre outra exposição com 12 trabalhos em guache, no L.M. Escritório de Arte- Rua Torres Câmara, 192, telefone 224-6614. Outra individual MAUC – Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará. Os periódicos da época trazem o seguinte registro:

São 20 obras de grande formato, na técnica de óleo sobre tela, nas quais o artista retrata, com forte carga onírica e fantástica, a alma popular do povo nordestino com suas estórias e credices, fonte da qual extrai o repertório de seus temas (**JORNAL O POVO**, 28/6/1992).

Ainda fazendo menção à exposição do Museu da Universidade Federal do Ceará, um Jornal assim descreve:

Depois de ser aplaudido e reconhecido nacional e internacionalmente, Afrânio poderia muito bem permanecer no eixo Rio-São Paulo, continuando a produzir e expor com facilidade. Porém questões particulares acabaram por trazê-lo de volta a sua terra natal, em que já reside a vários anos. Em Teresina, ele vem intensificando seu trabalho e aprimorando cada vez mais sua técnica. Paralelamente leciona na escola de Educação Artística da Universidade Federal do Piauí (**DIÁRIO DO NORDESTE**, 28.07.1992).

Para findar as exposições no vizinho Estado do Ceará, na década de 1990, Afrânio, em 1994, faz individual *La Bohème Galeria*, em que tivemos a

oportunidade de conhecer a figura do artista plástico Marciej Babinski, polonês naturalizado brasileiro e residente no interior do Ceará. Babinski passou a noite a conversar com a família de Afrânio ao tempo que se mostrava admirador da pintura do artista. Babinski, assim como Afrânio, estudou no Rio de Janeiro, projetou-se nacional e internacionalmente, ambos foram Professores, Afrânio na UFPI, em Teresina, e, Marciej Babinski, na UnB, em Brasília. Por último, o destino os trouxe para residir no Nordeste do Brasil, um em Teresina, no Piauí e, outro, no vizinho Estado no Ceará.

A exposição de Afrânio na Galeria Ignez Fiúza é intitulada como: **Onírico e Fantasia na Arte**, piauiense Afrânio expõe 18 telas expressionistas e de paisagens. Foi assim descrita:

Definindo-se como um “artista mal comportado” por fugir do convencional e da sua pintura um ritmo de deformação, ele aposta nas cores e na poesia. Em uma outra tela, que também pode ser conferida na exposição, é a vez do sonho se manifestar Aliado a Dubuffet para inspirar Afrânio numa paisagem com formas dissolutas. Nele, uma figura feminina disforme, nuvens em novo estilo e um guarda-chuva fora do padrão são a marca registrada (**JORNAL O POVO**, 25/5/94).

É importante ressaltar que no decorrer da década de 1990, mais, precisamente em 1991, Afrânio fez uma exposição coletiva em Campinas, São Paulo, em conjunto com outros 11 artistas brasileiros. Intitulada Nordeste Contemporâneo: 11 artistas, na Galeria de Arte do Centro de Convivência Cultural.

A partir de 1996 o artista fez uma série de exposições no Estado do Rio Grande do Sul. Precisamente na cidade de Porto Alegre. Em que realizou a de coletiva “Natureza Humana”, na Galeria Tina Zappolí, essa foi a primeira.

Nesse sentido, em 1998 a Galeria Tina Zappolí expõe em mais outra coletiva, em que Afrânio é um dos artistas da mostra intitulada “Sete Mostras Especiais”. É uma forma de divulgar nosso pintor nas terras do sul. Afrânio se fazia conhecer e sua pintura causava admiração e impacto.

No decorrer desses anos, Afrânio vai ganhando cada vez mais visibilidade, na Galeria Tina Zappolí, admiradores começam a propor a presença do artista, que já mantinha um grupo de apreciadores de seu trabalho.

No ano de 1999, acontece a exposição Arquétipos “A Próxima Ceia”, em que Afrânio expõe com outros 21 artistas, na galeria anteriormente citada. O tema causa boa repercussão, como corrobora o artigo seguinte.

O curador Marinho Neto, indiferente às últimas tendências hegemônicas e globalizantes que insinuam a desumanização da arte, entende que é preciso restabelecer a corrente dos arquétipos, para que não se deteriorem nesses tempos pragmáticos e levianos.

“Inevitavelmente, chagamos a um cunho muito religioso na produção que fomos reunindo diz Marinho talvez por ser a atitude desta exposição, um ato de fé” (**JORNAL DO COMÉRCIO**, 25.Agosto.1999).

Com efeito, a arte de Afrânio proporcionou essa expansão das fronteiras Piauienses para o sul do País, região que, por mais de uma década, expôs com artistas brasileiros e estrangeiros de renome. Em 2000 a exposição “Entre Séculos” conta a participação de seis artistas e, pela primeira vez, com a presença de Afrânio e de outros quatro artistas, entre eles Carlos Bracher, Miguel dos Santos e Lourdes Barreto. Esta exposição foi para comemorar os 19 anos da Galeria Tina Zappolí. O Jornal assim descreve:

“Iberê comparece com 16 litografias intituladas “Suíte Erótica”. Bracher convida a introspectividade em sete auto-retratos. Afrânio exhibe pinturas fincadas na tradição européia, mas com raízes nordestinas. Miguel perpetua a tradição do Mestre Vitalino em suas miniaturas de Totens em cerâmica Grés⁹. Cabral traz monotípias e gravuras em metal. E Lourdes Barreto convida a reflexão com a série “Visões do Inferno”, retrato da tradição humana (**CORREIO DO POVO**, 26.Agosto. 2000).

Em 2001, no decorrer do ano, Afrânio faz uma exposição em São Paulo, intitulada “Cultura Brasileira¹”, na Casa das Rosas e em 2002 também faz outra, na mesma casa, intitulada Ópera Aberta Celebração.

Incentivo e estudo foi o que fez durante o ano de 2002, Afrânio prepara suas telas para a exposição no ano seguinte, 2003, na Galeria Tina Zappolí, a exposição intitulada “Humanidades”. No convite a apresentação assim descreve:

No cenário da “dita” arte contemporânea, não se vê mais pintura original de interesse. O que se vê, tanto em salões, quanto em bienais e exposições, é uma repetição de fórmulas e conceitos ditos “cool”¹⁰ que hegemonizam toda a produção pictórica atual.

Agora, quando você se depara com um pintor da riqueza de Afrânio, respira aliviado, pois afinal você pensa que nem tudo está perdido e percebe, ainda, a existência da possibilidade da Arte em nosso cotidiano contemporâneo (NETO, Convite Galeria Tina Zappolí. Porto Alegre, 2003).

Como afirmamos anteriormente, os apreciadores de Afrânio, ou melhor, dizendo os colecionadores da sua arte, que por essa época em Porto Alegre já possuíam numeroso grupo, incentivou, solicitou, cobrou e investiu junto aos marchands, que finalmente, em agosto 2004, a Galeria Tina Zappolí realiza a primeira individual de Afrânio, por ocasião do 23º aniversário da galeria. Amostra foi intitulada: **AFRÂNIO PESSOA PINTURAS**. O convite traz a apresentação do pintor, feita a partir de notas autobiográficas do artista e a Galeria apresenta, no convite, uma pintura de Afrânio intitulada “cena de praia”, no formato de um cartão; com texto de um renomado Artista Argentino Alberto Cedrón (El Viejo), que descreve a

⁹ Cerâmica Grés: Em arenito.

¹⁰ Cool: Apático, frio, indiferente

impressão que tem da pintura do artista piauiense Afrânio Pessoa. Vejamos o que nos relata:

Bueno, tratando de frenar mi desmesura al ver los cuadros de esse personaje sensacional que es Afranio, me Dio um ataque de alegria de admiración de locura imparable, yo simepre lo dije pero ahora está mejoraún, además no yerra uno, ¡TODOS SON SENSACIO! ¿Porqué? Porque está viva esa pintura, no creo que haya visto algo mejor em ningún lado en los últimos tiempos. Pensé , que injusticia, a este habría que hacer le um museo, yo te lo puedo jurar, este no morirá nunca, Marinho no Le desbota a los boludos que em seguida lo querrán encasillar y decidir, naif, primitivo, si no como ellos alimentarán su ego y demostrarán su “erudición”? Esto es genial y basta, no hay mas nada que hablar. No sé como, pero He de ir a visitar a este pintor em cuanto más rápido pueda, cuidalo bien por que como este hay pocos (CEDRÓN, e-mail 2003).

A Galeria Tina Zappolí cumpre, então, com a dívida de expor individualmente Afrânio, e isso acontece através da promoção da própria Galeria com Bodegas Carrau (Uruguai). Momento único e de reconhecimento histórico e artístico na vida do artista que, depois de ter vindo residir no Piauí, em 1967, por motivos pessoais, dentre eles destacamos a morte do Pai somada ao pedido de sua mãe para que ele não a abandonasse. Afrânio volta às suas origens – Teresina -, em plena carreira de sucesso e que despontava, no contexto brasileiro, com projeção no eixo europeu. Portanto, a exposição na galeria Tina Zappolí marca o coroamento da maturidade do seu trabalho, como se através dessa exposição, apresentada por Cedrón, o artista retornasse com reconhecimento nacional e internacional ao seu trabalho. É uma espécie de retorno ao eixo cultural do País. Pois como artista ficou muito longe do conhecido eixo cultural, ele retoma os grandes centros de forma exuberante e com trabalho amadurecido.

Contudo, é importante salientar que a partir desta exposição Afrânio virá a fazer outras coletivas e individuais nos anos subsequentes.

Em 2005, o nosso artista expõe em coletiva anual da Galeria Tina Zappolí. A mostra recebeu o título de **A Reunião**. Tal mostra apresenta trabalhos de 30 artistas brasileiros. A coluna Panorama assim descreve:

Os espaços da Galeria Tina Zappolí mesclam gerações, técnicas e ideários diferentes, dentro de uma vertente que procura conjugar da arte mais erudita até a mais popular. Do Estado aparecem obras assinadas por Iberê Camargo, Vasco Prado, Xico Stockinger, Maria-anita Linck. Tenius, Magliani e Marinho Neto, complementadas por trabalhos de Amílcar de Castro, Tomie Ohtake, Bracher, Maurino de Araújo, Cabral, Edineusa Bezerril, Pedro Wrede, Camacho, Marcos Varela, Jorge Leite, Lourdes Barreto, José Bento, Vitor Azambuja, Ana Westphal, Afrânio Pessoa, Miguel dos Santos, Stênio Burgos, João Neres, Cornélio, Júnior e André da Marinheira. Alguns dos representados, como Afrânio Pessoa e Stênio Burgos, já receberam mostras individuais na galeria, ao longo desses anos de funcionamento. Cerca de 100 peças integram a Reunião (**JORNAL DO COMÉRCIO**, 20. out.2005).

Vale lembrar que o ano de 2006, trás ao Afrânio a realização de uma exposição individual na Cidade de São Paulo. A parceria de duas galerias Tina

Zappolí (Porto Alegre e Galeria Estação (São Paulo) com patrocínio da Vonpar uma empresa de bebidas do Rio Grande do Sul. Realizaram a exposição **Pinturas de Afrânio Pessoa**. Na oportunidade, foi lançado o Instituto do Imaginário do Povo Brasileiro. Em que aconteceram mesas redondas “Vertentes do Imaginário Brasileiro” com personalidades do cotidiano das artes desde diretor de museu, curadora de arte e crítico de arte; pessoas que vivenciam a cultura e as artes no Brasil.

A mostra teve crítica no convite de Marciej Babinski e no catálogo a apresentação do renomado crítico de arte Olívio Tavares de Araújo.

Hoje, a obra de Afrânio não me parece difícil. É animada por fabulação movimentada, por certo extravasamento que impedem que jamais fique sombria. Ainda assim, o colorido mais baixo que alegre, as expressões de algumas personagens, o pathos¹¹ que subjaz aos quadros de tema religioso, tudo isso a torna algo misteriosa e intranquila (Catálogo Galeria Estação e Galeria Tina Zappolí, 2006, p.2).

Os jornais noticiam o evento da exposição:

Afrânio Pessoa 20 telas mostram a trajetória do artista piauiense que trocou a pintura figurativa para se dedicar às imagens da arte popular (**O Estado de São Paulo**, 22/09/2006).

Considerando a informação vinculada na imprensa escrita, aqui comporta uma crítica. A pintura de Afrânio continua sendo figurativa. Aliás, ela em nenhum momento deixou de ser figurativa mesmo que retrate a arte popular não abandona a figuração.

Em 2008 a Galeria Tina Zappolí faz homenagem com salão especial ao pintor Gaúcho Iberê Camargo e, naquela mostra, expõe o seu acervo com renomados artistas, dentre eles, Afrânio Pessoa.

É importante ressaltar que, a partir de 2008, Afrânio resolve trabalhar no seu ateliê, não mais renovando o contrato, que mantinha desde 1996, com a Galeria Tina Zappolí. Dessa forma, encerra-se uma parceria artística fecunda de 12 anos de exposições bem sucedidas.

Afrânio, com idade avançada, passa a produzir sem o compromisso de datas, tempo para realização de exposição. Como ele mesmo costuma dizer: “eu

¹¹ Pathos: apelo ético do argumento, representa a credibilidade. A pessoa que expõe os argumentos deve ser confiável e respeitada como especialista que tenha e respeitada como especialista que tenha conhecimento sobre o assunto discutido. Esta pessoa deve deixar claro ao público sua integridade e posição de autoridade no assunto.

está associado a emoção, assim como apela para a simpatia e imaginação do público. Uma forma comum de transmitir um apelo emocional é através de narrativa, uma história que exhibe lições abstratas ou através de uma experiência concreta. Valores, crenças e compreensão do argumentador são implícitas e passam para o público através da história.

pinto e produzo no meu tempo, sem obrigações maiores e no meu ritmo lento, calmo, ritmo que eu mesmo proponho, entre um filme e outro” (Afrânio 2009).

O artista sente-se cansado e a idade, segundo ele, já começa a pesar. Fica longo tempo restrito ao seu ateliê e, em agosto de 2009, um mês antes de completar 79 anos, Afrânio sofre com uma trombose. O artista passa por três cirurgias. Sobrevive, mas fica sem pintar por algum tempo. Religioso que é, encontra apoio e conforto na família, nos amigos e na fé. Poucos meses depois, mais precisamente, seis meses, Afrânio recomeça a pintar. Passa a pintar, não com óleo sobre tela como era costumeiro, mas, pinta alguns guaches, e, aos poucos, retoma a pintura, dessa vez, tendo como material suporte o alumínio. Pinta algumas lamparinas, bules e chaleiras. Um total de sete ou oito peças que compõem o acervo particular da família. Aliás, as peças nasceram da ideia de sua afilhada que, desde 2008, arquitetava uma homenagem que se realizaria em setembro de 2010, por ocasião do aniversário de 80 anos.

É importante ressaltar, todavia, que em 2010, Afrânio recebe várias homenagens desde convites com ilustrações suas para o baile de aniversário da cidade, no II Congresso Eucarístico Arquidiocesano ilustra as páginas da antologia e as lembranças em postais, com quatro trabalhos religiosos do artista. E encerrando o ano de 2010, a União dos Artistas Plásticos do Piauí (UAPPI) realizou uma exposição intitulada Abaixo Assinado. Em que homenageia Afrânio Pessoa.

É nesse ambiente de festa que em março de 2011, Afrânio treze anos depois, retoma as exposições em sua cidade natal - Teresina. Em uma parceria entre amigos os Professores Cinéas Santos, Fernando Dib e Aldenora Mesquita, juntos com a loja de design de móveis Azzurra, de propriedade da senhora Elizabete Mendonça, lançam a nova linha 2011 com vernissage das obras de Afrânio Pessoa. Vejamos o que nos diz um *blog* de Teresina:

Nestes meus mais de 30 anos de trabalho com decoração de interiores e sendo uma apaixonada pelas artes plásticas, sempre me encantei com as obras e o impressionismo do artista Afrânio Pessoa Castelo Branco. Sempre que me deparo com uma das suas telas, me vejo totalmente envolvida pela dramaticidade que ele imprime em seus trabalhos; sinto-me como quem saboreia atentamente cada palavra de um bom livro. Sua obra tem um quê de mistério, de múltiplos acontecimentos, de religiosidade, de transcendentalismo incomuns, que parece falar de amor e dor, de vida e morte, de sonho e pesadelo. Em cada pincelada de suas telas, vejo retratada a vida da nossa gente, o nosso drama cotidiano e, sobretudo vejo expresso literatura pura!...Afrânio fez escola com sua arte e o Piauí tem muito com que se orgulhar desse nosso grande artista! (FERREIRA, Jeito de Viver16. Mar.2011)).

Esta é, até ao momento, a exposição mais recente do artista.

As homenagens ao Professor Afrânio continuam. Dessa vez, uma antiga aluna e hoje Professora de Arte do Instituto Camillo Filho Isalina Cortez escreve

sobre o mestre numa revista, na qual a instituição acima citada é uma das colaboradoras. A homenagem acontece na Revista **Cidade Verde**. O título é: “Afrânio Pessoa, o mestre da pintura piauiense”. Na edição seguinte da mesma revista **Cidade Verde**, outra antiga aluna e Professora Arlete Godinho escreve “A pintura moderna no Piauí. A influência de Afrânio Pessoa”. E o Conselho Estadual de Cultura do Piauí trará na sua próxima edição uma homenagem ao Artista Afrânio Pessoa Castelo Branco pelos seus 53 anos de formação e aos seus 80 anos de vida e, por ele ter divulgado o nome do Estado do Piauí no Brasil e no exterior.

Entretanto, para chegar à trajetória de Professor da UFPI, Afrânio passou oito anos como aluno da ENBA, compreendendo 5 anos de bacharelado após o que avançou para o curso de pós-graduação, com a duração de 3 anos, no qual Afrânio recebeu o prêmio de medalha de ouro que equivale ao título de mestrado. Além da formação, ele submeteu-se a salões e realizou exposições no Brasil e no exterior. A partir da construção deste currículo e do seu reconhecimento, como artista plástico de renome nacional e internacional. Um grupo de alunos do Curso de Educação Artística procura o então reitor da UFPI, e, solicita a contratação do artista para o quadro de Professor desta IES (Instituição de Ensino Superior). O convite veio em dezembro de 1979. Daí, então, passamos a tratar Afrânio Pessoa Castelo Branco como Artista Professor, embasados na sólida construção da sua trajetória como Professor da UFPI.

Afrânio ingressa na educação por meio de um convite que lhe foi feito pelo Reitor da Universidade Federal do Piauí, Professor José Camillo Silveira Filho. À data houve um grupo de estudantes que procurara o Reitor, pedindo-lhe que a universidade oferecesse ao Curso de Educação Artística um Professor de pintura. Juntamente com este pedido estava a referência ao nome de Afrânio Pessoa. Afrânio é convidado pela reitoria a ministrar aulas no Curso de Educação Artística como Professor Visitante, com contrato temporário, regime de 40 horas semanais, em 20 de dezembro de 1979. Porque Afrânio obteve sucesso neste seu novo empreendimento, novo contrato foi celebrado entre a UFPI e ele: o de Professor Assistente, em 20 de novembro de 1981. Em 1 de abril de 1987 foi reclassificado na classe de Professor Adjunto I. Este novo contrato coloca o Artista Professor como membro efetivo do quadro de docentes da Universidade Federal do Piauí.

Seu contrato foi para lecionar 40 horas, um pedido seu, pois, Afrânio queria exercer as duas funções: a de Professor, na UFPI, e a de artista, no seu ateliê. Se optasse por dedicação exclusiva, não teria tempo para a pintura, tampouco para a realização das exposições, pois jamais abandonou a sua profissão

de pintor, opção que havia feito nos idos de 1953, ano em que entrou para a ENBA, para cursar o bacharelado em Belas Artes.

[...] à relação com a docência e a pesquisa em arte. Ainda estimulados pelos estudos em torno de trajetórias profissionais e do professor como pessoa, realizados por Nóvoa (1992), Isaias (1993), Huberman (1992) entre outros, os quais levam em consideração as alterações vivenciais e o modo como esses profissionais as encarnam na docência ao longo da carreira, percebemos a complexidade do universo dos professores-artistas em nível universitário, uma vez que estes contemplam duas trajetórias profissionais em um mesmo percurso (CORREIA, 2004, p.321).

Nos vinte e um anos que desenvolveu a sua atividade como Professor da UFPI, junto ao Curso de Educação Artística, Afrânio fala que ensinou tudo o que sabia e sempre procurou dar o máximo de si aos seus alunos, as aulas de pintura aconteciam em espaços diferenciados. O ateliê de pintura funcionava na UFPI, entretanto, mudava de acordo com a necessidade e os estudos que o Professor achasse adequados a determinada meta a ser atingida, produção de paisagens, por exemplo. A prática criativa afraniana encontra aporte teórico em Benetti.

[...] - a prática criativa na perspectiva de movimentos artísticos e educacionais - elaborou-se uma abordagem que parte das primeiras academias na Pós-Renascença e alcança a atualidade, ou seja, desde a aprendizagem instituída da pintura. As vertentes acadêmicas e não acadêmicas segundo um fio condutor que põe em relevo a prática criativa não atrelada à “conceitualização” prévia, estabelecem pontos de apoio similaridades entre a Arte e a educação. Um aporte de oposição entre a educação tradicional e as vertentes escolanovistas; entre a visão acadêmica e antiacadêmica (BENETTI, 2004, p.249).

A sala de aula se expande em incursões ao ar livre, em que os alunos desenhavam e pintavam cenas do cotidiano da cidade, ou mesmo pintavam a natureza, quando as aulas aconteciam em parque público teresinense, o Zoobotânico, em que copiavam recortes da fauna e da flora local. Muitas vezes, essa prática acontecia no Parque da Cidade, um lugar arborizado, agradável e que permitia aos alunos um maior contato com a natureza e com as cenas cotidianas da cidade de Teresina. Estas aulas ao ar livre aconteceram na década de 1980. A essa prática de aulas ao ar livre, as denominamos de “ateliê itinerante”. Os alunos faziam-se presentes por conta própria, dado que a UFPI não oferecia o transporte para seus deslocamentos. Eles organizavam-se em grupos de quatro ou cinco e, no carro do Professor, e nos dos colegas se deslocavam ao espaço em que ia acontecer a aula.

Foi assim que delas participaram e, com isso, puderam expor os “frutos” dos seus dotes em tela a óleo, nas exposições organizadas pelo Departamento de Educação Artística - DEA. Num primeiro momento, as exposições dos trabalhos artísticos dos alunos aconteciam nas próprias salas de aula da UFPI, no centro do

campus universitário de Teresina. Mas com o passar dos anos, as salas de aula do DEA já não comportavam o público que procurava o curso para ver a mostra anual. A Universidade solicitou à Secretaria de Educação e Cultura do Estado do Piauí que lhe fosse permitido utilizar a Galeria do Teatro 4 de Setembro, no Centro da cidade. As exposições foram para a Galeria do Teatro porque, concomitantemente, aconteciam, no teatro 4 de Setembro apresentações do curso de Artes Cênicas e do Curso de Música, juntando-se, assim, mais uma área da arte em espaço de acontecimento artístico, nomeadamente com bonecos, canto coral e orquestra. As atividades no 4 de Setembro estavam assim organizadas: Os Professores Ademar Bof, Afrânio Pessoa e Maria dos Prazeres Beviláqua cuidavam da organização dos trabalhos de artes visuais na Galeria. Os Professores Emmanuel Coêlho Marciel e Reginaldo Carvalho cuidavam da organização dos trabalhos de Música e, finalmente, os Professores Paulo Libório e Lúcia de Fátima cuidavam dos trabalhos pertinentes ao Teatro.

O Teatro de bonecos é uma das formas mais antigas e mais ricas de expressão artística. Há milênios, através do Oriente e do Ocidente, crianças e adultos têm trabalhado com ele a literatura, a música, a expressão corporal, as artes plásticas. Construir e manipular bonecos são atividades que proporcionam grande prazer, além de serem fatores de desinibição, integração no grupo social, e – especificamente dentro da escola- constituem estratégia eficaz para o desenvolvimento de habilidades e fixação de conhecimentos multidisciplinares (RIOS, 1997.p.6).

O exercício da docência, por Afrânio e sua fama enquanto artista é reconhecido por uma terceira geração, esta constituída por seus antigos alunos. Hoje, docentes, eles também Professores de arte em algumas instituições de ensino teresinenses, não negam sua admiração e reconhecimento pelo que o mestre lhes ensinou, nem duvidam da importância da sua contribuição para o ensino e para as artes do Piauí. Reconhecem em Afrânio Pessoa um formador de opinião, de mentes críticas e de pessoas criativas. A nossa afirmação encontra abrigo nas palavras de uma das alunas de um curso de arte, que por sua vez, foi aluna de discípulos de Afrânio

[...] Como professor e, também, como artista, Afrânio contribuiu para mudança e adoção de gostos, para o desenvolvimento de valores novos que, por sua vez, contribuíram para que fossem apreciados outros estilos artísticos que não somente o acadêmico, não só por seus discípulos, como, também, pelos teresinenses de maneira geral. Tudo começou através de seus alunos de arte que, posteriormente, funcionaram como multiplicadores desses valores, junto às escolas, através de trabalhos artísticos e em exposições individuais e/ou coletivas. Sua obra, rica em um expressionismo primitivista, fez, nos primeiros tempos, incursões pelo Surrealismo e pelo Fantástico, associados às lendas piauienses (ARÊA LEÃO, 2007, p. 22).

O trabalho docente é envolvente e empolgante, pois, nele não podemos deixar de evidenciar a dimensão emocional. É praticamente impossível não haver da parte do Professor um envolvimento para com os alunos, uma vez que o ato de ensinar aproxima os sujeitos. A afirmação de Estrela serve de instância corroborante sobre o que aqui ora enfocamos

“o ensino é uma prática emocional”; “o ensino e aprendizagem envolvem compreensão emocional”; “ensinar é uma forma de trabalho emocional”; “as emoções do professor são inseparáveis dos seus propósitos”. Assim, o autor, apoiando-se sobretudo em Denzin, argumenta que o ensino activa as emoções e sentimentos do professor e que, havendo emoções espúrias que enviesam a interpretação dos comportamentos, se requer por isso compreensão emocional (ESTRELA, 2010.p.33).

A admiração dos alunos pelo Professor é outro sentimento que é observado. O exercício da docência acarreta, algumas vezes, este sentimento que pode levar à replicação ou filiação artística de trabalhos dos estudantes com o trabalho do Artista Professor admirado.

Na vida profissional são muitos os momentos de troca, e, por isso mesmo, gratificantes. Tais momentos deixam marcas indissociáveis na vida dos envolvidos nas infinitas trocas compreendidas nos processos de aprender e de ensinar. São estas vivências que são referenciadas na vida do alunado.

Uma das dificuldades observadas em Teresina é que não existem muitos museus na cidade ao contrário da maioria das capitais brasileiras. O Museu do Piauí é uma conjunção de peças antigas que retratam a história do Estado, são peças de arte, tais como: pinturas, esculturas, baixelas de prata, mobiliário. Tudo isso disponível em um espaço só. Peças doadas por famílias piauienses. Uma das dificuldades de se mostrar museu, ou mesmo de se ter aula - de espaço, a falta de roteiros, categorizações mais definidas, condições ambientes controladas para melhor conservação do acervo. Na educação Brasileira propriamente dita, a Educação nos museus remete-se à década de 1950, sendo retomados na década 1990, com uma maior consciência social. Todavia, o Professor Afrânio, já na década de 1980, se ressentia de não poder levar seus alunos a museus e bienais de arte. No entanto, sabemos que museus, grandes exposições, frequência a bienais e outras mostras, ajudam a apurar o olhar dos discentes. A vivência por que passa o sujeito ajuda a desenvolver a percepção e a educar esteticamente o olhar. Quanto ao que acabamos de afirmar, trazemos à luz as sábias palavras de Barbosa

Valiosos afiliados dos educadores populares que atuam nas organizações não-governamentais (ONGs), assim como dos educadores escolares, são os departamentos de educação dos museus. O prestígio dos serviços educativos é muito recente, embora ainda à idéia do museu como instituição educacional. Museus são laboratórios de conhecimento de Arte, tão importante para a

aprendizagem da Arte como os laboratórios de química o são para a aprendizagem da química. Compete aos educadores que levam seus alunos aos museus estender nas oficinas, nos ateliês e salas de aula o que foi aprendido e apreendido no museu (2004, p.13.).

Afrânio sempre dizia que era fundamental aos alunos visitar e conhecer os museus, bem como, as exposições de arte. Fazia parte da formação contínua do curso o saber ver, conhecer, criticar, dialogar com as peças expostas nas mostras. Dizia “É assim que se educa o olhar, se aprimora o gosto e se aprender a criticar os artistas e suas obras”.

Ainda no intuito de contribuir para adensar o que vem sendo posto relativamente ao museu como instância formadora, é oportuno atentarmos para a afirmação de Ott:

O ensino de arte em museus constitui um componente essencial para a arte-educação: a descoberta de que a arte é conhecimento. A arte pode assumir diversos significados em suas várias dimensões, mas como conhecimento proporciona meios para a compreensão do pensamento e das expressões de uma cultura.

Por meio dessa prática educativa em museus podem ser reveladas diversas formas de expressão artística que contêm muitas das maiores idéias da cultura universal, cujos significados de arte são contribuições relevantes para a sociedade. Esses conceitos necessitam ser trabalhadas por meio de um ensino sensível, ou seja, um sistema de arte-educação que possibilite, nos museus, uma atmosfera positiva para a crítica (1988, p.111).

Afrânio não conseguiu realizar um dos seus sonhos no curso de Educação Artística da UFPI, o levar os alunos às bienais, nem de lhes oportunizar frequentar exposições de arte nos grandes centros culturais brasileiros. Nestes locais sabidamente formadores, o Artista Professor tem a consciência de que os alunos poderiam manter contato com eventos de Teatro, Música e Dança. Para Afrânio essas vivências artísticas são alicerces fundamentais na formação do ser humano. Ele pensava assim na década de 1980, que somente com a dimensão cultural de forma ampla se consegue pôr em prática a proposta já sonhada por Afrânio que é interdisciplinar. Vejamos o que nos diz Borges sobre a importância das vivências na vida dos estudantes

O contato com o teatro, o cinema, os espetáculos de dança e de música, as visitas a exposições de arte, a museus, bem como a leitura de obras literárias, poderão se tornar objeto de diálogo pedagógico na sala de aula, trazendo para o debate cenas da realidade traduzidas em conteúdos vivos e mais próximos dos reais interesses e necessidades dos estudantes, de modo mais dinâmico certamente (2011, p.57).

O curso tinha várias necessidades e uma delas eram estatuetas masculinas e femininas para serem utilizadas pelos alunos nas aulas de Oficina de

Artes Plásticas, Desenho Perspectivo, Oficina de Desenho Artístico e Composição, que supriam, às vezes, a falta de modelo vivo.

Em seguida, discorreremos sobre a trajetória do curso de Licenciatura de Educação Artística, no sentido de melhor entendermos como o cruzamento destes caminhos com o do cerne deste trabalho a trajetória formativa docente de Afrânio.

CAPÍTULO II:

ESTUDAR O CURSO DE EDUCAÇÃO ARTÍSTICA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ, DE 1979 A 2000.

2.1. OS REFERENCIAIS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Buscamos neste capítulo, situar o percurso da construção do trabalho e os aportes teóricos utilizados. Esta investigação consiste em um enredado de cunho qualitativo, estudo de caso que investiga a história de vida de formação acadêmica, que tem como base a etnopesquisa defendida por Macedo (2000), multireferenciada.

A nossa opção metodológica se justifica pelo fato de que o cerne dos nossos questionamentos serem voltados para a compreensão de como o universo cultural e simbólico do Artista Professor Afrânio Pessoa, construiu sutil e idiossincriticamente sua prática docente, no curso de Licenciatura em Educação Artística – Habilitação em Artes Plásticas, na Universidade Federal do Piauí.

A multirreferência decorre, não somente, da maneira como compusemos esta singular prática docente, nós a montamos à semelhança de um quebra-cabeça, estudo docente, com o que pensam sobre a prática docente afraniana: colegas professores contemporâneos do sujeito cerne deste trabalho; alguns dos antigos alunos (hoje artistas); e alguns antigos alunos (atualmente professores), mas, sobretudo, pelo intento da construção de pensamento sistêmico compreensivo e hermenêutico, fundados nas teorizações adornianas.

Em sua metodologia, a teoria crítica trabalha dialeticamente, utilizando estudos interdisciplinares investigam a cultura e as condições sociais concretas subjacentes. Nisto, a Escola de Frankfurt desenvolveu uma crítica da sociedade, que aponta em primeiro plano para as suas contradições, conflitos e possíveis causas. Segundo Horkheimer, o objetivo é promover mudanças na sociedade que libertem o homem da pressão e do domínio, reestabelecendo a “verdade e a paz”. De acordo com esta teoria, o homem é o próprio sujeito da sua história, o que significa em última instância, que as coisas não precisam necessariamente continuar de modo como estão, ou, em outras palavras, que é possível para o homem mudar o seu rumo dentro da sociedade (KUEHN, 2004-2005).

Desejamos, desta forma, articular saberes, vivências deste tecido plurivocal específico e o tecido social.

Os critérios adotados para a escolha dos convidados a participar desta investigação, deu-se em função do período do recorte cronológico, da disponibilidade de tempo dos sujeitos contatados, e, o principal – do exercício da atividade laboral de tais sujeitos deveriam ter sido colegas professores, na instituição UFPI ou, no caso dos antigos alunos, atuarem como artistas ou como Professores de Arte.

Deste modo, temos o seguinte resumo desta investigação, a temática gravita em torno do estudo de caso que trata da história dos caminhos de Afrânio Pessoa, que ao longo do percurso no campo da arte, ajudaram a construir sua

prática docente junto ao curso de Licenciatura em Educação Artística da UFPI. Assim, o universo amostral consiste em um total de 21 sujeitos, entre colegas e antigos alunos e alunos atuais que conferem ao trabalho plurivocidade. Este universo compõe-se de colegas, antigos alunos e o próprio sujeito cuja história pessoal, artística e da prática docente são investigados. O recorte espacial específico centra-se na UFPI//CCE/DEA. O recorte cronológico compreende o período que vai de 1979 a 2000, isto é, 21 anos, época em que a prática docente afraniana desenvolveu-se no curso de Licenciatura em Educação Artística – Habilitação de Artes Plásticas.

O trabalho investigativo foi embasado em fontes variadas: prioritariamente questionários escritos: entrevista vídeo gravadas; e diários de classe. Contudo, outras fontes foram também utilizadas – jornais, fotografias, periódicos, publicações, folders, convites e catálogos. Em virtude de a prática do Artista Professor inscrever-se no âmbito das artes plásticas, estas últimas fontes foram de grande valia elucidativa e corroborativa.

Os diários de classe são registros - testemunho incontestado da prática docente de Afrânio, durante o período do recorte cronológico. Neles, o cotidiano acadêmico é apresentado desde as generalidades aos detalhes, relativamente às múltiplas disciplinas ministradas por este Professor no curso em relevo.

O questionário foi aplicado ao conjunto dos oito coetâneos de Afrânio e oito antigos alunos, hoje artistas ou professores e quatro alunos do atual curso de artes visuais. Considerando que este instrumento sinalizaria para as questões gerais e pontuais, bem como, dos fatores incidentes na prática docente de Afrânio Pessoa na Universidade Federal do Piauí no curso de Licenciatura Plena em Educação Artística no período de 1979 a 2000. Este instrumento teve a maioria das questões fechadas em função do que os diários já apontavam, e também pela busca de celeridade que imprimiriam quando nas respostas pelos sujeitos. Estas questões abertas, questões cuja versão intentei obter maior flexibilidade e tom subjetivado da prática docente de Afrânio objetivadas pelos sujeitos da investigação. Nestas últimas, os interlocutores estavam livres para desenvolverem suas interpretações, vivências e memórias como desejassem.

As entrevistas foram gravadas com quatro alunos atuais do curso de artes visuais, vídeo gravadas, em menor número, somente duas ocorreram nos momentos do processo de investigação.

Após a análise dos resultados obtidos dos questionários, em face à brevidade das respostas, senti a necessidade de visões perspectivadas e mais longamente discutidas sobre o tema em curso. Decidi por ouvir em entrevista vídeo

gravada de dois sujeitos, sendo um deles o próprio Afrânio Pessoa e, uma de suas antigas alunas, atualmente, professora e coordenadora do curso de Licenciatura em Artes Visuais.

Emprestando-me conceitos e discutindo-os de autores diversos daí ter escolhido trabalhar com multirreferencialidade. No quadro da multirreferencialidade considero os trabalhos de António Nóvoa, Ana Mae Barbosa, Fernando Hernandez, Elizeu Clementino de Souza, Marie Christine Josso, Pierre Bourdieu entre tantos outros, como instrumentos de análise da história de vida do Artista Professor Afrânio Pessoa Castelo Branco, que ensinou no curso de Educação Artística da UFPI de 1979 a 2000, tendo, com a sua prática docente deixado marcas positivas nesta universidade piauiense.

Trabalhar com história causa semelhante sensação de uma visita, a galeria de artes ou museus de arte, que à frente de cada pintura, escultura ou desenho e observando tudo muito calmamente. Analisando ou fazendo uma leitura do que o pintor quis dizer, do momento no qual a obra se insere, a cor utilizada, e ficamos imaginando quais as perguntas, o que será que ele (a) quis dizer ou representar com isso? Da mesma forma na história, nas artes, na educação a cada visita a uma dessas ciências temos de arguir, ir além da obra, do artista, da sua biografia precisamos enveredar pelos desafios, buscando respostas à identidade, conhecimentos históricos e, assim, devemos procurar escrever a história do que estudamos com senso crítico e conhecimento científico.

Cada época, cada sociedade produz cultura, e cabe à história e ao historiador registrá-la com suas permanências ou rupturas, logicamente interpretando e analisando os acontecimentos, as mudanças, as colaborações e transformações ocorridas.

O objetivo desta pesquisa é mostrar o percurso trilhado na investigação do contributo do Artista Professor Afrânio Pessoa para o curso de arte da UFPI. Estudar o curso de Educação Artística da UFPI de 1979 a 2000. Identificar a prática docente de Afrânio Pessoa. O que Afrânio ensinou veio somar, teve importância, serviu ao que hoje é vivenciado no curso de Artes Visuais da UFPI? Uma vez que o curso trata da formação de professores. Será que o Artista Professor contribuiu? Se sim, qual a contribuição?

Utilizo a multirreferencialidade, por trabalhar com história de vida, formação de professores e artistas plásticos. O trabalho com arte é complexo e a formação em arte é não menos complexa. Para tanto, busco variados autores que me deram sustentação para fazer afirmações e, até mesmo, discordar. Autores da área de educação, arte educadores, artistas plásticos, autobiografias,

historiadores e movimentos artísticos que proporcionaram a construção desta dissertação. Graças à multirreferencialidade foi possível a escrita do trabalho intitulado: **Afrânio Pessoa: quando os pincéis pintam a profissão e fazem escola.**

A escrita da história configura-se de variadas formas, tendo por um longo período predominado a história positivista, em que se relatavam fatos, exaltavam-se heróis e seus feitos. Comum no período militar, em que os documentos eram utilizados como fontes verídicas e inquestionáveis.

O século XX presencia o surgimento de uma nova corrente historiográfica, intitulada de *ANNALES*, Marc Bloc e Lucien Febvre são os idealizadores dessa nova corrente. Eles nos apresentam uma nova concepção historiográfica. Nela é abandonada a história narração e para em seu lugar passar a abrigar a história problema. Aqui temos a totalidade da atividade humana. Com a publicação da Revista *Annales d'histoire économique et sociale*. Rompe-se com a história narrativa, história acontecimentos e história factual. Abrindo-se assim nos princípios do século XX, para a história das ideias de lá para cá a história abre como um leque de possibilidades. Leque este que nos permite trabalhar com a história nova.

A História Nova passa a ser conhecida como história cultura, história das mentalidades, que é a nova forma de fazer ou de trabalhar a história.

A história nova é uma nova concepção de fazer história. Portanto, elegemo-la como a nossa forma de trabalhar tendo em vista as permissões e porque julgamos que ela dará conta da complexidade que compreende a miríade de fatores interferentes no processo formativo docente. A maleabilidade de “costurar” de poder trabalhar documentações materiais diversos que é o aspecto do multireferencialidade em que variados autores e documentos nos sustentam e permitem essa “costura” de conhecimento. Não podemos deixar de mencionar Theodor W. Adorno um dos representantes da Escola de Frankfurt que contribui com as teorias crítica, estética e ética e que nos ajudam a entender as artes.

No que se refere à memória é preciso retomar, lembrarmos algo que parece perdido, morto. Mas que vamos perceber que ela existe através de lugares. Vejamos o que nos refere o autor:

A curiosidade pelos lugares em que a memória se cristaliza e se refugia está ligada a este momento particular da nossa história. Momento de articulação em que a consciência da ruptura com o passado se confunde com o sentimento de uma memória esfacelada, mas em que a esfacelamento desperta ainda memória suficiente para que se possa colocar o problema de sua encarnação. O sentimento de continuidade torna-se residual aos locais. Há locais de memória porque não há mais meios de memória (NORA, 1981. p.7).

A memória nos permite refúgio, recordações e articulações entre passado e presente. Por meio das lembranças e memória podemos montar peças de um quebra cabeça que nos leva a compreensão ou a dar uma continuidade ao presente.

Ao trabalharmos com História de vida faremos uso de autores e suas teorias para explicarmos ou utilizaremos seus conceitos para alicerçar nossa pesquisa. António Nóvoa é um dos expoentes na História de vida, e trata especificamente das histórias (auto) biográficas, em que retrata pessoas. O próprio Nóvoa chama atenção para a pessoa (ser humano), o que aqui chamo de erro que costumamos cometer, pois quando tratamos de história de vida de professores quase sempre focamos no Professor, na faceta profissional antes de nos atermos à pessoa, ao ser humano. Para só depois tratarmos do profissional (Professor). No caso do presente estudo, tratarei Afrânio Pessoa frequentemente como Artista Professor. Vejamos o seguinte conceito:

Progressivamente, a atenção exclusiva às práticas de ensino tem vindo a ser completada por um olhar sobre a vida e a pessoa do professor (Goodson e Walker, 1991). A afirmação de Jennifer Nias (1991) não prima pela originalidade, mas hoje ela merece ser de novo escutada: “O professor é a pessoa; e uma parte importante da pessoa é o professor”. Estamos no cerne do professor identitário da profissão docente que, mesmo nos tempos áureos da racionalização e da uniformização, cada um continuou a produzir no mais íntimo da sua maneira de ser professor (NÓVOA, 2007.p. 15).

Para entendermos o porquê de estudar o Artista Professor Afrânio Pessoa é necessário falarmos em alguns grandes nomes que mudaram a história da educação e que fizeram a diferença no seu tempo e que continuam sendo estudados ainda hoje por estarem atualizados. São três grandes educadores Paulo Freire, Helen Keller e Agostinho da Silva os três revolucionaram o ensino cada um a sua época e deixaram marcas relevantes na história da educação.

Paulo Regis Neves Freire (Paulo Freire) nasceu no Recife–Pernambuco em 19 de setembro de 1921. Formou-se em Direito pela Faculdade de Direito do Recife, faculdade tradicional por lá passaram grandes nomes da intelectualidade brasileira. Começa a lecionar no Colégio Oswaldo Cruz no Recife.

Em 1947 é contratado pelo departamento de educação e cultura do Sesi (Serviço Social da Indústria), oportunidade em que entra em contato com a alfabetização de adultos. A partir daqui começa a sua trajetória na educação com a alfabetização de adultos e que vai leva-lo a ser reconhecido internacionalmente. É necessário esclarecer que o Brasil e a América Latina á época de Paulo Freire possuía índices alarmantes de analfabetismo entre os adultos daí sua metodologia ter sido tão propagada. O pensamento de Freire envolve pedagogia política.

Desenvolveu um pensamento pedagógico assumidamente político. Para Freire, o objetivo maior da educação é conscientizar o aluno. Isso significa, em relação às parcelas desfavorecidas da sociedade, levá-las a entender sua situação de oprimidas e agir em favor da própria libertação. Freire entendia que a educação deveria se dar num processo dialógico que possibilitasse o desenvolvimento da consciência crítica para a formação da personalidade democrática (PENSADORES DA EDUCAÇÃO)

Paulo Freire transformou a forma de ver a educação e esta transformação se dar de diversas formas vejamos:

Para Freire, o objetivo maior da educação é conscientizar o aluno. Isso significa, em relação às parcelas desfavorecidas da sociedade, levá-las a entender sua situação de oprimidas e agir em favor da própria libertação. O principal livro de Freire se intitula justamente Pedagogia do Oprimido e os conceitos nele contidos baseiam boa parte do conjunto de sua obra.

Ao propor uma prática de sala de aula que pudesse desenvolver a criticidade dos alunos, Freire condenava o ensino oferecido pela ampla maioria das escolas (isto é, as "escolas burguesas"), que ele qualificou de educação bancária. Nela, segundo Freire, o professor age como quem deposita conhecimento num aluno apenas receptivo, dócil. Em outras palavras, o saber é visto como uma doação dos que se julgam seus detentores. Trata-se, para Freire, de uma escola alienante, mas não menos ideologizada do que a que ele propunha para despertar a consciência dos oprimidos. "Sua tônica fundamentalmente reside em matar nos educandos a curiosidade, o espírito investigador, a criatividade", escreveu o educador. Ele dizia que, enquanto a escola conservadora procura acomodar os alunos ao mundo existente, a educação que defendia tinha a intenção de inquietá-los (FREIRE, *apud* EDUCAR PARA CRESCER. Márcio Ferrarri. 01. jul.2011).

Paulo Freire escreveu em 1968, o livro Pedagogia do Oprimido, entretanto, o livro só foi conhecido no Brasil em 1974 em plena ditadura militar. Aliás, não só o Brasil, mas a América Latina como um todo vivia sob ditaduras militares. A pedagogia do oprimido e também a pedagogia da autonomia permitiram que a educação fosse repensada na América e no mundo. No Brasil, Pedagogia do Oprimido (2011), somado à Teologia da Libertação nascida na América Latina na década de 1960 e no Brasil em 1971 (2011) descortinou a ingenuidade e criou uma consciência crítica que levou e conseqüentemente fez nascer movimentos de militância e de política no Brasil. Para Paulo Freire:

Não há educação neutra. Toda neutralidade afirmada é uma opção escondida (FREIRE, 2006).

Aprender a ler é entender o mundo aprender a escrever é mudar o mundo (CECCON, 2006).

Educação processo em que as pessoas vão se completando ao longo da vida (BARRETO, 2006).

Na verdade, o inacabamento do ser humano ou a sua inconclusão é próprio da experiência vital. Onde há vida, há inacabamento (FREIRE, 2006).

Frei Betto afirma acerca do educador Paulo Freire que Revolucionou o processo pedagógico.

O fato é que não se pode falar em educação no Brasil sem referir o nome do educador Paulo Freire.

Uma das grandes educadoras do século XX é a americana Helen Keller. Ainda bebê perde a visão e audição devido a problemas de saúde. Entretanto, reverteu a seu favor o quadro de cegueira.

Apenas de posse do sentido do tato e uma perseverança inigualável, sob a orientação de Anne Sullivan Macy, Keller pôde aprender a ler e escrever pelo método Braille, chegando mesmo a falar, por imitação das vibrações da garganta de sua preceptora, as quais captava com as pontas dos dedos. O esforço de sua mente em procurar se comunicar com o exterior teve como resultado o afloramento de uma inteligência excepcional, considerada a maior vitória individual da história da educação (**Publicado no Reader's Digest (Seleções) há 70 anos**). (31 Dez. 2002).

Keller nos dá uma lição de vida, força, coragem e luta. No livro (texto) **Três Dias Para Ver** (2002). A educadora nos faz repensar nossa condição de ser humano que ver e ao mesmo tempo é cego para a vida cotidiana. Para as belezas do mundo. Nosso egoísmo e falta de percepção da vida e das pequenas coisas que nos cercam.

Mas entre a descrição dos três dias eu em especial destaco o segundo dia especialmente quando Keller relata sua pretensa visita ao museu:

Minha parada seguinte seria o Museu de Artes. Conheço bem, pelas minhas mãos, os deuses e as deusas esculpidos da antiga terra do Nilo. Já senti pelo tacto as cópias dos frisos do Paternon e a beleza rítmica do ataque dos guerreiros atenienses. As feições nodosas e barbadadas de Homero me são caras, pois também ele conheceu a cegueira.

Assim, nesse meu segundo dia, tentaria sondar a alma do homem por meio de sua arte. Veria então o que conheci pelo tacto. Mais maravilhoso ainda, todo o magnífico mundo da pintura me seria apresentado. Mas eu poderia ter apenas uma impressão superficial. Dizem os pintores que, para se apreciar a arte, real e profundamente, é preciso educar o olhar. É preciso, pela experiência, avaliar o mérito das linhas, da composição, da forma e da cor. Se eu tivesse a visão, ficaria muito feliz por me entregar a um estudo tão fascinante.

À noite de meu segundo dia seria passada no teatro ou no cinema. Como gostaria de ver a figura fascinante de Hamlet ou o tempestuoso Falstaff no colorido cenário elisabetano! Não posso desfrutar da beleza do movimento rítmico senão numa esfera restricta ao toque de minhas mãos. Só posso imaginar vagamente a graça de uma bailarina, como Pavlova, embora conheça algo do prazer do ritmo, pois muitas vezes sinto o compasso da música vibrando através do piso. Imagino que o movimento cadenciado seja um dos espetáculos mais agradáveis do mundo. Entendi algo sobre isso, deslizando os dedos pelas linhas de um mármore esculpido; se essa graça estática pode ser tão encantadora, deve ser mesmo muito mais forte a emoção de ver a graça em movimento (31 Dez. 2002).

Helen Keller foi educadora, escrito e advogada dos cegos. A Professora Anne Sullivan Macy ensinou a Keller a ler pelo método Braille que, mais tarde passa a ser difundido em todo o mundo.

O educador português George Agostinho Baptista da Silva ou simplesmente Agostinho da Silva como era conhecido. É um dos maiores filósofos e intelectuais portugueses do século XX. Quando estudante destacou-se por ser um aluno de nota máxima. Conclui seu doutorado com apenas 23 anos e novamente destacando-se com louvor. Veio residir no Brasil no ano de 1944 por

problemas com a igreja portuguesa. Aqui no Brasil vai manter relações com as universidades brasileiras e contribui com as instituições educacionais que estão nascendo e necessitando de professores para sua cátedra. O educador português vem reforçar as universidades. Entre as faculdades nas quais ele lecionou disciplinas como História, Geografia, Filosofia, nas Faculdades da Paraíba (1952 a 1955), Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santa Catarina, São Paulo, Rio Grande do Sul e Brasília. Nestas cidades, as universidades só existiriam algum tempo depois. O processo é praticamente o mesmo em todo o Brasil. Onde se juntam as faculdades, estas se transformam em universidades.

Uma vez no Brasil, que percorre desde as maiores cidades às mais remotas povoações na selva, empenhado permanentemente em projetos pedagógicos (a par de Eudoro de Sousa, foi fundador de várias universidades que, em início de atividade, precisavam de catedráticos para os seus quadros, recorrendo aos seus serviços, pois estava sempre pronto a começar de novo), Agostinho da Silva desenvolve cada vez mais uma componente filosófica do seu pensamento, que parte da mitologia clássica que conhece pela sua formação académica e se prolonga pelo pensamento mítico em geral. Assim, na década de 1950 integra o chamado Grupo de São Paulo (cf., na Bibliografia, Marcondes César), fundado por Miguel Reale (filósofo brasileiro, não confundir com o português Miguel Real, autor de um título muito útil para o leitor, cf., na Bibliografia, Real) e ao qual pertenciam também o já referido Eudoro de Sousa e o casal Dora e Vicente Ferreira da Silva. E, sintomaticamente, logo em 1957 e 1959, surgem as grandes formulações da sua doutrina providencialista de Portugal (da sua História e do seu povo), em dois livros aparentemente dedicados a matérias literárias: *Reflexão à Margem da Literatura Portuguesa* e *Um Fernando Pessoa*. Como o estudo sobre 'um' (note-se, não pretendia reduzir o complexo Pessoa àquele que ali era apresentado) Pessoa pretende encontrar na especulação desenvolvida por este sobre o V Império a confirmação do pensamento do próprio Agostinho da Silva sobre o "Império do Espírito Santo", temos aqui um caso claro de como a variedade de experiências de formação de Agostinho se plasmou na sua obra de maturidade. Em rigor, há que ter em conta uma outra influência, a da visão da história de Portugal do genro de Agostinho, Jaime Cortesão, fortemente marcada por uma idealização da monarquia medieval e da expansão marítima do início da idade moderna que não resistiu aos avanços da historiografia e das ciências sociais portuguesas da segunda metade do século XX (por Orlando Ribeiro, Vitorino Magalhães Godinho, e vários outros, sobre isto cf. na Bibliografia Leone, espec. Parte II). (LEONE. 2010)

Mas o educador Agostinho da Silva nos revela seu pensamento sobre a educação e do que educação é capaz de fazer na vida. Vejamos o pensamento intitulado **O Grande Educador** (2011):

O Grande Educador

É além de tudo essencial que a escola se não separe do mundo; não há escolas e oficinas; há um certo género de oficinas em que trabalham crianças nas tarefas que lhes são adequadas e lhes vão facilitando o desenvolvimento do corpo e do espírito; vão colaborando no que podem e no que sabem para que a vida melhore. Ninguém fugirá da escola e a olhará como um horror no dia em que a deixemos de conceber como o lugar a que se vai para receber uma lição, para a considerarmos como o ponto de condições óptimas para que uma criança efectivamente dê a sua ajuda a todos os que estão procurando libertar a condição humana do que nela há de primitivo; não se veja no aluno o ser inferior e não preparado a que se põe tutor e forte adubo; isso é o diálogo entre o jardineiro e o feijão; outra ideia havemos de fazer das possibilidades do homem e do arranjo da vida; que a criança se não deixe nunca de ver como elemento activo na máquina

do mundo e de reconhecer que a comunidade está aproveitando o seu trabalho; de número na classe e de fixador de noções temos de a passar a cidadão.

O grande educador não pensa na escola pela escola, como o grande artista não aceita a arte pela arte; é incapaz de se encerrar na relativa estreiteza de uma vida de ensino; a escola, de tudo o que lhe oferecia o universo, é apenas o ponto a que dedicou maior interesse; mas é-lhe impossível furtar-se a mais larga actividade. De outro modo: trabalha com ideias gerais; não dirá que esta escola é o seu mundo, mas que esta escola é parte indispensável do seu mundo. E quererá também que toda a oficina passe a ser uma escola; que haja o trabalho proporcionado e alegre, amorosamente feito, porque se sabe necessário ao progresso, levado a cabo numa atitude de artista e de voluntário, disciplinado remador na jangada comum; que se não esmaguem as faculdades superiores do operário sob o peso e a monotonia de tarefas sem interesse e sem vida; que se faça a clara distinção entre o homem e a máquina; que, finalmente, se ajude o trabalhador a encontrar na sua ocupação, em todas as ideias que a cercam e a condicionam ou que ela própria provoca, o Bem Supremo da sua vida e da vida dos outros (SILVA, In: "Considerações", *apud* <http://www.citador.pt/textos/o-grande-educador-agostinho-da-silva>).

Observo que uma das preocupações do educador Agostinho da Silva é a questão da "universalização" do povo português e da língua portuguesa.

O problema de que parte é a procura de uma razão de ser para Portugal: o que eu quero é que a filosofia que haja por estes lados arranque do povo português, faça que o povo português tenha confiança em si mesmo», entendendo por «povo português» não apenas os portugueses de Portugal, mas também os do Brasil, laçados de índios e negros, os portugueses de África, tribais e pretos, como também os da Índia, de Macau e de Timor.

Embarcando num sonho universalista em que os portugueses que vivem apenas para Portugal não têm razão de ser, apresentou-se aos olhos tantas vezes desconcertados dos seus leitores como um cavaleiro do Quinto Império, um reinado do Espírito Santo, respirando um misto de franciscanismo e de joaquimismo e, em todo o caso, obra mais de cigarras que de formigas como era próprio das crianças: «Restaurar a criança em nós, e em nós a coroarmos Imperador, eis aí o primeiro passo para a formação do império», o que é dizer que o primeiro passo dos impérios está sempre no espírito dos homens, aptos para servir, como os antigos templários ou os cavaleiros da Ordem de Cristo (QUADROS, *apud* Agostinho da Silva, 1992).

É observada a sua preocupação com a língua portuguesa, com povo português e com os colonizados pelos portugueses que falam a língua portuguesa.

Agostinho era um humanista lecionou História Antiga, Filosofia e Geografia. No livro Presença de Agostinho da Silva no Brasil pudemos ler os depoimentos e entrevistas que antigos alunos e colegas professores deram sobre o educador português. Perguntava aos alunos as horas que dedicavam a leitura todos os dias. De acordo com as professoras Cléris Oliveira Dias e Victória Chianca:

Outra coisa, também, que ele perguntava, parecia até graça: "Quantas horas de leitura você tem por dia?"

Durante o dia?

Exigia muita leitura!

"Quantas horas? Que é que você faz?" Ai eu digo: " Eu vou ao cinema" . Ai, cinema. Está perdendo seu tempo. Cinema é uma fuga. Você que está dizendo isso, está perdendo tempo" (DIAS e CHIANKA, 1999).

O Professor Roberto Pinho assim narra no seu depoimento sobre Agostinho da Silva:

Assim sendo, optei pelo testemunhar e contar mais sobre o homem do que sobre a obra. Embora, em se tratando de quem se trata, é quase impensável fazer esta separação. Além de sábio, o Professor foi o mais extraordinário erudito que conheci. Ouvi, muitas vezes, respeitáveis eruditos fazerem esta mesma afirmação. Mas ele se posicionava como um homem de ação. Sua erudição e cultura foram construídas na ação. Mesmo quando, em determinados períodos de sua vida, dedicou-se exclusivamente ao estudo, buscava não dissociar da ação, ou da preparação para a ação, o caráter contemplativo intrínseco à erudição. Referia-se a certo tipo erudito como homens que se refugiaram no conforto das bibliotecas por incapacidade de agir.

Estes são alguns depoimentos relativos à presença do renomado educador Agostinho da Silva em uma das suas passagens pelo Brasil mas, precisamente pela Bahia.

A partir dos feitos de Paulo Freire, Helen Keller e Agostinho da Silva podemos entender a importância de se estudar um artista professor piauiense que fez e faz a diferença na sua época na instituição de ensino na qual lecionou.

Os três educadores acima apresentados nos mostram a importância que eles tiveram e as mudanças que fizeram na educação, cada um dentro do seu tempo e no país, em que viveram. O Artista Professor Afrânio Pessoa também tem sua importância no contexto das artes e da educação no Brasil e no estado do Piauí.

2.2. PROJETO PEDAGÓGICO: O CURSO DE EDUCAÇÃO ARTÍSTICA NO ENSINO SUPERIOR

O termo projeto vem sendo utilizado no Brasil mais voltado para área pedagógica na década de 1990.

E o projeto com a qualificação de pedagógico, qual é o seu significado? De repente, em meados da década de 90, a ideia de projeto pedagógico vem tomando corpo no discurso oficial e em quase todas as instituições de ensino, espalhadas nesse imenso Brasil. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9394/94), em seu artigo 12, inciso I, prevê que "os estabelecimentos de ensino, respeitadas as normas comuns e as do seu sistema de ensino, têm a incumbência de elaborar e executar sua proposta pedagógica", deixando explícita a ideia de que a escola não pode prescindir da reflexão sobre sua intencionalidade educativa. Assim sendo, o projeto pedagógico passou a ser objeto prioritário de estudo e de muita discussão (BAFFI, 2002).

A partir da década de 1990, projeto pedagógico passa a ter espaço maior nas instituições de ensino. Mas torna-se necessário entender um pouco a história do curso de arte no Brasil.

O ensino de Arte brasileiro “nasce” com características nada agradáveis, uma vez que surgiu como imposição da ditadura militar através da Lei 5692 de 1971. Vejamos abaixo:

A obrigatoriedade do ensino de Arte, no Brasil, aconteceu através da Lei 5692/71, promulgada durante o período da ditadura militar. Mais uma vez, Barbosa (1999, p. 09) afirma que este motivo, além de não se constituir em uma conquista de professores de arte brasileiros foi uma criação ideológica de educadores norte-americanos, que, sob um acordo oficial (Acordo MEC-USAID), reformulou a educação brasileira, estabelecendo, em 1971, os objetivos e o currículo configurado na Lei Federal n. 5692/71 (COELHO, 2008. p.17).

Os Cursos de Arte das Universidades brasileiras funcionam descompassadamente, uma vez que devido ao Regime Militar no qual o Brasil e América do Sul ficam mergulhados, por vinte anos. No Brasil o ensino acontece de forma errônea. De acordo com Pimenta (2004) a pesquisa e o ensino são separadas na década de 1970. Isso se deve ao Regime militar a “a caça às bruxas”, pois os militares se infiltravam nas universidades brasileiras para vigiarem professores e alunos. O período foi conturbado. Foram muitos professores, artistas e intelectuais brasileiros que procuraram refúgio na Europa. O que prejudicou a educação brasileira por aproximadamente três décadas. Somente em 1996 a Lei das Diretrizes e Bases do Ensino procurará reverter o problema.

Sendo assim o ensino foi o mais prejudicado. O maior desafio do ensino superior na atualidade é preparar os jovens alunos para o mercado de trabalho brasileiro.

Percebemos que o currículo de Projeto Pedagógico do curso de Educação Artística, em nível de Ensino Superior, não segue um padrão específico, ou melhor, dizendo, o mesmo não possui uma matriz curricular fixa que oriente os conteúdos, nas variadas instituições brasileiras. Tal fato só passou a ser minorado com os Parâmetros Curriculares Nacionais voltadas para os diversos níveis da educação brasileira, 1ª a 4ª, 5ª a 8ª, e, por fim, o PCN que orienta o Ensino Médio. Os parâmetros são apenas norteadores da educação brasileira, principalmente se considerarmos o tamanho continental do Brasil, é necessário que exista flexibilidade e lugar para que sejam ministrados conteúdos que remetam para as especificidades locais. O Projeto Pedagógico é o plano global que rege a instituição, no nosso caso, o plano global que rege o curso de arte da UFPI. Cada instituição possui seu próprio plano que direciona as disciplinas e a forma como estas são trabalhadas por seus professores e alunos nas disciplinas por ele ministradas.

O Projeto Político Pedagógico (ou Projeto Educativo) é o plano global que da Instituição. Pode ser entendido como a sistematização, nunca definitiva, de um processo de Planejamento participativo, que se aperfeiçoa e se concretiza na caminhada, que define claramente o tipo de ação educativa que se quer realizar. É um instrumento teórico-metodológico para a intervenção e mudança da realidade. É um elemento de organização e integração da atividade prática da instituição nesse processo de transformação (VASCONCELLOS, 2009, p.169).

De acordo com o corpo docente do Curso de Artes da UFPI o Projeto Pedagógico proporciona uma série de benefícios e avanços ao curso.

Entendemos que a atualização Curricular deve ser um processo flexível e permanente. Desse modo, este projeto representa um avanço em meio às novas transformações que vêm fortalecer e dinamizar o Curso através da formação profissional através do ensino, da pesquisa e da extensão, que são os pilares sustentadores o ensino universitário (PP, 2008, p.6).

Tal foi proporcionado com a Nova LDB 9394/96 que extingue a denominação Educação Artística e institui em seu lugar Artes Visuais, nas modalidades: Dança, Música e Artes Cênicas. A lei tem o objetivo de superar a polivalência e a superficialidade curricular. Entretanto, as mudanças ocorridas com a Nova LDB trazem como não poderia deixar de ocorrer mudanças em nível de Educação infantil e Ensino Fundamental e Médio, que junto com as mudanças ocorridas no Ensino Superior são partes fundamentais e que alicerçam a educação brasileira na sua totalidade.

A LDB em nível superior atribui autonomias às universidades brasileiras, tais como: fixar os currículos dos seus cursos e programas, reconhecimentos de curso, maior liberdade de gerenciamento e direcionamento das escolhas feitas dentro de cada universidade em prol de seus cursos. Lógico que tudo o que é feito no âmbito educacional tem que seguir e observar as diretrizes gerais consoantes à referida Lei.

De acordo com os PCNs percebemos que quando menciona Artes Visuais o faz na forma que inclui quatro modalidades artísticas de ensino nas escolas que são: arte visual, música, dança e artes cênicas o que nos mostra as especificidades fundamentais para o desenvolvimento do indivíduo.

Essas diretrizes Gerais concordantemente com a nova LDB têm o objetivo de orientar os cursos superiores em artes para a construção de currículos que atendam as especificidades regionais, que orientem para o mercado de trabalho a qual pertença cada uma das instituições de ensino superior de acordo com suas regiões e necessidades de cada uma delas. Existem regiões que necessitam de professores com formação específica em determinada área e outras necessitam de professores com amplo conhecimento.

Entre as muitas mudanças que o projeto pedagógico do curso de Artes Visuais da UFPI fez é a formação que deixa de ser ambígua, pois formavam arte educadores com ênfase no bacharelado e que essa mudança veio trazer um espaço para a pesquisa e formação. Uma das mudanças propostas pode ser vista na afirmação dos próprios docentes da IES.

Esta proposta do Curso de Licenciatura em Artes Visuais busca do cotidiano como a vivência significativa e a busca do desenvolvimento das capacidades poéticas e críticas, no âmbito da linguagem visual, que atualmente oferecem a todos uma iconosfera sem par na história da humanidade (PP, 2008, p.8).

Se observarmos a descrição do Projeto Pedagógico vemos que tem uma conotação do discurso do Professor Afrânio principalmente quando fala em pesquisa embora a pesquisa do Professor estivesse mais relacionada com a observação de artistas e utilização de suas técnicas. Mas a vivência é importante e necessária principalmente pelos alunos. Eles necessitam de estudo e este estudo pode ser feito através de observação e com leitura crítica de imagens do cotidiano dos alunos. O que vem a somar com o estudo de imagens de grandes mestres da pintura. Inclusive se fazendo paralelos entre as observações.

Precisamos entender o porquê do ensino de artes no Brasil não ser levado a sério. De acordo com a trajetória histórica e artística chega-se à conclusão que os governos brasileiros desde a colonização até hoje não têm tido a preocupação de como detentores de poder ao conduzirem o povo mostrando a conscientização de seus valores e que através destas conscientização lutarem por seus direitos deixando de ser manobrados pelos poderosos que manipulam de acordo com seus próprios interesses. Na história do Brasil desde a colonização, a conscientização nos foi negada a princípio pelo colonizador. Existe no Brasil uma corrente de arte educadores que defendem a influência cultural imposta pelos colonizadores. Da mesma forma que existe os contrários a esta corrente. A Professora da USP Ana Mae Barbosa é uma das opositoras a cultura imposta pelos colonizadores.

Entender-se que o ensino da Arte no Brasil se caracterizou pela influência e dependência dos países considerados de primeiro mundo sobre os países do terceiro mundo. À medida que o povo brasileiro foi dependente economicamente, desde o seu processo de colonização por Portugal, Inglaterra e depois instituídos pelos países europeus, caracterizado pelo sistema azul, vermelho e branco, representados no Brasil Colonial por Portugal, Inglaterra e a partir da passagem do século XX até os dias atuais, pelos Estados Unidos, é compreensível que o ensino tenha, também, sido reflexo desse processo de alienação resultado da descaracterização e desvalorização da nossa cultura (BARBOSA, *apud* PP, 2008, p.9-10).

A corrente defende que as artes no Brasil possuem um único viés que é o europeu. A isso se deve o ensino das artes no nosso Brasil ter por tantos anos renegado sua própria arte. E que só agora pode ser preenchida esta lacuna na história das artes do Brasil. Porque mesmo tendo sido colonizados pelos europeus, o Brasil não foi o único território na América a sê-lo. É sabido que não só os Portugueses, mas também os Espanhóis, Ingleses e Franceses dificilmente, quando mesmo, não aceitavam a cultura dos índios, e assim foi, portanto, em toda a América. Portugueses e Espanhóis, por serem católicos imbuídos da necessidade de “catequizarem” os indígenas, levando a que seu modo de vida e suas manifestações culturais eram pouco apreciadas pelos colonizadores, quiçá, porque as não entendiam e ou porque, na sua simplicidade e naturalidade, lhes pareciam selvagens. Daí precisarem, segundo conceito à época, ser trazidos à cultura, tendo como primeiro passo a catequização. O Africano foi sujeito a sofrimento ainda maior, pois este era somente olhado como “coisa”, só serviriam, no entendimento do europeu, para fazer trabalhos nas artes liberais dos ofícios manuais e mecânicos. Eram considerados sem alma, portanto e por isso mesmo, coisas. Se a base da raça brasileira tem duas contribuições “inferiores” logicamente não tinha nenhum sentido se apreciar cultura de “povos insignificantes”.

Com a vinda da família real para o Brasil em 1808 deu-se início a uma nova era. Aconteceram mudanças visíveis no panorama artístico cultural brasileiro. Entretanto, somente oito anos mais tarde, em 1816, com a chegada da Missão Artística Francesa é que surge uma arte brasileira, nela sobressaindo O Barroco Brasileiro da Escola Mineira. É a partir daqui que se pode considerar o início do aparecimento ou surgimento de uma arte propriamente brasileira.

A medida mais importante para incrementar a vida cultural da Colônia foi à vinda da Missão Artística Francesa em 1816. Nunca o Brasil possuía escola de arte. D. João VI chamou uma plêiade de artistas de Paris para organizar o ensino artístico, no Rio, Nessa época foi tamanha a transformação da mentalidade brasileira que, a par da independência política, a reação contra os portugueses chegou à ponto de renunciar à própria ascendência cultural lusitana, a fim de adotar qualquer outra sem nenhum vínculo tradicional (MONTERADO,1978, p.234).

A Missão Artística Francesa teve como objetivo fundar o ensino artístico no Brasil.

Além disso, se levarmos em conta a globalização, sem esquecer que esta vinda de europeus para o Novo Mundo é um início de globalização, não é de negar que os povos mais desenvolvidos ou que determinam fazeres em determinadas áreas, como a militar, artística, e por aí em diante, tendem a ver seus traços culturais se sobreporem aos dos menos desenvolvidos. Mesmo considerando o fato de o Brasil ter sido uma nação colônia, sob influência e domínio

de um povo cujas tradições, hábitos e *modus vivendi* eram (são, por razões de ordem geográfica, histórica, atmosféricas, entre outras) evidentemente diferentes dos locais, a realidade é que os que iam nascendo no Brasil, se sentindo brasileiros, e com a independência do país, podiam ter feito mais para que efetivamente houvesse maior valorização do que é nacional. Os “vícios”, no entanto, continuam praticamente os mesmos, mas com roupagens do século XXI, denominados de modo diferente. Se o Brasil atual tem, inegavelmente talento de sobra nas várias áreas de produção artística e cultural, os olhos de seus cidadãos continuam fixados algures em espaço exterior às fronteiras da nação, como se “só” o que vem de fora é que realmente presta.

Fez-se necessário um breve olhar na História para entender o panorama do ensino das artes no Brasil. O Curso de Artes no Brasil foi criado nos anos de 1970 através do curso de Educação Artística que por sua vez foi derivado do curso de Educação para o Lar. As Universidades brasileiras precisaram recorrer à Escolinha de Arte do Brasil, pois, era a única instituição formadora de professores de arte. A Universidade do Brasil possuía o Curso de Belas Artes formação Bacharel.

Com a LDB nº 5692/71 se institui o Curso de Educação Artística a nível de ensino superior, porém o curso era polivalente. Polivalente por uma interpretação errônea da lei vigente norte- americana. Pois nos EUA o ensino de arte era e é, em verdade, feito de forma multidisciplinar ou interdisciplinar. À evidência, então, o que afirmava atrás: a velha mania que o brasileiro tem de copiar o que os outros fazem. Por azar, ainda, o fez, neste caso (mas como sucede em vários outros), de modo equivocado. Porquê? Aos professores de arte americanos não eram exigidos domínios de varias linguagens artísticas, mas no Brasil foi exigido devido ao termo polivalente. Considerando distinções entre como se vive no Brasil e nos Estados Unidos da América do Norte, querer, neste país da América do Sul ser e fazer como naquele da América do Norte vai, sem erro de errar, trazer situações cujos resultados se não adéquam ao que é ser brasileiro.

Como se deu sequência à criação dos cursos de Educação Artística das universidades brasileiras o curso da UFPI nasce da resolução do CONSUN (Conselho Universitário, criado em 1997 sem data específica) pela resolução nº 01/77. O curso de Educação Artística com habilitação em Artes Plásticas, Música, Desenho e Artes Cênicas. O Curso de Cênicas que na década seguinte nos anos de 1980 é extinto por alegadamente haver falta de professores e por não haver uma demanda de alunos que justificasse a sua manutenção.

O curso de Educação Artística funciona como uma formação híbrida em que os alunos tem uma formação voltada ao bacharelado artistas, mas na realidade o curso é uma licenciatura que forma ou devia formar professores. Na realidade o curso forma profissionais que não possuíam capacidade para atuarem na sala de aula. Era um curso frustração e incapacidade o que o curso oferecia não correspondia ao mercado de trabalho e por sua vez a habilidade de ser artista não se concretizava, nem todos os alunos matriculados tinham aptidão para desenvolver o mercado das artes plásticas. Percebemos bem o termo polivalente fazer efeito inverso. O que uma tradução mal feita resulta na vida de uma geração.

Com teste de habilidade ou aptidão nos dias atuais percebe-se que mesmo os que ingressaram no curso na sua maioria por tornam-se professor e alguns poucos artistas daí com a Nova LDB Lei 9394/96 poder haver uma convivência. É para isso que marcha o Curso. É para em que converge com a nova lei currículos atualizados e sintonizados com a pós-modernidade em que deve existir criação de bacharelados em Artes Plásticas, *Design*, Gráfico e *design* de interiores e em Música. Os profissionais devem dominar variedade de linguagem tradicional aliada a novas mídias como: cinema, moda etc. É uma formação mais abrangente que englobe e atenda uma cultura visual ampliada.

Como a Nova LDB, já mencionada anteriormente, tem abertura para o ensino regional o estudo da arte no nosso estado, na nossa região, o Nordeste, se beneficiou uma vez que nos currículos anteriores se estudava a arte deste a pré-história se passando por todos os movimentos até mesmo se estuda a história do Brasil com seus movimentos mais fortes a nível mais amplo, o estudo do nosso estado Piauí ficava relegado. Aliás, podemos afirmar aqui que a Lei 9394/96 proporcionou a nós piauienses mostrarmos a nível mundial as riquezas da nossa arte que começa na pré-história com o homem Americano na Serra da Capivara e se mantém até hoje perpassando séculos até chegarmos aos artistas plásticos piauienses da atualidade. Assim possibilita-se aos nossos estudantes de ensino Fundamental e Médio conhecer a nossa história e as pessoas que a fazem. Os professores ou arte educadores tem hoje a possibilidade de levar ao conhecimento do nosso alunado a nossa própria história.

Ao mesmo tempo em que o curso de Artes Visuais vislumbra uma reforma do currículo a Lei 9394/96 permite também às universidades determinados privilégios. A UFPI continua com problemas físicos para o funcionamento do curso de artes visuais. Faltam salas, laboratórios, ateliês e oficinas. A estrutura parece ter piorado dado ao crescimento do curso, pois à época do Professor Afrânio as salas existiam ainda que faltassem estátuas, Existiam cavaletes e mesmo os professores

não possuindo a qualificação a nível de mestrado e doutorado o curso funcionava. Hoje, entretanto os problemas são inversos. Os professores são doutores, mestres e especialistas mas, continuam os problemas físicos onde continua o problema das salas de aula. O quadro de professores qualificados mas a falta de estrutura física continua. Não adianta em quase nada mudar o currículo, qualificar professores com doutorados e esquecer o básico e primordial as salas, oficinas, ateliês porque por melhor que sejam os docentes em que vão atuar? Precisam recriar espaços para que funcione o curso. Parece repetir a prática em que professor ausentava-se da UFPI e ia além ou extramuros para ministrar aulas de pintura, desenho artístico. Serão necessários mais professores atuando como o Professor Afrânio.

A Lei 9394/96 abriu um leque para a pós-graduação desde especializações até o tão sonhado mestrado em artes ou ensino das artes. O mestrado em artes é um sonho de qualificação para os alunos da instituição. A UFPI busca o que as outras universidades brasileiras possuem.

De acordo com o Projeto Pedagógico do Curso de Artes Visuais da Universidade Federal do Piauí ano de 2008.

Entre os objetivos do curso de Licenciatura em Artes Visuais da UFPI conta-se a formação profissional, priorizando o professor de Artes Visuais, para exercer a docência nos ensinos básico e superior. São objetivos:

- Formar profissional comprometido com as questões educacionais.
- Possibilitar a atualização curricular, formação continuada buscando atender necessidades do contexto sócio-histórico-cultural e político.
- Fomentar a atividade de pesquisa em Arte, como aspectos relevantes para a compreensão do ser humano.
- Formar profissionais habilitados a produção, pesquisa, extensão, comprometidos com as questões acadêmicas e com postura crítica.
- Ampliar o leque de conhecimento do aluno, o contato dele com a realidade social possibilitando ao mesmo aplicar os conhecimentos adquiridos a articulação entre ensino, pesquisa e extensão.
- Desenvolver sensibilidade, intuição, criatividade, conhecimentos de códigos culturais e específicos das linguagens da Arte.

- Dinamizar as inter-relações entre: teoria prática e reflexão críticas sistemáticas.
- Estabelecer relações, vínculos entre o Curso de Licenciatura em Artes Visuais e a sociedade.
- Contribuir para construção de saberes docentes, e o contato deste com a realidade social.
- Oferecer condições adequadas para contribuir para processo de inclusão social.
- Promover de intercâmbio cultural entre as instituições do estado e do país.
- Propiciar conhecimento e uso dos materiais expressivos sua valorização âmbito da cultura brasileira e local.

De acordo com o Projeto Pedagógico do Curso de Artes Visuais, o curso tem outras coisas, um aumento de Carga Horária. Vejamos o que é relatado:

Desse modo a proposta do atual currículo tem como perfil tomar o educador em Artes Visuais com o objetivo de fornecer instrumental pedagógico capaz de possibilitar a este profissional uma melhor formação. Nesse sentido, a reforma proposta, traz no seu bojo o aumento da carga Horária, buscando articular teoria e prática, através dos ateliês, oficinas e práticas laboratoriais, baseados na pesquisa e produção de conhecimentos no campo da formação de modo a possibilitar ao formando pelo curso, a sua atuação de forma crítica, participativa e consciente na comunidade em que se encontra inserido (PP, 2008, p.19)

No Projeto Pedagógico são dez as competências e Habilidades gerais relacionadas.

- Conhecer, dominar e aplicar adequadamente os conteúdos que embasam ensino aprendizagem Arte, de modo a atender critérios como: contextualização, articulação, pertinência, criatividade, significância;
- Estimular o espírito solidário, a consciência planetária, atitude cidadã, numa visão de totalidade que não restrinja apenas às práticas pedagógicas e específicas das docências em Arte, no espaço escolar;
- Conhecer, assumir postura crítico-reflexiva ante as políticas culturais, educacionais e Procurar novos caminhos que visem superar obstáculos;
- Orientar as escolhas teóricas, metodológicas, didáticas por princípios éticos, políticos, estéticos e pela coerência epistemológica.
- Promover a conscientização maior consciência e delineamento dos processos identitários do ensino de Arte na escola, bem como do profissional, professor de Arte, no sentido de maior valorização da Arte, do ensino e do profissional:
- Articular com competência uma prática pedagógica que valorize a arte, o professor e o educando, reconhecendo a presença da multiculturalidade caracterizada pela cultura popular erudita e de massa presente na contemporaneidade;
- Exercitar a vivência do planejamento, reflexão, realização e avaliação do ensino – aprendizagem, sob diferentes ângulos estratégicos de abordagem dos conteúdos, com vistas a uma melhor adequação às diferentes necessidades e perspectivas valorativas e culturais dos estudantes, comunidade e sociedade em geral

- Avaliar a aprendizagem do educando considerando não só o desenvolvimento cognitivo, mas o emocional e demais inteligências e facetas que compõem o homem em sua totalidade;
- Desenvolver as capacidades perceptuais, criativas, expressivas, conectivista entre a Arte e demais disciplinas curriculares acadêmicos;
- Compreender o processo avaliativo como uma das possibilidades de detectar fragilidades com o fim de superá-las durante o processo, para que, findo o período o estudante possa ter conquistado a apropriação do conhecimento proporcionado, superação das dificuldades e fortalecida sua autonomia;
- Conhecer e saber escolher e bem conduzir os processos investigativos que permutam: produzir e ampliar conhecimentos; avaliar e melhorar a sua prática docente; exercitar a problematização no ensino da Arte; apontar outras possibilidades de intervenção na prática pedagógicas;
- Conhecer e dominar as novas tecnologias (hardware, software, e mídias) a fim de aplicá-las, convenientemente, as necessidades surgidas no processo de ensino-aprendizagem e estar assim atualizado no mundo globalizado (PP, 2008, p.21).

O projeto Pedagógico tem várias competências e habilidades específicas, entretanto aqui ressaltaremos as específicas que propõem fortalecer a formação do profissional do ensino de artes a partir da vivência político sensível e vários fatores interferentes no processo. A partir deste sentido busca-se o entendimento de novas práticas pedagógicas, novos sistemas de avaliação educacional direcionada ao campo de atuação do Arte-educador.

As habilidades específicas do Curso de Artes Visuais da UFPI são:

Usar as linguagens visuais em comunhão com as tecnologias como modo de expressão e comunicação estetizados, proposição de objetos artísticos;

Conceber linguagens artísticas como representações simbólicas das culturas locais, promover processos dialéticos, críticos, reflexivos.

Vivenciar, planejar e criar novas proposições artísticas promover aplicação de avanços nas tecnologias, cognitivos e sensíveis a expressão do ideário humano. Aqui cabe ao curso de artes visuais inserir o aluno nas tecnologias principalmente fazer conhecer e usá-las como ferramenta de trabalho nas artes visuais. Pois, na atualidade cada vez mais arte e novas tecnologias andam juntas para desenvolver as artes visuais.

Desenvolver os potenciais perceptivos, criativos, cognitivos, idiossincráticos e imaginativos, através emprego das linguagens artísticas na leitura e ressignificação do mundo.

Ao analisarmos o PP do Curso de Artes Visuais da UFPI observamos que o forte do Projeto Político Pedagógico é:

A indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão em que se deve passar que o ensino é espaço de produção de saber por meio da investigação como processo formador de compreensão fenômenos, relações e movimentos diferentes realidades se necessário transformando tais realidades.

Compromisso desenvolver espírito crítico e autonomia intelectual, para que o profissional possa contribuir atendimento das necessidades sociais.

A epistemologia da Arte sustenta-se em três pilares básicos inter-relacionados que são: **o fazer, a leitura e a contextualização**. Neste tripé que sustenta a proposta contemporânea de ensino da arte. A partir daqui o Curso de Artes Visuais visa o ensino, pesquisa e extensão. Sendo priorizando à pesquisa através da formação do mestrado em artes visuais com três linhas de pesquisa em música, arte e semiótica.

A estrutura Curricular do Curso de Licenciatura em Artes Visuais tem como Núcleo Comum

Fundamentos da Expressão e Comunicação Humana

Seminário de Pesquisa em Arte

Estética e Filosofia da Arte

Fundamentos da linguagem Visual

Patrimônio Material e Imaterial

Análise e Exercício dos Materiais Expressivos

História das Artes Visuais

História da Arte no Brasil

O núcleo Específico refere-se às disciplinas mais pertinentes a cada habilitação, visa empreender sólida capacitação dos profissionais.

Composição

Psicologia da Percepção e da Forma

Desenho de observação

História das Artes Visuais II

Análise e Exercício dos Materiais Expressivos II

História da Arte no Brasil II

Desenho Perspectivo

Projeto Orientado

Fotografia

Pintura I

Gravura

Pintura II

Desenho Artístico

Crítica de Arte Moderna e Contemporânea

Expressão em Volume I – Modelagem

Desenho Anatômico e Modelo Vivo

Introdução a Computação Gráfica

Expressão em Volume II – Escultura

Laboratório de Programação Visual II

Arte e Meio Ambiente

Cinema e Vídeo

Encenação e Cenografia

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)

Ainda existe o Núcleo de Formação Pedagógica que se refere as disciplinas que preparam os alunos para a formação e atividades de professores para enfrentarem a sala de aula com domínio teórico-prático das teorias e experiências do professor propriamente dito. São disciplinas obrigatórias da Licenciatura da UFPI.

Sociologia da Educação

Psicologia da Educação

Avaliação de Aprendizagem

Filosofia da Educação

Legislação da Educação

Didática Geral

História da Educação

Metodologia do Ensino das Artes Visuais

Estágio Curricular I

Estágio Curricular II

Estágio Curricular III

Estágio Curricular IV

Fazem parte do Currículo as disciplinas cursadas livremente pelo aluno são chamadas de Optativas. Embora conste um número delas para crédito e carga horária a serem cumpridas.

Arte do corpo

Teatro de Formas Animadas

Laboratório de H.Q

Gravura Metal

Desenho Geométrico

Cerâmica

Oficina Grafite

Oficina Interdisciplinar em Artes Visuais I

Oficina Interdisciplinar em Artes Visuais II

Iniciação e Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis.

Introdução ao *Design*.

Introdução à Semiótica

Além dessas disciplinas temos ainda as atividades Científico-Acadêmico - Culturais. De acordo com PP estas atividades de formação acadêmica do curso de licenciatura em Artes Visuais são obrigatórias até o limite de 225 (duzentos e vinte e cinco) horas.

O aluno deve contemplar a carga horária com atividades de formação acadêmica contemplando duas categorias constituídas de mostras coletivas e individuais, seminários de pesquisa, eventos (performances, recitais, peças teatrais, instalações e etc.). Estas devem ser oferecidas durante o curso.

Sendo divididas em quatro categorias: Atividades de Ensino, Atividades de pesquisa, atividades de Extensão e Atividades de Representação Estudantil.

Como cada universidade brasileira tem seu próprio Projeto Pedagógico ressalto aqui algumas citações do Projeto Pedagógico do Curso de Artes Visuais da Universidade do Estado de Santa Catarina. O projeto diz:

Assim, cabe tanto ao **artista/pesquisador** como ao **professor/pesquisador** fabricar conceitos, talhando acontecimentos e criando mundos, além de estabelecer conexões e formular novos campos e traçar novos planos. É quando os processos de criação e a obra de arte, como blocos de experimentação e materialização de percepções e afecções, podem acrescentar novas variedades ao mundo (PP, 2008, p 15).

Como no ensino superior a maioria dos professores de arte desenvolve pesquisa e sendo eles professores de licenciatura nada mais oportuna que direcionar os alunos para a pesquisa na área de ensino de arte.

É de relevância entender que sendo a maior parte dos professores do curso superior de Arte artista/pesquisadores, estes abordem pesquisas *sobre Arte e sobre o Ensino de Arte*; articulando e refletindo sobre a dicotomia entre ensinar Arte e produzir Arte. Deste modo, a estrutura de um currículo para um curso superior definirá simultaneamente seu projeto pedagógico, indicando também as competências e habilidades presentes no percurso curricular necessárias para o perfil profissional do artista e do professor de Artes Visuais (PP, 2008, p. 8).

De acordo com a análise do Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Artes Visuais da UFPI percebemos que entre os muitos objetivos do curso o mesmo está mais focado na formação de professores para o ensino fundamental e médio. E que o curso tem uma visão no campo da pesquisa e extensão que são muito bons pois, além de formar novos pesquisadores em arte ou ensino da arte visa ampliar os horizontes através da aproximação com a comunidade para mostrar os trabalhos que estão sendo produzidos na Universidade e através da extensão podendo dialogar(trocar) conhecimentos com a comunidade. O que é uma maneira de extravasar os muros da UFPI.

O curso de Licenciatura em Artes Visuais tem uma carga horária de 2.840 horas aula dividida em nove blocos. Este é o Curso ofertado pela UFPI.

2.3. O CURRÍCULO ACADÊMICO DO CURSO DE EDUCAÇÃO ARTÍSTICA NA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ NA DÉCADA DA SUA IMPLANTAÇÃO, 1970 E SEU DESENVOLVIMENTO NAS DUAS DÉCADAS SUBSEQUENTES, 1980 E 1990.

O curso de Educação Artística da Universidade Federal do Piauí nasce na década de 1970. Segundo Coêlho:

O curso de Licenciatura Plena em Educação Artística nasceu indiretamente do Centro de Estudos e Pesquisas Interdisciplinares (CEPI), que funcionou como uma espécie de preparo do terreno para a sementeira. O CEPI foi criado na década de 1970, veio a funcionar, em 1971, proveniente do Projeto Piauí, um programa de governo, que intentava implantar um modelo experimental de desenvolvimento integral e participativo, através do Sistema Social de Educação para a região Nordeste do Brasil. Do ponto de vista direto, o curso nasceu do Departamento de Artes Práticas (DAP); teve início no biênio 1975-1976, na Universidade Federal do Piauí. Naquele departamento, funcionavam cursos livres de Arte abertos à comunidade. O Curso de Música, criado em 1975, sedimentou as bases que alicerçariam, mais tarde, a Licenciatura Curta em Música, voltada para atender as escolas em nível do então 1º grau. Não obstante ter sido criado em 1975, através do Ato da Reitoria 33/76, que autorizou o seu funcionamento, este curso ofereceu o primeiro vestibular somente em 1976 (COÊLHO, 2008. p.88).

De acordo com o Currículo do Curso de Educação Artística do ano de 1977.

A “Educação Artística” foi instaurada como disciplina obrigatória nos currículos de 1º e 2º graus através da lei 5692/71, a partir de então em atendimento a essa nova demanda, foram criados cursos de Educação Artística em diversas Universidades e muitos dos antigos cursos de bacharelado em artes foram transformados em licenciaturas. Criado em 1977 pela Resolução nº 01/77 CONSUN, o Curso de Educação Artística CCE/UFPI exemplifica essa tendência (CURRÍCULO CURSO DE EDUCAÇÃO ARTÍSTICA 1996).

Especificamente, no ano de 1977, com uma atribuição que é a formação de professores para lecionarem a disciplina de Educação Artística nas escolas de 1º e 2º graus, hoje ensino fundamental e médio.

Este múltiplo perfil é resultado de um longo processo, que culminou com a conjuntura adversa que deu origem a criação, no Brasil, dos cursos de Educação Artística. O País encontrava-se mergulhado no clima ditatorial, que tornou obrigatório o ensino da Arte, fato que gerou antipatia que repercutiu até os dias atuais (COÊLHO, 2008. p.14).

Temos então o Curso de licenciatura que prepara os alunos para formação de professores que atuaram na área educacional. O “nascimento” ou “criação” do mesmo é feito com quatro habilitações: Música, Desenho, Artes Plásticas

e Artes Cênicas. Será oferecido nas modalidades de Curta Duração e Duração Plena¹².

Cada uma das habilitações tem a quantidade de horas que devem ser cursadas bem como a quantidade de créditos. No caso aqui estudado, que é Artes Plásticas, o curso tem 142 créditos e 2665 horas. O curso tem, ao todo, 142 créditos e uma totalidade de 2665 horas. O curso compreende três possibilidades temporais para ser feito: um prazo mínimo de três anos; um médio de quatro e um máximo de sete. Tudo isso conforme os dados do Currículo Pleno de Educação Artística do ano de 1977.

Apesar dos percalços, o curso de Educação Artística configurou-se como um marco no ensino de Arte no Piauí, ao nível de terceiro grau. E foi nos seus egressos que algumas faculdades encontraram professores para ministrar disciplinas ligadas à Arte.

Ao colocarmos em tela a existência de poucos estudos referentes à prática docente, à formação e aos processos identitários do professor de Arte, no contexto desse recorte, evidenciamos o quanto estudos nesse âmbito assumem relevância (COELHO, 2008. p.89).

Como podemos perceber o Currículo do Curso de Educação Artística era voltado para a formação de professores ou meros repassadores de conteúdo. Da mesma forma que todas as licenciaturas à época do regime militar.

O significado de Currículo, para que se possa entender o que estamos abordando. Uma vez que o termo Currículo tem vários sentidos.

“currículo constituiu um dos factores que maior influência possui na qualidade do ensino. Este aparente consenso, esconde um equívoco. Não existe uma noção mas várias noções de currículo, tantas quantas as perspectivas adoptadas. O currículo continua a ser frequentemente identificado, com o "plano de estudo". Currículo significa, neste caso, pouco mais do que o elenco e a sequência de matérias propostas para um dado ciclo de estudos, um nível de escolaridade ou um curso, cuja frequência e conclusão conduzem o aluno a graduar-se nesse ciclo, nível ou curso. "Em termos práticos, como escreve Ribeiro (1989), o plano curricular concretiza-se na atribuição de tempos lectivos semanais a cada uma

¹²Curta Duração e Duração Plena são prerrogativas da década de 1970. Época na qual o Brasil vivia sob Regime Militar. Era uma estratégia utilizada Licenciatura Curta permite que o professor lecionasse nas séries iniciais da 1ª a 4ª série ensino de 1º grau hoje ensino fundamental. Duração Plena Licenciatura que permite ao professor lecionar no 1º e 2º graus hoje ensino fundamental e médio. A curta Duração foi extinta no Primeiro Parágrafo das Leis das Diretrizes e bases da Educação LDB 9394/96. Resolução 02/1999 reforça.

Licenciatura Curta: Refere-se aos cursos que habilitavam professores para o ensino infantil e fundamental (1º grau) de duração menor que as chamadas licenciaturas plenas. As licenciaturas curtas surgiram no país a partir da Lei n. 5.692/71, em 1971, num contexto em que passou-se a exigir uma formação rápida e generalista para atender a uma nova demanda de professores. A implantação inicial desses cursos, deveria se dar prioritariamente nas regiões em que houvesse uma maior carência de professores. Porém, esses cursos, que deveriam ter uma vida curta, se proliferaram por todo o País e grande parcela dos professores que estão exercendo a sua função em sala de aula são originários desses cursos de formação de professores. Foi amplamente rejeitada desde o início de sua instituição e implantação, pois muitos afirmavam que lançava no mercado um profissional com formação deficitária em vários sentidos. Essas críticas acabaram repercutindo no Conselho Federal de Educação que aprovou em 1986 a indicação que propunha a extinção desses cursos nas grandes capitais do País. DIEB (Dicionário Interativo da Educação Brasileira).

das disciplinas que o integram, de acordo com o seu peso relativo no conjunto dessas matérias e nos vários anos de escolaridade que tal plano pode contemplar" (FONTES. Educar.no.sapo.pt)

O currículo universitário do Curso de educação artística nas quatro décadas desde o primeiro em 1977 foi aos poucos sendo reformulado e atualizado dando um formato de licenciatura. Em 1977 possuía carga horária de 2.665 horas e 142 créditos com disciplinas de núcleo comum que era ofertada para todos os cursos seja ele de licenciatura ou bacharelado. Geralmente as disciplinas comuns eram obrigatórias e eram em torno de 4 disciplinas como: **Português I, Matemática I, Introdução a Metodologia Científica, inglês I ou Francês I**. Todas as disciplinas com carga horária de 60 horas. Ainda dentro do currículo de arte existia as disciplinas de tronco comum que eram cursadas pelos alunos das diversas habilitações em arte, que se dividia nas habilitações em música, artes plásticas, desenho e artes cênicas. O tronco comum possuía treze disciplinas que deviam ser cursadas pelos estudantes das quatro habilitações que formavam o curso de educação artística da UFPI. As disciplinas são: **Fundamentos de Expressão e Comunicação Humanas** carga horária 60 horas, **Formas de Expressão e Comunicação Artística I, Formas de Expressão e Comunicação Artística II, Formas de Expressão e Comunicação Artística III, Formas de Expressão e Comunicação Artística IV** cada uma com carga horária de 120 horas, **Estética e História da Arte** carga horária de 60 horas, **Introdução ao Folclore e Etnomusicologia** carga horária de 30 horas, **Filosofia da Arte I e II** carga horária de 30 horas cada, **Canto Coral I e Canto Coral II** carga horária 60 horas cada disciplina, **Metodologia da Educação Artística I** carga horária 60 horas e **Elementos da Anatomia Humana** carga horária de 30 horas. O mesmo currículo oferecia seis disciplinas complementares obrigatórias com carga horária variada são as seguintes disciplinas **Ensino de 1º e 2º Grau** carga horária de 75 horas, **Psicologia da Educação I** carga horária de 60 horas, **Didática I** carga horária de 75 horas, **Prática de Ensino I** carga horária de 90 horas, **Estudo de Problemas Brasileiros** carga horária de 30 horas e **Prática da Educação Física** carga horária de 90 horas. Além das disciplinas já mencionadas o curso possuía as disciplinas específicas da habilitação em Arte que são quinze e dividia-se assim: **Oficina Plástica I** carga horária 60 horas, **Expressão em Superfície** carga horária 60 horas, **Expressão em Volume** carga horária 60 horas, **Expressão em Movimento** carga horária 60 horas, **Oficina de Composição I**, carga horária 60 horas, **Evolução das Artes Visuais I** carga horária 60 horas, **Evolução das Artes Visuais II** carga horária 60 horas, **Oficina de Desenho** carga horária de 60 horas, **Teoria e**

Fundamentos da Linguagem Visual carga horária de 60 horas, **Análise e Exercícios das Técnicas e Materiais Expressões** carga horária 60 horas, **Metodologia da Educação Artística** carga horária 30 horas, **Técnica de Expressão e Comunicação Visual I** carga horária de 60 horas, **Introdução à Fotografia** carga horária 60 horas, **Psicologia da Educação II** carga horária de 60 horas e **Prática de Ensino II**. Este foi o currículo dos anos de 1970. Em 1980 o Currículo passa por mudanças e recebe uma equivalência de disciplinas. Que deve reger o curso durante a década de 1980.

No Brasil por ocasião da ditadura Militar que governou o Brasil durante duas décadas que predominou de 1964 á 1984, o ensino superior no país foi muito prejudicado e para que evitassem que estudantes, professores e intelectuais lutassem pelos seus ideais comunistas, os militares ou milicos como eram comumente conhecidos implantaram licenciaturas curtas nas universidades brasileiras. As licenciaturas curtas formavam professores no espaço de dois (2) anos para ensinarem no 1º grau. A carga horária era de 1.680 horas. Alguns cursos universitários ofereciam para quem quisesse e solicitasse a complementação para Licenciatura Plena com carga horária de 2.665 horas. E que forma professores para lecionarem no 1º e 2º graus.

As mudanças acontecem sob o nome de Equivalência de Disciplinas. Vai afetar os alunos que ingressaram no curso de arte antes de 1980. Com as mudanças os alunos que cursaram o tronco comum polivalente devem cursar no novo currículo a parte diversificada da habilitação plena em Música, Artes Plásticas ou Cênicas. De acordo com o inciso II os alunos que cursaram a Disciplina “**Formas de Expressão e Comunicação Artística I, II, III, IV**” (480 h), no currículo anterior, e que não cursaram a disciplina “**Elementos de Anatomia Humana**” do currículo anterior, deverão cursar no novo currículo para substituí-la as disciplinas “**Oficina de Artes Plásticas I**” ou “**Desenho I**” (75 h).

Inciso III- Os alunos que cursaram a disciplina “**Formas de Expressão e Comunicação Artística I,II,III**”, deverão complementar a nova carga horária com as **Oficinas de Artes**, de maneira a complementar a nova carga horária (360+ 150 h).

Inciso IV- Os alunos que cursaram apenas os níveis I/II da disciplina “**Formas de Expressão e Comunicação Artística**”, deverão complementar a nova carga horária, cursando todas as **Oficinas I** (300 h), mais a **Oficina II** da habilitação escolhida (300 +75 h).

Inciso V- Os alunos que cursaram a disciplina “**Formas de Expressão e Comunicação Artística I**” deveram reiniciar o curso de acordo com o novo currículo, obedecendo as equivalências das demais disciplinas.

Com as mudanças ocorridas no currículo e que passam a vigorar em 1980. Mudam também o tronco comum das disciplinas e para tanto surge um novo tronco comum, ou seja, um novo quadro de Equivalência de disciplinas. A disciplina **Elementos de Linguagem Histórica da Arte I** deve ser substituída pela disciplina **Linguagem Estética e História da Arte**. A disciplina **Estética e História da Arte** permanecem no novo currículo, a disciplina **Introdução ao Folclore e a Etnomusicologia** deve ser substituída por **Cultura Popular**, **Filosofia da Arte I** foi substituída por **Estética e História da Arte**, **Filosofia da Arte II** foi substituída por **Estética e História da Arte**. **Canto Coral I** foi substituída por **Prática Coral**, **Canto Coral II** foi substituída por **Prática Coral**.

Na década de 1980, o currículo sofre algumas modificações, mas especificamente em 29 de agosto de 1979 o coordenador do curso e os professores chegaram à seguinte conclusão sobre a nomenclatura e carga horária das disciplinas do curso de Educação Artística com habilitação em Artes Plásticas. Excluem as disciplinas **Linguagem Estética e História da Arte** e permanecem **Estética e História da Arte**, com carga horária de 90 horas/aula, evitando assim, repetição de conteúdo. Além disso, as disciplinas sofrem uma redução de carga horária para 60 horas/aula nas disciplinas: **Oficina de Plástica I**, **Oficina de Artes - Desenho I**, **Oficinas de Artes - Cênicas**, **Oficinas de Artes – Música I**, devido à inclusão da disciplina **Fundamentos da Arte na Educação**, evitando sobrecarga para o aluno, vez que a disciplina criada possui carga horária de 60 horas/aula. A disciplina foi criada para que o aluno, ao ingressar no curso de arte, tenha logo no início, noção sobre função, fundamentos e teorias da Arte-Educação.

As disciplinas obrigatórias da Habilitação em Artes Plásticas tiveram a carga horária reduzida para 60 horas/aula e mudança do ementário da **Disciplina de Artes Plásticas II**, Acrescentando-lhe os conteúdos das disciplinas: **Modelo Vivo Anatômico e Artístico**.

Desdobram e aumentam a carga horária da disciplina **Evolução das Artes Visuais**, 90 horas aulas, passando a ser **Evolução das Artes Visuais I e II** com 90 horas/aula cada.

Algumas das mudanças feitas no currículo são de 17 de junho de 1982, entretanto a reformulação da grade curricular do Curso de Educação Artística que muda o ementário e o nome de algumas disciplinas e até reduz carga horária e ou aumenta carga horária de algumas disciplinas proporcionando maior adequação e

objetividade em seus conteúdos data de 1984. A alteração ocorrida deve-se à realização de Concurso em Janeiro de 1984. Pois anteriormente os professores eram convidados para lecionarem na UFPI.

A partir de 1985 começa a aplicação do Currículo 2. Currículo do Curso de Educação Artística Habilitação em **Artes Cênicas, Artes Plásticas, Desenho e Música**. As quatro habilitações tem entre si uma pequena diferença de carga horária que varia assim Os cursos de Artes Plásticas e Desenho tem carga horária de 2.805 horas e equivale a **Artes Plásticas** 125 créditos e **Desenho** 127 créditos. **Artes Cênicas** 2.745 horas aulas e 125 créditos e **Música** tem 2775 horas aulas e 123 créditos. O que deixa o currículo de **Artes Plásticas e Desenho** com Carga Horária de 60 horas/aula a mais que **Artes Cênicas** e 90 horas aula a mais que **Música**.

O Curso de Artes Plásticas tinha como núcleo comum as disciplinas aqui mencionadas **Matemática I ;Português I (prática de Redação), Inglês Instrumental Básico ou Francês Instrumental Básico e Introdução a Metodologia Científica**. Aliás, todos os cursos sejam eles de licenciatura ou não o primeiro período era pra cursar as disciplinas acima citadas. No tronco comum obrigatório temos 4 disciplinas de 90 horas/aula e 8 disciplinas de 60 horas/aula. Sendo as de 90 horas/aula **Formas de Expressão e Comunicação em Arte Música, Formas de Expressão e Comunicação em Arte Desenho, Formas de Expressão e Comunicação em Arte Cênica e Formas de Expressão e Comunicação em Artes Plásticas** e as disciplinas com carga horária de 60 horas/aula são: **Fundamentos de Expressão e Comunicação Humana, Cultura Popular, Prática Coral I, Oficina de Artes – Desenho I, Oficina de Artes - Música I, Oficina de Artes – Plástica I, Fundamentos da Arte na Educação**. Além delas temos as disciplinas obrigatórias da habilitação em **Artes Plásticas** são 12 disciplinas sendo que 4destas disciplinas tem carga horária de 90 horas/aula e 8 disciplinas carga horária de 60 horas/aula. As disciplinas de 90 horas/aula são **Fundamentos da Linguagem Visual II, Técnica de Expressão e Comunicação Visual II, Técnica de Expressão e Comunicação Visual IV e Análise e Exercício de Técnicas e Materiais de Expressão**. As outras oito disciplinas são de 60 horas/aula e são elas as seguintes: **Oficina de Artes Plásticas II, Evolução das Artes Visuais I, Evolução das Artes Visuais II, Fundamentos da Linguagem Visual I, Expressão em Desenho, Técnica de Expressão e Comunicação Visual I, Técnica de Expressão e Comunicação Visual III e Expressão em Fotografia**. Além das disciplinas obrigatórias temos as disciplinas de Formação Pedagógica que caracterizam as Licenciaturas são elas: **Psicologia da Educação I, Psicologia da**

Educação II, disciplinas de 60 horas aula e **Estrutura do Ensino de 1º e 2º graus e Didática**, disciplinas de 75 horas/aula e a Artes Plásticas **Prática de Ensino em Educação habilitação em Artes Plásticas** com carga horária de 315 horas/aula. O currículo não faz menção se a prática é dividida. A disciplina de **Prática de Ensino** não é ofertada pelo Curso de Artes Plásticas e sim pelo Curso de Educação. Existem ainda disciplinas que são optativas da habilitação em Artes Plásticas, são elas: **Oficina de Artes – Desenho, Oficina de Artes – Música, Oficina de Artes-Cênicas Evolução do Teatro e da Dança I, Evolução das Técnicas de Representação Gráfica, Atelier de Fotografia, Atelier de Estamparia** são as disciplinas com carga horária de 60 horas/aula, as disciplinas **Evolução da Música, História da Arte no Brasil, Atelier de Tecelagem e Tapeçaria, Atelier de Cerâmica, Atelier de Pintura, Atelier de Escultura, Atelier de Artes Gráficas, Atelier de Gravura e Atelier de Serigrafia** possuíam carga Horária de 90 horas/aula.

Na década de 1990 precisamente em 1996 houve nova reformulação.

A resolução número 079/96 Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão aprova a reformulação do Currículo do Curso de Educação Artística com habilitação em Música, Artes Plásticas e Desenho, em reunião de 10/12/1996 considera o processo CEPEX nº 958/96; o processo nº 23111.9058/96-55. Resolve: Aprovar a reformulação do Currículo do Curso de Educação Artística do Centro de Ciências da Educação, na forma do documento em anexo. Data de 12 de dezembro de 1996. Prof. Pedro Leopoldino Ferreira Filho. A reforma curricular foi feita em 1996 e a partir de 1997 entra em vigor.

O Currículo de 1996 veio de fato romper com os currículos anteriores. Pois ele faz

Paralelo ao debate sobre o ensino de Arte nas escolas e a formação do Arte-educador nas universidades, renovam-se as discussões sobre a importância das Universidades na formação de pesquisadores em artes, dos artistas e dos profissionais em artes aplicadas (Reforma Curricular, 1996).

As mudanças foram pensadas para desfazer a confusão que existia no curso de Licenciatura em Educação Artística que formava um pouco de tudo artista e arte educadores. Era uma formação híbrida e, portanto confusa. Às vezes os alunos saíam da graduação sem saber se eram professores ou artista. Pois, a formação se confundia. Com a mudança que o currículo proporcionou fica claro para os estudantes que sua formação é licenciatura e que eles serão arte educadores.

A novidade que o currículo trazia era a busca em médio prazo de implantar a pós-graduação que permitia a formação de futuros docentes universitários.

Até a chegada do currículo de 1996 o curso não formava substancialmente nem artistas, nem educadores, nem profissionais de artes aplicadas. Era no dizer popular um samba do crioulo doido. Mas eu analiso que a formação era abrangente, ampla e a mesma permitia que o aluno tivesse um maior conhecimento das artes. Faltava uma ênfase nas disciplinas pedagógicas que permitem ao alunado maior segurança e mais respaldo quando o mesmo for para a sala de aula das escolas. Entretanto, falo por experiência própria que as disciplinas pedagógicas, á época, deixavam a desejar, no âmbito das graduações. E que só tínhamos acesso à sala de aula quando cursávamos a Prática de Ensino, mais, especificamente no final, ou seja, no 8º período dos cursos de licenciatura como um todo.

Mas voltando ao currículo ele além de deter-se a formação de arte educadora mais especificamente.

O curso de Licenciatura Plena em Educação Artística objetivava formar profissionais para o exercício do magistério nos níveis de 1º e 2º graus, capazes de pensar e agir criticamente sobre os problemas da educação em artes e de relacionar tais questões ao contexto histórico social ao qual está inserido (Reforma Curricular, 1996).

A matriz Curricular da Licenciatura em Educação Artística do ano de 1996 tem como disciplina obrigatória por legislação específica as Práticas Desportivas I e II com carga horária de 30 horas/aula cada uma. As disciplinas de formação comum são: seis disciplinas sendo três **Formas de Expressão e Comunicação Artística, Estética e Teoria da Arte e História da Arte no Brasil** com carga horária de 90 horas aulas e três disciplinas de 60 horas aula que são: **Fundamentos da Expressão e Comunicação Humana, Cultura Popular e Introdução a Metodologia Científica.**

As disciplinas da formação pedagogia são: **Psicologia da Educação I, Psicologia da Educação II** com carga horária de 60 horas/aula, **Estrutura do Funcionamento de I e II Graus** e **Didática** com carga horaria de 75 horas/aula, **Prática de Ensino I – Educação Artística** 90 horas aula e **Prática do Ensino II Artes Plásticas 1º e 2º graus** com 90 horas aulas. O currículo recebeu ainda 2 disciplinas com carga horária de 60 horas/aula cada uma são as disciplinas **Fundamentos da Arte na Educação e Metodologia do Ensino da Arte.** Podemos perceber que em relação ao currículo anterior de 1985 a disciplina sofreu uma

divisão e diminuição da carga horária em 15 horas aulas. Anteriormente a prática era de 315 horas aula e no currículo de 1996 é 300 horas aula.

As disciplinas da Habilitação em Artes Plásticas eram treze disciplinas de 60 horas aula e seis disciplinas de 90 horas aula. As disciplinas com carga horária de 60 horas aulas são: **História das Artes Visuais I, História das Artes Visuais II, Fundamentos da Linguagem Visual, Composição, Desenho de Observação, Modelo Vivo, Oficina de Desenho Artístico, Oficina de Pintura II, Oficina de Volume II, Oficina de Gravura II, Introdução a Programação Visual, Oficina de Programação Visual II, Oficina de Multimeios II e Análise Expressão de Técnicas e Materiais Expressão.**

As seis disciplinas com carga horária de 90 horas aulas são: **Oficina de Pintura I, Oficina de Volume I, Oficina de Gravura I, Oficina de Programação Visual I, Oficina de Multimeios I e Projeto Orientado.**

Não devemos esquecer que o Currículo possuía ainda quatro disciplinas optativas para habilitação em Artes Plásticas todas as disciplinas com carga horária de 60 horas aula. As disciplinas são: **Introdução à Sociologia, História da Música I, História da Música II e Artes Cênicas.** O que perfaz uma carga horária de formação Comum 30 créditos com 450 horas/aulas, habilitação Específica com 92 créditos e carga horária de 1380 horas/aula, formação pedagógica com 38 créditos e carga horária de 570 horas/aula e optativas com 8 créditos e 120 horas/aula.

Com as transformações ocorridas no Curso de Educação Artística com Habilitação em Artes Plásticas, percebemos que houve rupturas e continuidades, mas o currículo que surge apresenta-se mais voltado para a licenciatura e não mais para a licenciatura e bacharelado como em 1977, quando o curso possuía uma formação híbrida.

De acordo com leituras feitas observamos que os currículos de licenciatura das universidades brasileiras não possuíam um diferencial entre a licenciatura e o bacharelado salvo algumas instituições que mantinha a formação no nível de graduação em licenciatura e bacharelado. Mas, o normal era forma licenciados com currículo voltado aos bacharéis. O que causava um desconforto aos alunos que só mantinham contato com a sala de aula nos dois últimos blocos do curso. Uma vez que levavam o curso todo como bacharéis e descobriam-se professores.

Com a mudança do currículo em 1996 o curso recebe uma nova estrutura mais voltada a licenciatura propriamente dita formando professores, assim sendo perde o caráter híbrido que carregou durante 18 anos e passa desta forma a ficar obsoleto.

Em 2008 mais uma vez acontece nova reformulação no Currículo de Educação Artística com Habilitação em Artes Plásticas inclusive mudando o nome do curso para curso de artes visuais. Entretanto não estudaremos as transformações ocorridas no currículo de 2008. Pois nosso objeto de pesquisa Professor Afrânio Pessoa Castelo Branco já não se encontra na UFPI.

2.4. A PRÁTICA DOCENTE NO CURSO DE EDUCAÇÃO ARTÍSTICA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ

Quando comecei a minha prática docente. O primeiro dia de aula estava nervoso, entrei na sala e era uma conversa muito grande, um burburinho. Dei Bom dia! Os alunos responderam que mas continuaram falando como se eu não tivesse ali. Deixei-os falarem. Depois de bom tempo, então eu falei quando eu puder começar a aula avisem. Por favor! Neste momento em diante ficaram em silêncio. Então comecei a apresentação seguida da explanação de como iríamos trabalhar a disciplina. Sempre dialogando com os alunos. Aliás, não tive problemas com meus alunos. Embora sempre encontremos alunos que queiram desafiar eu sempre mostrei que estava lá para dar o melhor de mim (PESSOA, 2010).

A trajetória de Afrânio na UFPI foi marcante. As primeiras turmas lembram bem das aulas ao ar livre que assistiam em locais variados da cidade. Assim eram suas aulas interrogando e fazendo os alunos pensarem na realidade da sala de aula. Os alunos desenhavam ao ar livre no Parque da cidade, Zoobotânico de Teresina. (jardim zoológico), além de comporem desenharem os animais e a natureza como todo. Pintavam e estudavam as colorações. As aulas eram marcadas antecipadamente para que os alunos pudessem chegar ao local à hora marcada. Saíam em grupo de cinco e dirigiam-se para os espaços de lazer da cidade. O Professor Afrânio, entretanto ia a UFPI para pegar alguns alunos que não possuíam condução, uma vez que a UFPI não transportavam os alunos por não possuir a época ônibus que pudessem fazer o trajeto. Era tudo precário, mas, as dificuldades não impediam a realização das aulas ou ateliê itinerante. De acordo com os filósofos este estilo de aula ao ar livre é uma prática aristotélica.

A experiência de Afrânio na sala de aula e sua prática docente é que serão estudadas

No princípio década de 1980, quando Afrânio assume seu lugar na UFPI, muitos dos seus alunos que frequentaram o curso neste período tornaram-se artistas plásticos, pois a formação era praticamente a mesma, vez que a maioria dos professores advinha da graduação como bacharéis em arte, desenho e arquitetura.

O Professor Afrânio vai fazer uso do muito que aprendeu principalmente quando for trabalhar as disciplinas de Oficina de Pintura I e II, disciplinas essas que mais se ajustavam à sua prática e com o estudo de cores e tonalidades para revestimento de cópias de grandes artistas.

Nas pesquisas que tratam da formação de professores, a abordagem sociológica de Bourdieu foi utilizada para analisar a prática docente como resultado de um processo histórico e uma operação de conhecimento estruturada e organizada a partir de esquemas classificatórios. O professor traz para a prática pedagógica seu *habitus* e seu capital cultural e esses interferem em sua forma de professorar (MEDEIROS, 2009, p.10).

De acordo com Medeiros (2009), o professor leva para sua vida e para sala de aula seu *habitus* e seu capital cultural, o que é completamente compreensivo, uma vez que o mesmo parte da sua “bagagem” de vida.

Em conversa informal com uma de suas alunas, observei que o Professor Afrânio era um professor exigente, crítico, mais também tradicional. Mas uma de suas características era não separar a teoria da prática. Para Selma Garrido Pimenta, essas são as exigências no processo de formação do pedagogo.

A integração entre a teoria e a prática é exigência do processo de formação do pedagogo. Daí a necessidade de que o currículo envolva um contínuo e permanente processo de prática de ensino, entendida esta como mediação de ensino e de aprendizagem no âmago do qual o fazer concreto, orientado pelo saber teórico, possa integrar e consolidar a formação do profissional (GARRIDO, 2004, p.28).

Temos aqui, dessa forma, uma preparação perfeita dentro dos ditames da educação, especificamente da formação de professores. Essa é, de acordo com o currículo, a forma indicada de formação.

A Influência do Professor Afrânio pode ser sentida nos trabalhos de alguns dos seus antigos alunos, hoje artistas plásticos como o mestre. Embora os movimentos chegassem ao Brasil com certo atraso, ao Piauí o movimento modernista chegará somente na segunda metade do século XX, mais precisamente em 1970. De acordo com o artigo, “**A Pintura Moderna no Piauí**”, lemos que,

No início da década de 1970, no Piauí, ocorreu uma mudança na pintura, que até então predominava o academismo. Essa mudança se dá principalmente através da arte e do trabalho docente do artista, e então professor da Universidade Federal do Piauí- Curso de Educação Artística (GODINHO, 2010, p.54).

A formação na UFPI era voltada para a licenciatura em educação artística formação de professores. Muito embora o Professor Afrânio tenha influenciado muitos alunos a exercerem a profissão de artistas.

Mas, nas oportunidades que eu Maria de Fátima Martins Dias tive de frequentar as aulas do Professor Afrânio, observava que, de acordo com Professor Afrânio, ele não se voltava para a formação de professores separadamente, pelo contrário, ele orientava seus alunos para uma formação ampliada e diversificada que levasse o aluno a pensar e exercitar como faria no caso em sala de aula e fora dela. Sua forma de ensinar tem características interdisciplinaridade que dez anos depois vem a ser difundida e trabalhada nos Parâmetros Curriculares Nacionais de 1997.

Abrangerá o ensino fundamental e ensino médio. O que tem tudo a ver com a formação de professores. Pois a formação ou a licenciatura em educação artística forma professores para atuarem nestes níveis de ensino.

É interessante ressaltar que a prática docente do Professor Afrânio era um misto de teoria e prática. Ele abordava o conhecimento teórico e demonstrava praticamente com pincel. Temos de acordo com o professor Paulo Freire a ampliação e a diversificação das fontes legítimas de saberes e a necessária coerência entre o “saber-fazer é o saber-ser-pedagógico”. Observamos ao analisar a prática pedagógica do Professor Afrânio que ele possuía uns traços da teoria Freireana, mas que não a possuía na sua amplitude.

Era duro com os alunos quando precisava apontar erros nos trabalhos. Mas, era delicado e atencioso quando apontava os acertos e aproveitava para mostrar aos colegas alunos que se um chegava a determinado ponto os outros também poderiam chegar. Procurava ser solícito com os alunos e apesar de sério, brincava com alunos e muitas vezes chamava a atenção por estarem atrasados dentro da brincadeira. Bom dia! Professor. Respondia: Boa tarde! Vamos entrando. O aluno terminava por sorrir amarelo e logo tratava de justificar o atraso. Ele dizia eu levo as reclamações e chamadas de atenção pelo lado da brincadeira. Mas de forma que o aluno se sinta observado. E o professor dizia “vamos retomar o trabalho. Não percamos mais tempo”.

(...) As duas autoras questionam a existência de um verdadeiro choque com a realidade, pois os sentimentos iniciais de nervosismo, timidez e constrangimento são compensados ou ultrapassados pela conquista de segurança, desembaraço e sentimento de desenvolvimento pessoal (ESTRELA, 2010.p. 25).

De acordo com alguns antigos alunos de Afrânio, hoje professores de diversas instituições de ensino fundamental, médio e superior o Professor Afrânio criou sua própria metodologia e suas aulas aliavam prática e teoria juntas e alguns deles seguem o mestre hoje nas suas práticas de sala de aula especialmente no ensino superior. A professora de plástica do Instituto Camillo Filho e antiga aluna de Afrânio indagada se transportaram ensinamentos do Professor Afrânio. Afirma que sim:

Nas técnicas de pintura e o modo como comentava os nossos trabalhos e sua metodologia ao ministrar as aulas de plástica no ICF. A medida que explanava o assunto, ao mesmo tempo ia expondo a prática (ALUNA A, 2011).

Podemos observar que Afrânio possuía uma metodologia peculiar, atendia às necessidades do aluno. Pois é quase unânime a resposta de que as aulas aliavam teoria e prática, mas com ênfase maior na prática. Ao longo da análise

feita observei que a metodologia peculiar do Professor Afrânio pode ser lida como eclética, pois ela indicava caminhos variados a serem seguidos. Daí o sucesso do professor na sua prática como docente. Professor Paulo Freire assim diz:

Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos apesar das diferenças que o conotam, não se reduzem à condição de objeto um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender.

Observei ao logo da construção do texto que o conhecimento vai sendo exposto pelo professor ao longo da sua prática sendo como monólogo a princípio. Mas, que ao longo do tempo alunos e professor vão transformando a prática de ensinar em um diálogo. E que este ensinar do artista professor é um ensinar e aprender. Pois só assim se constrói conhecimento. Percebi que como o curso de educação artística era um curso híbrido que formava professores e artistas, a formação professoral era na sua maior parte feita por professores que possuíam graduação voltada para o bacharelado. Daí eu ter afirmado que embora o curso de educação artística da UFPI formasse professores, a maioria das disciplinas pelos alunos cursadas tinham como predomínio a prática inclusive as disciplinas de pintura ou plástica. Certamente que a formação dos seus professores foi o que contribuiu para uma formação híbrida que trazia confusão entre bacharel e professor.

A prática docente do Professor Afrânio era eclética e, portanto, apontava caminhos variados a serem seguidos. E sendo assim o professor não media esforços para que seus alunos aprendessem o que ele julgava necessário, o conteúdo. Daí sua atitude como professor de aliar a técnica, conteúdo e metodologia tudo para que fizesse o alunos compreenderem a necessidade do conhecimento.

Concluo que no caso do Professor Afrânio ele pensava ser inadmissível um aluno sair da Universidade sem saber fazer as misturas colorísticas, sem saber - fazer a marcação e sombra e sem saber trabalhar noções do claro escuro. O que ensinariam aos alunos? Daí os alunos falarem da importância que o mesmo dedicava à prática. Para Paulo Freire:

Aprender precedeu ensinar ou, em outras palavras, ensinar se diluía na experiência realmente fundante de aprender (FREIRE, 1996.p.24).

Observamos aqui a metodologia eclética utilizada pelo Professor Afrânio inclusive na hora de fazer uma avaliação.

Especialmente a criatividade e a imaginação. Que segundo o professor estes dois objetos são essenciais ao professor e ao artista.

Enquanto que os professores de arte valorizam a imaginação e a originalidade, a abundância e a vontade de experimentar novas ideias como aspectos determinantes da criatividade, os professores de filosofia salientam a capacidade de jogar imaginativamente com noções e combinações de ideias, bem como a criação de classificação e sistematizações do conhecimento que desafiam as convencionais (BAHIA, 2009, p.105).

Constantemente o professor era visto passando com diversos materiais próprios para utilizar em sua sala. Em que avaliava seus alunos constantemente, diariamente. Costuma afirmar: “Eu estou pegando no pulso de cada um vocês”. “Olhem, pensem como fariam com seus alunos.”

Trabalhar de forma interdisciplinar é uma das recomendações dos parâmetros curriculares nacionais (1997). Afrânio chamava atenção quando falava aos alunos da importância das artes plásticas, cênicas e da música para o conhecimento dos alunos. Devemos mostrar o que há de melhor. E a junção delas faz a diferença.

A arte transmite significados pessoais e exerce um profundo impacto na personalidade humana na medida em que possui a capacidade de revelar, expressar e comunicar o sentido pessoal da realidade (BAHIA, *apud* LEONTIEV, 2009,p.106).

Mas não só as disciplinas acima citadas podem ser trabalhadas interdisciplinarmente. Sabemos que plástica, música, literatura e história são outras disciplinas que podem juntas se entrelaçarem e formarem um novo olhar na perspectiva educacional. Tanto que o quarteto monta espetáculos grandiosos por em que é aplicada ou trabalhada. Tanto que o professor dizia procurem educar o olhar. Através de leituras de imagens. “Todo educador que mexe com arte precisa, então, encontrar uma maneira de trabalhar com os princípios básicos dessa linguagem, sem perder a complexidade da arte” (PILLAR. 2009.p.16).

Muitos são os artistas que fazem uma leitura das imagens. Segundo aluno F, Professor Afrânio “exercitava a leitura das formas e ensinava aos alunos que olhando as nuvens eles descobririam formas inusitadas e que a partir delas poderiam criar ou dar asas a imaginação. Daquele momento em diante ela aluno F e outra colega R andava pela UFPI contemplando as nuvens. E que podiam viajar nas análises das mesmas” (ALUNO F). Lembro-me deste testemunho dado pela aluno F, antiga aluna do Artista Professor quando em 2002, escrevemos em parceria um artigo da especialização de história da arte do ICF. A artista Fayga Ostrower (participou da exposição itinerante do Itamaraty), nos fala um pouco mais desta simplificação.

Diz que é preciso ser mais claro e simples (...), sem simplificar demais. Dar uma ideia da arte em sua complexidade e da multiplicidade de níveis de significados sempre renováveis (OSTROWER, *apud* PILLAR, 2009. P.16).

Parece destoante, mas, é importante um Artista Professor dizer aos seus alunos para educarem o olhar. Mas, era assim que o professor trabalhava. Sua metodologia era um misto de prática, teoria aliada às percepções do olhar, sentir, analisar, ele preparava o aluno para tocar sua sensibilidade e despertar em si o professor ou o artista que existe em cada um. Se despertasse algo mais seria melhor. Pois o professor acredita que quanto mais sensível o ser humano é, mais dedicado será profissionalmente.

Não sabia ao certo como classificar a metodologia do Professor Afrânio. Depois de muito ler e analisar os questionários, percebi que sua metodologia era eclética, pois eram vários os caminhos que seguia. Inclusive, percebi que as afirmações dos alunos me direcionam a ela. Mas os alunos dizem que era um misto de conversa informal e nesta conversa o professor ensinava tudo sem precisar fazer uso de termos específicos da arte. Era uma metodologia muito particular e que dava certo. Pelo menos parece ter dado certo. Pois os alunos relembram as aulas com certo saudosismo e Professor Afrânio era respeitado no meio acadêmico por colegas professores e querido pelos alunos. Metodologia particular do Professor Afrânio trabalha com um pouco de várias teorias dentro da educação. E o termo eclética é sem dúvida o que melhor determina esta junção de caminhos teóricos por ele trilhado que resulta na metodologia afraniana. É possível observar que ele tem um pouco de Pierre Bourdieu, Freire, Morin entre outros.

Pierre Bourdieu nos relata sobre Habitus e Capital Cultural e o artista professor constantemente chama atenção para a apreciação de trabalhos, exposições e museus de arte. Embora Bourdieu o faça como uma crítica aos bem nascidos que desde cedo mantem contatos com obras de arte. O professor mostra aos seus alunos a necessidade de fazê-lo para que os mesmos possam apreciar o que é bom, e as tendências e escolas. Assim é uma das formas de se conhecer e observar técnicas. Além de educar o olhar. De Edgar Morin o artista professor trabalha com pintura, música, história e chama a atenção dos alunos para trabalharem com as várias disciplinas e que elas dialoguem entre si.

CAPÍTULO III:
RELATOS DOS COLEGAS E DE ANTIGOS ALUNOS
SOBRE A PRÁTICA DOCENTE DO PROFESSOR-
ARTISTA AFRÂNIO PESSOA

3.1. A PRÁTICA DOCENTE NO CURSO DE EDUCAÇÃO ARTÍSTICA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ.

Os trabalhos de campo são muito utilizados e Bourdieu e seus conceitos são bem trabalhados na categoria de relatos e entrevistas de vida principalmente quando se trabalha com história de vida de professores, segundo Medeiros.

Destaca-se igualmente em termos numéricos a história oral que, com os depoimentos e os relatos autobiográficos, faz parte de uma produção de conhecimento considerado recente na área da Educação em que se focaliza a vida profissional dos professores, modificando a visão de que os estudos que mostram relatos de vida profissional de docentes eram pouco considerados na teoria pedagógica por não serem científicos e considerados até como obstáculos diante de inovações técnicas. As propostas de investigação que enfatizam as histórias de vida e os relatos autobiográficos, a partir de uma visão prospectiva que busca elementos para pensar a formação de novos professores como estratégias para o estudo das práticas e carreiras dos professores, têm tido maior destaque pela compreensão de que as concepções sobre as práticas docentes não se edificam somente nos cursos de formação e sim se enraízam em contextos e histórias individuais que, por vezes, antecedem até mesmo a entrada na escola e se estendem por toda a vida (*apud* CASTANHO, 2001, p. 153 à 163).

A formação do curso de Educação Artística da UFPI era uma formação ampla, embora o curso fosse uma licenciatura desde a sua implantação, daí formar professores ou arte educadores, termo mais utilizado com a implantação do novo currículo no ano de 1996, que sofreu uma reformulação para adequar-se mais para a formação de professores propriamente dita. No princípio década de 1980, quando Afrânio assume seu lugar na UFPI, muitos dos seus alunos que frequentaram o curso neste período tornaram-se artistas plásticos, pois a formação era praticamente a mesma, vez que a maioria dos professores advinha da graduação como bacharéis em arte, desenho e arquitetura. Dessa forma, voltavam o curso mais para formação de artistas e, em menor escala, para formação professoral. A formação mais ampla proporcionava aos alunos mais que serem professores ou arte-educadores, o que por si só já é relevante, pois a troca de conhecimento e o ensino, atrelado a vivência e ao conhecimento de si enquanto mestre e do outro discente ou aluno. Já torna rica a experiência da formação do professor, além disso, formavam também alguns artistas. Pessoas que não se sentiam aptas a ministrar aula, mas, sim em criar, em labutar propriamente com os pincéis, tintas e outros artefatos que proporcionam a tarefa de criar, projetar seus “sonhos”, seu íntimo e dividi-los com admiradores ou público. O artista. Muito embora possamos perceber o currículo de 1997 ainda consta na sua maioria as disciplinas com nome de oficinas, o que nos remete ao bacharelado e não a uma licenciatura.

Os professores deveriam exercer a sua atividade com autonomia, integridade e responsabilidade. A afirmação pode ser importante no quadro da reestruturação do sistema educativo. É necessário que os professores adquiram maiores

competências em relação ao desenvolvimento e implementação do currículo. Pois as sociedades modernas exigem práticas de ensino que valorizem o pensamento crítico, a flexibilidade e a capacidade de questionar padrões sociais, isto é, requisitos culturais que têm implicações na autonomia e responsabilidade dos professores (POPKIEWITZ, 1992, P. 40).

Esta formação, na verdade, só passa a ser mais definida como formação de professores, com o advento do currículo de 2008 e podemos perceber que o fluxograma da Licenciatura em Artes Visuais passa a formação de professores ou arte educadores como intitula a professora Ana Mae Barbosa. O currículo de 2008 vem reformular todos os currículos anteriores principalmente no que diz respeito a formação de professores efetivamente.

Com o currículo de 2008 vemos que mesmo com a experiência do Professor Afrânio no ensino superior nos vinte um anos que esteve na UFPI à frente de diversas disciplinas e também de alguns cursos de extensão atrelado a sua prática de artista plástico que introduziu o modernismo no Piauí. Ainda assim a formação de professor se faz necessária.

É o grande responsável por uma mudança no gosto e na maneira de fazer arte foi Afrânio Pessoa, influenciando toda uma geração de artistas e como docente da UFPI (GODINHO, 2011, p.76).

Concordo com Godinho. Entretanto, vou um pouco mais distante. Afrânio foi um “estuprador” das artes no Piauí. Pois, ele rompe com o acadêmico e mostra a nova tendência das artes no seu Estado com o painel “O Cabeça de Cuia”, “Zabelê”, “Sinfonia de Luz” de 1972 e 1973, das Centrais Elétricas do Piauí à época hoje ELETROBRÁS e “Bumba meu boi” do Salão da Reitoria da UFPI, 1972 e 1973. Estes painéis rompem com academicismo até então visto na capital piauiense e a partir daqui Afrânio passa a ser aplaudido por muitos mas, também criticado por muitos outros. São as duas faces da moeda que o artista passa a vivenciar. Mas, é com o advento da pintura moderna que o Piauí conhece nova tendência e novo movimento artístico. O modernismo começa a fazer parte do cenário local. Rompendo ainda que com atraso as maneiras de visualização, o gosto e o fazer arte, a que Godinho se refere acima.

Dentre os antigos alunos de Afrânio, que pelo mestre foram influenciados ou não, pois seria mais sugestivo dizer que dialogam com o mestre contam-se Rogério Albino e Hostyano Machado. O não aluno, mas, que dialoga com Afrânio de acordo com Godinho: É Gabriel Arcanjo quem possui alguns elementos compositivos que são repetitivos na obra do mestre.

Desse modo, antigos alunos se sobressaem e hoje trilham caminhos na área das artes, *design* e moda como o artista plástico Dim Sampaio, reside em

Bolonha na Itália e Kalina Rameiro que reside em Teresina, na década de 1990 e ambos passaram pela batuta do mestre Afrânio nas salas de aula da UFPI. Kalina Rameiro confeccionou trabalhos para a Rede Globo de Televisão. Ela mantém seu ateliê em Teresina em que confecciona desde joias até bolsas inclusive fazendo uso dos produtos típicos do Piauí, em que mistura cipós da nossa flora com pedras como a opala. Kalina ainda por um período lecionou numa faculdade de Teresina na área de moda.

Afrânio lecionou pintura no curso de extensão da UFPI e teve muitos alunos, que hoje pintam e mostram sua arte em Teresina, inclusive com oficinas de arte em seus ateliês de pintura e escultura como é o caso do Rogério Albino e Hostyano Machado.

Alguns antigos alunos preferiram trilhar o caminho do magistério, o que fortalece a formação que tiveram. Hoje são professores de arte de instituições de ensino superior e um grupo hoje já pertence à UFPI. Alguns sobressaem ao mestre Professor Afrânio como a Professora Coelho professora doutora do Curso de Educação artística. Na década de 1980 foi aluna de Afrânio no mesmo curso em que hoje leciona.

Os antigos alunos que seguiram o Magistério Superior são Isalina Cortez, Elenice Mourão, Pollyanna Coelho, Evaldo Oliveira, Ribamar, Nubia Canejo, Helena Costa, Juliana Campus, Cibeles Rocha e Ednalda Carvalho. Podemos observar o que nos narram a respeito da influência do professor nas artes e no magistério.

A Influência do Professor Afrânio pode ser sentida nos trabalhos de alguns dos seus antigos alunos, hoje artistas plásticos como o mestre. Embora os movimentos chegassem ao Brasil com certo atraso, ao Piauí o movimento modernista chegará somente na segunda metade do século XX, mais precisamente em 1970. De acordo com o artigo, “A Pintura Moderna no Piauí”, lemos que,

No início da década de 1970, no Piauí, ocorreu uma mudança na pintura, que até então predominava o academismo. Essa mudança se dá principalmente através da arte e do trabalho docente do artista, e então professor da Universidade Federal do Piauí- Curso de Educação Artística (GODINHO, 2010, p.54).

De acordo com alguns antigos alunos de Afrânio, hoje professores de diversas instituições de ensino fundamental, médio e superior o Professor Afrânio criou sua própria metodologia e suas aulas aliavam prática e teoria juntas e alguns deles seguem o mestre hoje nas suas práticas de sala de aula especialmente no ensino superior. A professora de artes plástica do Instituto Camillo Filho e antiga

aluna de Afrânio indagada se transportaram ensinamentos do Professor Afrânio. Afirma que sim:

Nas técnicas de pintura e o modo como comentava os nossos trabalhos e sua metodologia ao ministrar as aulas de plástica no ICF. À medida que explanava o assunto, ao mesmo tempo ia expondo a prática (ALUNA A, 2011).

Os antigos alunos que seguiram magistério a nível de ensino fundamental e médio são: Evaldo Oliveira, Ribamar e Elenilce Mourão passaram por um tempo no ensino fundamental e médio, Genivaldo, Conceição Carvalho e Ednalda Carvalho continuam no ensino fundamental e médio. Helena Costa na educação infantil.

Alguns antigos alunos não seguiram o magistério, mas seguem como técnicos em arte como é o caso da Cassandra Freire e Ana Alaíde.

Entretanto existem aqueles alunos que cursaram licenciatura Plena em Educação Artística, mas, não exercem a profissão docente. Hortência Rocha, Maria José Lobão e Micaela Fonseca. Como podemos observar nem sempre se segue a formação escolhida.

Nesse sentido, tentei observar o curso de licenciatura em educação artística, embora tivesse o nome específico de licenciatura, formava somente professores. Pelo contrário, concluí que o curso era um misto de formação de bacharéis e licenciados. O que me faz perceber a influência, ou melhor, dizendo a contribuição que o Artista Professor Afrânio Pessoa deu ao curso. E penso que a resposta já foi dada acima. O Artista Professor contribuiu na formação de professores e artistas plásticos uma vez que o curso de licenciatura formava (pseudo) bacharéis. Apesar de o curso realizar uma formação dúbia. Uma formação híbrida em que as pessoas formavam-se como professores ou licenciados como o próprio nome indica, mas, alguns alunos, por conta do currículo e da formação dúbia, acham-se formados como bacharéis. Bacharéis em arte. Todos os alunos que assumiram ateliês de arte, e enveredarão pelo caminho da pintura, da escultura e das artes. E os que enveredarão pelo caminho da profissão docente. Um grupo ou outro de certa forma recebeu a contribuição e a influência do Artista Professor Afrânio Pessoa Castelo Branco que durante exatos vinte anos lecionando na UFPI. E que a exatos 53 anos exerce a profissão de pintor.

A priori, a memória parece ser um fenômeno individual, algo relativamente íntimo, próprio da pessoa. Mas Maurice Halbwachs, nos anos 20--30, já havia sublinhado que a memória deve ser entendida também, sobretudo, como um fenômeno coletivo e social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes (POLLAK, 1992, p.2).

Na memória da antiga aluna e hoje Professora A quando aluna do Professor Afrânio ele costumava analisar seus alunos a partir da hora que entravam em sala e a avaliação era constante. Observava o interesse de cada um. Este interesse era medido constantemente em sala de aula. Além do que a prática era sempre aliada a teoria e se houvesse necessidade de explicar algo que ainda seria abordado futuramente o professor não media esforços explicava e demonstrava para que os alunos tivessem interesse pelo que viria. A memória essa construção coletiva será vista no corpo da dissertação à medida que os depoimentos começam a ser feitos pelos antigos alunos, colegas de trabalho os professores e mesmo pelo auto relato do Professor Afrânio.

De acordo com observações de avaliações promocionais ou de mudança de estágio, observo que o Professor Afrânio ministrava aula para os alunos que realmente tinham interesse e que demonstravam seu interesse. Ele Afrânio afirma que quando sentia que o aluno não era de nada ele ministrava a aula normalmente, entretanto, ele se voltava para os alunos que se interessavam e que estes alunos costumavam consumir ou, melhor dizendo em linguagem popular dos alunos, eles sugavam conhecimentos do professor.

O professor se dedica em suas classes mais a uns que a outros, obriga a realizar umas atividades e não outras em função de valorizações e opções pessoais que ele toma: comodidade pessoal, condições da aula, percepção de necessidades nos alunos de reforçar mais umas tarefas e aprendizagem do que, etc. (SACRISTÀN, 2000,p.175).

Era espécie de ânsia por conhecimentos e a estes alunos vale a pena se dedicar e mostrar o máximo ou um pouco mais do que aprendi. Meu professor Henrique Cavalleiro dizia leiam, leiam a vida dos grandes mestres. Eu Afrânio digo:

O professor, o artista ou simplesmente o apreciador devem além de observar preferencialmente *in loco*, ler a vida dos grandes gênios da pintura, assistir a filmes que retrate suas biografias além de folhear livros de arte para apurar o olhar, viajar pela criação de cada um deles. Somente assim vocês compreendem como cada um trabalha e podem apreender as técnicas por eles utilizadas.

Pode-se observar que não existe segredo, o caminho a ser seguido nada mais é do que os livros. Não existe crescimento que não passe pelos estudos nem tão pouco pela educação. Isso é válido para a vida profissional seja do artista, do professor ou arte educador. A velha combinação de livros, leitura, aguça a curiosidade e ainda nos garante a viagem pela história, pela cultura, pelas artes e pela vida dos mais diversos assuntos por nós admirados. Isso está presente no verbo folhear que Professor Afrânio nos fala anteriormente.

De acordo com a análise dos diários de sala do Artista Professor Afrânio Pessoa Castelo Branco, matrícula 19350, os conteúdos por ele ensinados recebiam

uma divisão comum, normal. Não entendia o porquê da prática pedagógica aplicada pelo Artista Professor Afrânio ter marcado tanto a geração de seus alunos. Pois veremos que os próprios alunos afirmam em suas respostas escritas nos relatórios e alguns colegas professores também mencionam o fator do professor ter criado “escola pictórica” e afirmarem que o mesmo professor era “adorado” pelos seus alunos. De acordo com uma docente do curso de Educação Artística que diz:

Admirado por sua criatividade, pela sua postura, técnica e estilo próprio, que criou “Escola” pictórica no Estado, tendo influenciado várias gerações de alunos (PROFESSOR A, 15. ago.2011).

Entretanto assistindo a uma palestra do professor Roberto Sidinei Macedo posso afirmar que o Professor Afrânio estava à frente da sua época na forma de ensinar. Que sua prática pedagógica é contemporânea e que ele a aplicava há vinte anos atrás. É um diferencial, pois cerca de 20 anos atrás ele levava os alunos para fora dos muros da universidade para terem prática de pintura extra muro da UFPI. Em locais de sociabilidade do espaço público e privado da cidade de Teresina. Capital ainda acanhada se comparada às outras capitais nordestinas à época. Afrânio possuía uma prática pedagógica bem simples. Suas aulas tanto da década de 1980 quanto da década de 1990, pouco ou muito pouco variaram. O pouco que variava dava-se a própria forma de aliar teoria e prática. O que os teóricos como Edgar Morin tanto divulgam o multirreferencial. Algo que devemos levar para a nossa prática de formação. Devemos abandonar nossas especialidades e vermos o ensino como global. Macedo refere ainda que nós professores renegamos a nossa prática de sala de aula. Por acharmos que não somos capazes de sermos bons. Por acharmos que a nossa prática não é ou não faz parte do currículo. Nós não damos valor a nós mesmo. Pois o sistema ensinou-nos que somos incapazes de criar. Pelo menos no que se percebe no programa de disciplina de código 404-049, Oficina de Artes Plásticas II, em que o objetivo está assim descrito:

OBJETIVO

- Cultivar os valores Reais d Particulares da Anatomia Humana.
- Praticar formas, movimento e volume dos ossos e músculos.
- Explorar o Corpo Humano, cópia do modelo Vivo.
- Desenvolver novas Técnicas de desenho familiarizando com os mesmos.

EMENTÁRIO

- Os valores Reais e Particulares da Anatomia Humana.
- Formas, Movimentos e Volume dos Ossos e Músculos.
- O Corpo Humano. Cópia do Modelo Vivo.
- Novas Técnicas de Desenho Familiarizando-os com os Mesmos.

BIBLIOGRAFIA

SILVA, Renato. -A Arte de Desenhar..
PENTEADO, Y. de Almenda – Curso de Desenho.
PARRAMON, Y. Maria. – O Nú a Óleo.
PARRAMON, Y. Maria – Como Desenhar em Perspectiva.
CORTEZ. Jaime. – Curso Completo de Desenho Artístico.
WELLFH. – Atlas de Anatomia Humana
CHECA. Matil C.- Estética de las Proporçones.
SILVA. Renato. –Mãos e Pés.

ASSUNTO

UNIDADE -Desenho Anatômico- Dimensões e Proporções do Corpo Humano.

08 HORAS

- | | | |
|------|--|-----------|
| I- | Estudo das Proporções ideais da Figura Humana. | 04 Horas |
| II- | Anatomia Básica (principais ossos e músculos que irão influenciar na forma, volume do desenho da cabeça, tronco, membro) | 10 Horas |
| III- | Desenvolver o estudo das formas humana através de cópias do Modelo Vivo. Usando técnicas variadas. | 10 Horas. |
| IV- | Desenvolver o Modelo Vivo, através de pose, “Croquis” e movimentação. | 10 |
| | | Horas |
| V- | Exercícios de como desenhar a figura Humana. | 10 Horas |
| VI- | Deformação da figura humana a partir do Modelo Vivo através do desenho e colagem. | |

08 Horas.

Total

60 horas.

Era assim que se apresentava o programa da disciplina acima mencionada. Embora não conste o ano. É bem provável que o mesmo seja da década de 1980. Pois o chefe do Departamento era o professor Emmanuel Coelho. Teremos ainda desde anos da década de 1980 mais dois programas de disciplinas um do ano de 1982 e o outro do 1º período de 1988. Dá mesma década de 1980 encontramos mais 2 programas de disciplinas.

Em 1982 temos ainda o Programa da Disciplina. Código 404-016 Oficina de Artes Plásticas I. Créditos. 12.0 do 1º Período de 1982. Entretanto a disciplina tinha dois professores cadastrados. São Eles: Professor Afrânio Pessoa Castelo Branco e Professora Maria Gorete Dadalto. Em que os objetivos, Ementário, Bibliografia e os assuntos estão abaixo relacionados:

OBJETIVO

- Primeiro encontro com as Artes Plásticas. Breves noções. Desenvolver as Artes Plásticas (teoria e prática) na composição, nas formas, no espaço, nos claros escuros, etc.
- Desenvolver as perspectivas, a anatomia e o desenho Artístico. Tanto na prática como na teoria.
- Como usar os materiais de pintura.
- Aulas práticas de Pintura.

EMENTÁRIO

- Noções de desenho artístico, perspectiva e anatomia artística (teoria).
- Teoria e Prática sobre orientação artística.
- Noções Preliminares de pintura: composição, materiais empregados.
- Pintura de Cavalete.

BIBLIOGRAFIA

- JOÃO RIBEIRO – A. ARTE DE PINTAR.
- HERBERT READ- As origens da forma na Arte.
- ALCÍDIO M. DE SOUZA. Artes Plásticas na Escola.
- KARL HEINZ. – (edições Melhoramentos)- Primeiro Encontro com a Arte.
- FLÁVIO MOTTA – Iniciação à Pintura.
- Enciclopédia Delta Laurosse e Barsa.

Chamo atenção aqui para o erro da bibliografia. Quem a digitou não a fez corretamente, como termo hábito de utilizarmos atualmente.

ASSUNTO

UNIDADE	HORAS
I Objetivo das Artes Plásticas	02
II Sua repercussão na Sociedade	02
III Teoria sobre composição e sua importância nas Artes Plásticas	02
IV Noções Preliminares sobre perspectiva, sombra e anatomia artística.	06
V Desenho Artístico sobre natureza morta (aulas práticas)	18
VI Primeiros Contatos com a pintura	14
VII Pintura- aulas práticas	19
VIII Demonstração de obras artísticas através de “slides” etc.	10
IX- Leitura da Bibliografia apresentada.	02
Total	75

PROGRAMA DA DISCIPLINA

Oficina de Artes Plástica II, Código 404-049. Primeiro Período de 1988. A disciplina tinha como professores Afrânio Pessoa Castelo Branco e Maria dos Prazeres Bevilaqua.

OBJETIVO

Desenvolvimento e interpretação do corpo humano copiando um melhor aprendizado do aluno.

Estimular a percepção visual em estudos de claro e escuro e massa.

Perceber e desenvolver valores reais e particulares da figura humana dando-lhe volume, forma e movimento nos ossos.

Conhecer novas técnicas de desenho e familiarizando-nos com os mesmos. (Técnicas).

EMENTÁRIO

- 1- Desenvolvimento e interpretar o corpo humano copiando do natural e empregando as técnicas necessárias para o estudo de Modelo Vivo. Suas proporções, suas linhas, sua anatomia e movimento nos ossos e músculos.

2- BIBLIOGRAFIA

- 1- GHIKA, Matil C. – Estética de Las Proporções.
- 2- CAVALCANTE Carlos- Como Entender a Pintura Moderna.
- 3- DEL NEGRO, Carlos - Estudo sobre proporção áurea.
- 4- FAURE, ELIO- D' espart des formas.
- 5- SILVA, Renato – Como desenhar a figura humana.
- 6- SILVA, Renato - Mãos e Pés.
- 7- SILVA, Renato – Expressão Fisionômica- Ed. De Ouro Como desenhar Mulheres.

ASSUNTO

- I- Apresentação do programa, finalidade e materiais usados,
- II- Análise de linha como elemento artístico, suas relações, com os planos e estudo dos mesmos elementos como principais ou secundários, formas de fontes, sua organização, figura e fundo, individualidade e unidade, crítica e percepção.
- III- Pesquisa sobre as linhas principais usadas como base em quadro de pintores famosos, como figura humana.
- IV- Desenvolver o estudo das formas da figura humana através de cópias de Modelo Vivo, Usando técnicas variadas.
- V- Exercícios de como desenhar a figura humana.
- VI- Deformação da figura humana a partir do Modelo Vivo através de desenho e colagem.
- VII- Desenvolver o Modelo Vivo através de pose, “croquis” e movimentação.
- VIII- Repetir e analisar os assuntos acima mencionados. Síntese.
- IX- Percepção das formas, movimentos e proporções dos ossos.
- X- Percepção dos movimentos volume e proporções dos músculos.
- Total 60

Era padrão da UFPI e do Departamento de arte o programa de Disciplina ser assim especificado. Observamos, entretanto que um dos programas, tem o nome de um dos professores na bibliografia do Artista Professor Afrânio. Carlos Del Negro, professor de desenho do curso de Belas Artes da ENBA. E além deste pequeno detalhe podemos observa o uso de livros em espanhol. Na época

não era costume nas graduações brasileiras a utilização de bibliografia estrangeira. Outra característica advinda da ENBA. Pois o Artista Professor ainda possui na sua biblioteca particular livros em espanhol da sua época de estudante de bacharelado em Pintura da Universidade do Brasil. Aqui fica contundentemente a prova de que o Professor Afrânio utilizava seus conhecimentos de bacharel para ensinar na graduação de Licenciatura em educação artística. A formação dos professores e artistas plásticos que por ele passaram foi uma formação mais voltada para bacharéis; entretanto com ênfase na educação especificamente na pintura. É a prova não sei se podemos chamar assim, quando o professor António Nóvoa nos chama atenção para vermos o homem antes do professor, do profissional. Temos o artista-pintor.

É importante, entretanto, ressaltar que encontramos dois livros que eram utilizados na bibliografia do Artista Professor Afrânio um deles é Primeiro Encontro com a Arte. Editora Melhoramentos, de Karl Heisz Hansen, embora não possua data. O mesmo livro encontrado tem assinatura e data do Artista Professor, Rio, 1956. Se observarmos bem o mesmo pode ter sido adotado pela ENBA no 3º ano do bacharelado de Afrânio. Pois ele de acordo com informações anteriores concluiu o curso em 1958. O livro é uma publicação fina, mas, é muito bom e possui algumas afirmações bem definidas.

Quem ainda não visitou um museu de arte não deveria perder a primeira oportunidade de fazê-lo.

Uma visita ao museu poderá ser feita embora não se entenda muito do assunto. Para o jovem de hoje, um “primeiro encontro” com a arte nunca será prematuro. Para lhe apreciar o devido valor, porém, necessitará provavelmente de toda a vida. Muito interessante será se, por exemplo, nos seus anos de formação, fizer o conhecimento de um quadro, que possa depois encontrar ainda por muitas vezes no decorrer da existência. Aos poucos então os seus olhos e a sua compreensão irão percebendo que, neste mesmo quadro, há indefinidamente o que ver (HANSEN, 1956, p.9).

Para quem frequentou as aulas do Professor Afrânio e para quem o conhece como artista, percebe que o artista ao falar em arte ou ao explicar, e analisar um trabalho, faz menção à importância de visita de um museu de arte. O que reforça a formação por ele recebida. A mesma formação que ele repassava na sala de aula. Certamente que conforme afirmei nessa dissertação que o Professor Afrânio sempre incentivou, falou da necessidade de se frequentar os museus ou as Bienais ou exposições as quais o aluno observará. Tudo o que professor ou artista necessita para poder formar-se e conseqüentemente formar seus alunos. São ideias absorvidas pelo então aluno da ENBA, que na oportunidade como professor da UFPI transmite os conhecimentos da sua formação.

3.2. O RELATO DOS ANTIGOS ALUNOS SOBRE A PRÁTICA DOCENTE DE AFRÂNIO PESSOA

As narrativas ganham e potencializam-se como processo de formação e de conhecimento porque têm na experiência sua base existencial. Desta forma, as narrativas constituem-se como singulares num projeto formativo porque se assentam na transação entre diversas experiências e aprendizagens individual/coletiva (SOUZA, 2004).

As narrativas feitas pelos colegas e antigos alunos do Professor Afrânio são neste capítulo o que aí sustentar a sua prática docente e reconstruir seus passos como professor, dando sustentação à prática pedagógica e retratando a aprendizagem em âmbito de formação individual e coletiva.

No período em que lecionou no curso de Educação Artística da Universidade Federal do Piauí 1979 a 2000, o Professor Afrânio teve muitos alunos e a prática docente do artista nos 21 anos como professor é repleta de inúmeros acontecimentos entre eles cursos de extensão que abrigava além de alunos da UFPI alunos da comunidade teresinense.

Alguns alunos passarão por Afrânio no curso de extensão da UFPI no ano de 1991. Estes alunos eram do próprio curso de Educação Artística ou da comunidade. Foram 25 vagas no 1º e 2º período de 1991. Total de 120 horas-aulas horário de 08 às 12h.

Embora pareça aos nossos olhos que 22 alunos é um número pequeno, tal pode ser verdade quando se trata de aula teórica, mas, no caso da pintura é um número grande de alunos, pois o professor precisa atender a cada aluno individualmente analisando, mostrando e apontando os possíveis erros e prováveis defeitos a serem concertados. E cada um dos alunos ou alunas solicita a presença do professor e, diga-se de passagem, que Professor Afrânio não possuía bolsista, ou melhor, falando monitor, termo que melhor se adequa a prática do ateliê de pintura, que tornava a aula mais cansativa e demorada. Além do mais, mesmo que se possui monitor(es) os alunos não queriam tal orientação.

Analisando documentos referentes ao Professor Afrânio, vimos algumas avaliações de antigos alunos sobre a prática do professor e que muito dizem da sua atuação na sala de aula.

Por ocasião do aniversário de 80 anos do artista professor Afrânio, muitas mensagens foram escritas para ele, inclusive por alguns de seus antigos alunos. Comove o agradecimento espontâneo que uma aluna faz:

Não podia deixar de estar presente neste dia tão importante de sua vida, pois o senhor está para sempre em minhas lembranças e no meu coração. Aproveito para agradecer por tudo que aprendi em arte (ALUNA A, 2010).

As palavras da Aluna A (2010) exemplificam o que a maioria dos teóricos da educação defende, que a cognição não está descolada da emoção. Daí, podemos ler as diferentes formas que antigos alunos do artista-Professor Afrânio revelam o carinho e a gratidão que têm ao mestre pelas vivências dialogadas e pelas trocas com professor. O ensino e a aprendizagem são uma eterna troca de conhecimento com os livros, com o professor, com os colegas, com os museus, com as produções artísticas, com os artistas e com alunos entre si. O aprendizado é algo inerente ao ser humano em sociedade.

Neste sentido, nos deparamos com outra forma de rememorar ou relembrar a história de vida do professor-artista Afrânio Pessoa Castelo Branco, que é a análise através de questionários de desempenho para progressão funcional. Esta análise, juntamente com os questionários aplicados a antigos alunos, nos dão subsídios para a construção deste capítulo. As análises são dos 1º e 2º períodos dos anos de 1992, 1995 e 1996. No primeiro período de 1992 lecionava a disciplina **Forma de Expressão e Comunicação em Artes Plásticas** e no segundo período EC de **Expressão e Comunicação Visual II**. Em 1995 as disciplinas ministradas eram: 1º período, **Formas de Expressão e Comunicação Artes Plásticas**, às terças e quintas de 8 às 10 horas e **Oficina de Artes Plásticas II** às quarta-feira de 8 às 12 horas. No segundo período **Técnicas de Expressão e Comunicação Visual II** às terças e quintas de 8 às 12 horas, **Atelier de Pintura** segunda e quarta de 8 às 12 horas. Em 1996, Segunda, Quarta e Sexta de 8 às 10 horas **Formas de Expressão e Comunicação Artes Plásticas** terças e quintas de 8 às 12 horas **Formas de Expressão e Comunicação Visual II**.

Conforme mencionei anteriormente o Professor Afrânio lecionou para as gerações de professores e artistas plásticos que passaram pela UFPI na década de 1980 e 1990. Alguns destes alunos cursaram com o Professor Afrânio as seguintes disciplinas: **Pintura I e II, Formas de Expressão e Comunicação em Artes Plásticas, Modelo Vivo e Gravura I**. Entre estes alunos estava o hoje artista plástico Hostyano Machado.

Na Universidade Federal do Piauí, conheceu aquele que seria seu maior incentivador, o artista e Professor Afrânio Castelo Branco, com quem se identificou profundamente. (...) O mestre ensinou-lhe novas técnicas, introduziu-o na produção dessa arte nova, menos acadêmica, mais corajosa, sem o acabamento com o qual estava acostumado a trabalhar. Hostyano recebeu uma influência muito grande de Afrânio. Como ele, sentiu-se seduzido pelas texturas conseguidas através de grossas camadas de tinta e pinceladas fortes que despertam um grande apelo tátil. Como o mestre, faz uso das cores ocre, vermelho e branco acinzentado, embora as empregue em tonalidades mais puras, obtendo um colorido mais vibrante (ARÊA LEÃO, 2007, p. 22).

Os alunos se referem ao Professor Afrânio como um professor que possuía uma forma de lecionar sua. Em que aliava a prática e teoria concomitantemente. Mas um antigo aluno seu que hoje é professor do curso de artes visuais, quando perguntado se assistiu alguma aula do Professor Afrânio assim relata:

Tranquilo, de uma didática natural, conversava e relatava durante suas aulas. (...) Ah! Como já citei Afrânio durante suas aulas deixava fluir assuntos pertinentes ao conteúdo aos textos. É que era inerente a ele, dele, sem usar termos acadêmicos nem nada, parecia conversa informal, de pai pra filho e passava tudo, dizia tudo e nós captávamos tudo, Conversa informal, ao tempo que ali, naquele momento o conteúdo era repassado, de forma lúdica. Uma eterna aula da saudade! (ALUNO B, ago. 2011).

O hoje professor Aluno B descreve-nos a prática pedagógica do Artista Professor e vemos que de acordo com a descrição as explicações e conteúdo funcionavam satisfatoriamente. É um misto de admiração, saudade e afetividade. Professor criava um elo de afetividade, interesse, amizade assim parece que diálogo ajudava.

Por ocasião do seu aniversário de 80 anos, o Professor Afrânio ganhou de uma antiga aluna estes versos. Como uma forma de demonstrar carinho, amizade e admiração ao seu mestre. Na verdade é uma poesia popular uma espécie de cordel¹³.

Afrânio
Es o poeta, artista
O filho bom e amado
O irmão atencioso
O pai *Aidim* dedicado

Um frasco de essência boa
És o Afrânio Pessoa
Modelo de inteligência
Alma, vida, consciência.

O homem religioso
Com decepções e glória
Tudo bem colocado
Nas mãos de Nossa Senhora

Além do grande artista
Esta o homem;
O ser humano
Dedico-lhe meu respeito
Querido Professor Afrânio (ALUNA C, 29.09.10).

O cordel tem um pouco da vida do Afrânio Artista, homem religioso, do ser humano em que são evidentes as decepções e glórias e por último o professor.

¹³ Cordelista: Aquele que escreve (poesia) de cordel. Ainda muito utilizada no Nordeste do Brasil. Em forma de brochurrinhas vendidas nas feiras e mercados nordestinos. Dependurado no barbante.

É um misto de carinho e respeito de antiga aluna que conhece, vivenciou as aulas e cotidiano da sala de aula e capturou um pouco dos “Afrânios” existentes na sensibilidade do Artista Professor. É uma forma ainda que singela de descortinar o ser humano Afrânio na sua intimidade. O lado afetivo de filho, irmão e pai. Exaltação da inteligência, alma, vida e consciência. Os sentimentos A religiosidade contrabalançada pela decepção e pela glória. Por fim o profissional e cultural artista e professor se sobrepondo ao humano homem.

Mas se retornamos à sala de aula para as disciplinas de Feca Plástica I e II vemos que o alunado não poupa palavras quando se lembra da prática do Professor Afrânio. Alguns alunos o chamam Afrânio dado à afetividade que criaram com professor que muitas vezes era o amigo e conselheiro. E também ao fato de Afrânio ser uma pessoa pública vez que artista é um homem do povo. Mas vejamos o que nos diz um antigo aluno quando indagado se gostava das aulas ministradas pelo Professor Afrânio:

Sim. As aulas do Professor Afrânio eram ecléticas e inteligentes por que além das disciplinas que ele ministrava, dialogávamos sobre cultura, política, sua vivência como aluno da Escola Nacional de Belas Artes, isso aumentava a autoestima dos alunos (ALUNO D, ago. 2011).

As aulas ecléticas funcionam como um elogio uma vez que nos passam uma ideia rica de conhecimentos e da capacidade do professor concentrar diversos conceitos e conhecimentos sabendo utilizá-los de forma a enriquecer os conteúdos e os exemplos citados em sala de aula. Maneira de diversificar a aula e de torná-la, mas interessante e atraente aos olhos do público, ou seja, dos alunos. Suavizando os conteúdos e intensificando o aprendizado. Percebemos que o aluno ao escrever sobre as aulas do professor demonstra admiração, aceitação, afetividade e sociabilidade. São demonstrações de apreço que se percebe nas narrações escritas. Vejamos um pouco mais do que os alunos trabalhavam em sala de aula.

A teoria sempre estava ligada a prática. Um exemplo foi na aula em que versava sobre a colagem. Primeiro falou da história da colagem, da importância como uma atividade de recreação e como linguagem estética, citando alguns artistas que trabalhavam com ela, depois íamos para a prática (ALUNO D, ago.2011).

A trajetória de Afrânio na UFPI foi marcante. As primeiras turmas lembram-se bem das aulas ao ar livre a que assistiam em locais variados da cidade. De acordo com um antigo aluno de Afrânio, hoje artista plástico que vivenciou as aulas em espaços variados: descreve:

As aulas de pintura aconteciam no convento das freiras¹⁴ na zona norte e no pátio da universidade. No convento, pintávamos a fachada do prédio e as aulas no pátio da universidade às árvores, o ambiente em volta (ALUNO E, jul. 2011).

Aqui temos uma descrição de como eram as aulas do Professor Afrânio. São memórias de um antigo aluno que narra com certa paixão, admiração, aceitação e vivência do processo ensino-aprendizagem feitas em sala de aula. São memórias saudosistas de quem viveu momentos de diálogo com aprendizado.

Vamos ver adiante no capítulo três que os atuais alunos descrevem as aulas do professor Aluno B nos corredores o que nos levar a perceber a influência do mestre Afrânio.

Dessa maneira vamos vendo os alunos narrarem sobre suas memórias nas aulas ministradas pelo Professor Afrânio na UFPI. O exemplo que o Professor Afrânio usava era da sua própria experiência enquanto aluno da ENBA nas várias disciplinas que cursou quando foi aluno na década de 1950. São momentos nos quais o Professor Afrânio revive fragmentos de memória e descreve as disciplinas por ele cursadas. Vejamos o que nos relata:

Você chegava à aula de pintura encontrava, por exemplo, se fosse trabalhos assim de natureza morta já encontrava tudo esquadriado como, por exemplo: um bule da escola mesmo, coisa chique bonita botava o bule assim em cima de uma mesa umas maçãs ressequidas, maçã de gesso, porém pintadas etc. O que eles quisessem uma compoteira, tudo era relacionado com o que é morto que não tem vida, natureza morta você chegava e encontrava três quadros as maçãs daquelas prontas para serem executadas, além disso, isso era numa semana na outra era um modelo vivo e escolhia, por exemplo, escolhia uma moça daquelas se fosse sorteado tinha que ser nua ou vestida ou só de calçãozinho mais ali ela não podia escolher entendeu. Caía no sorteio nu. Eu não vou tinha delas que não queria mais a maioria ia. Bonitas moças. Alguns velhos interessantes, pessoas já de idade anciãos; tinha um sujeito foi até eu quem sugeri para eles que tinha um camarada que ficava sempre nas escadas do Teatro Municipal. Já velhinho roupa preta, pobrezinho surrado com uma bengala e negócio na mão pedindo esmola barba, a barba já amarela ai depois trás aqui ai eu levei ele lá eu falei com ele aceitou ficou louco de alegria porque ia ganhar um salário não é? E chegando lá todos gostaram porque chegava de tanta mulher nua mais aquilo lá só passava dois, três meses voltava para o ano, quer dizer volta para o ano porque este já passou era assim (PESSOA, 2010).

Estes exemplos é que os alunos gostavam de ouvir porque sentiam que o próprio professor também havia sentido dificuldades, havia passado pelos procedimentos parecidos. E que ele mostrava, ele falava e dividia com os alunos a sua experiência, seus anseios, suas dúvidas e angústias. É fundamental que o professor se mostre enquanto aluno e enquanto aprendiz. A troca de aprendizado ajuda a construção das aulas. E serve como referencial aos alunos. Ameniza as

¹⁴ Convento tem o nome de *Memorare*: “Antigamente, esta região era usada para a construção de chácaras que as pessoas vinham para descansar, porque ficava afastado do centro da cidade. Como as irmãs do Colégio Sagrado Coração de Jesus, não possuíam uma casa própria para este fim, utilizavam uma residência emprestada no Itaperu. Mas sempre tiveram o desejo de adquirir um lugar próprio”, conta a Irmã Marianize Lima.

dúvidas e aumenta a autoestima do aluno. Observamos que o professor mostra emoção, saudosismo, afetividade, reconhecimento, comportamento, conhecimento do lugar e local da sociabilidade. São os diálogos que o professor mantinha com sua sala de aula.

O relato do professor acerca dos modelos que pousavam na escola podiam ser moças bonitas geralmente eram modelos para o nu artístico. Velhos interessantes são pessoas que apresentam características físicas consideradas boas para o desenho, como rosto mais retangular, boca larga, lábios grossos, nariz grande ou adunco. O velhinho com roupa surrada, pobrezinho. A descrição parece preconceituosa. Ele possuía barba amarelada. Certamente um senhor com características bem definidas, homem do povo com feições fortes e a barba característica boa a ser copiada e que precisa de uma marcação bem feita e definidamente esquadrinhada (PESSOA, 2010).

São momentos que percebemos que o professor se impõe mais diretamente aos alunos. Em que ele se permite conversar, mostrar seu lado pessoal de aluno, seu lado humano com dúvidas e acertos. Inclusive relata aos alunos o seu trabalho, as aulas de modelo vivo na ENBA. Podemos perceber um pouco das lembranças vividas por Afrânio na sala de aula.

[Eu] copiava um colega, pedia se ele podia posar, o professor permitia era um modelo vivo é a pessoa bem mais abrangente é mais generalizada, tinha mais liberdade para pintar. Isso no terceiro ano não no quarto ano, quinto ano que a gente podia fazer essas escolhas. Mas nós tínhamos liberdade. O professor Henrique Cavalleiro nos dava liberdade. Eles iam passando entre o cavalete de uma colega minha do terceiro ano, parece que eu tô vendo ele, ele dizendo: mas é muito bom, é bom, é ótimo cadê esse rapaz cadê ele? Ai olha lá, lá bem ali no janelão olhando o movimento da Avenida Rio Branco, e eu disse isso é comigo? Ele disse: é venha cá, ele era surdo, mas usava uma coisa assim, um aparelho, não tinha um fio de cabelo na cabeça meio gordo: olha seu Afrânio eu estou feliz, feliz, feliz porque a gente passa anos e anos e não vê um talento como você. É um talento noventa por cento melhor que os outros (PESSOA, 2010).

Conversas, diálogos que repassam aos alunos uma segurança, um confiança e que relatam momentos de alegria e reconhecimento por parte do professor Cavalleiro. E que Afrânio fala com emoção, afetividade, auto ego e sobre-estima. Afinal de contas o Professor Cavalleiro era um dos grandes mestres da pintura. Um professor renomado. Aliás, quem não ficaria feliz com elogio de um dos grandes professores e artistas com premiações e estudos feitos na Europa. Era um dos ícones da ENBA e que todos procuravam seguir.

As aulas são descritas de formas diversas, de acordo com a disciplina que cada um cursou com Professor Afrânio. Uma antiga aluna assim descreve como o Professor Afrânio apresentava as matérias teórico-práticas em suas aulas, e as temáticas mais abordadas em sala.

Sempre parecia uma contação de história, pois nos relatos havia sempre a inserção de detalhes e curiosidades da vida dos artistas.

História da vida dos artistas; fundamentos e técnicas e “macetes” pictóricos (ALUNA F, ago.2010).

Aluna F afirma na sua fala que o Professor Afrânio “sempre” enfatizava ao ensinar fundamentos, técnicas e macetes pictóricos. Este ensino estava ligado à vida dos artistas. Dá para perceber que o professor conhecia e procurava aguçar o interesse dos alunos na vida dos artistas. Através deste estudo os alunos poderiam adquirir variados conhecimentos que serviriam para a vida profissional e artística, dependendo de que rumo cada um escolhesse para seguir. Este modelo de estudo foi adquirido por Afrânio na sua formação na ENBA e ele repassava as formas de ensinar e estudar apreendidas com seus professores.

Podemos ver um pouco mais a metodologia utilizada pelo Professor Afrânio na descrição feita pelos seus antigos alunos. Perguntados se as aulas de pintura ministrada pelo professor correspondiam às suas expectativas. Vejamos o relato.

Praticávamos desenho e pintura desde a natureza morta, paisagem e figura humana. (...) Eram feitas com reprodução de artistas como Gauguin, Modigliani, e Utrillo (ALUNO D, ago.2011).

Observamos que o aluno descreve as aulas com ânimo e admiração são recordações de um tempo distante, pois foi aluno da UFPI em 1989 a 1992. Sendo que foi aluno do professor em **Feca Desenho artístico e Feca Plástica I e II**. Além de ter feito o curso de extensão no ano de 1991 que teve duração de 1 ano e 120 horas aula.

A disciplina de Pintura 1, ela era de noventa horas e a Pintura 2, sessenta. Mais o curso de extensão que eu não lembro agora, mas foi um curso longo (ALUNA G, mar.2012).

Alguns antigos alunos se lembram de ter saído extramuros da UFPI para assistir a aulas ao ar livre. É bom esclarecer que as aulas aqui mencionadas são da década de 1980. Foram lembradas por dois antigos alunos de Afrânio um artista e outra professora que viveram esse momento peculiar no início do curso de Educação Artística.

De acordo com alguns antigos alunos de Afrânio, hoje professores de diversas instituições de ensino fundamental, médio e superior, o Professor Afrânio criou sua própria metodologia e suas aulas aliavam prática e teoria juntas e alguns deles seguem o mestre hoje nas suas práticas de sala de aula especialmente no ensino superior. A professora de artes plástica do Instituto Camillo Filho e antiga aluna de Afrânio indagada se transportaram ensinamentos do Professor Afrânio. Afirma que sim:

Nas técnicas de pintura e o modo como comentava os nossos trabalhos e sua metodologia ao ministrar as aulas de plástica no ICF. À medida que explanava o assunto, ao mesmo tempo ia expondo a prática (ALUNA A, 2011).

Por vezes é comum encontrar uma forma carinhosa de relembrar as aulas e o passado da UFPI. Alguns antigos alunos deixam recados no *facebook* do Artista Professor, tais como: um grande orgulho, professor. Faz muito tempo, mas você foi inesquecível. (ALUNA não entrevistada). São pequenas demonstrações de afeto, certo saudosismo que o Professor Afrânio recebe carinhosamente.

O Professor Afrânio é assim descrito por uma antiga aluna quando perguntada se gostava da aula ministrada por ele.

Sim. A clareza nas explicações das técnicas aplicadas e a paciência como conduzia a cada aluno, fazia dele um mestre modelo (ALUNA C, jul.2011).

Admiração, respeito, carinho são as formas como os alunos demonstram o seu aprendizado e recordam os momentos por eles vivenciados nas aulas da UFPI.

Muitos dos antigos alunos do Professor Afrânio quando perguntados sobre sua metodologia e sobre as aulas ministradas eles quase sempre deixam escapar admiração ao professor e a metodologia aplicada. Vejamos a opinião relativa às aulas do Artista Professor.

Ele sempre trazia exemplos, nunca apresentava a teoria sem mostrar um exemplo. Ele apresentava teórico-prático o trabalho do artista e o que mais se identificasse com os alunos ele pedia para o aluno trabalhar aquele artista (ALUNA H, ago.2011).

A aluna acima também passou pelo ensino superior no curso de moda de uma faculdade de Teresina e optou por abandonar a sala de aula e dedicar-se ao seu ateliê e boutique em que comercializa joias, bolsas e presentes. Trabalha como *designer*. Abdicou da profissão de professora por não conseguir conciliar o ateliê e a sala de aula.

Percebemos aceitação, avaliação, aprovação ao modo do Professor Afrânio e a sua metodologia.

Indagada se recordava alguma aula do Professor Afrânio em especial, a aluna responde:

Sim, aquelas em que trabalhávamos relações de cores (ele é o “mestre dos cinzas coloridos” e textura. (...) ele sempre atentava para melhor percebermos sobre os passos formal e colorísticos (ALUNA G, Ago. 2011).

De acordo com a recordação da antiga aluna que faz menção as cores e quando menciona a forma de lecionar, enfatiza com “sempre” o que nos remete a ideia de exigir, ou melhor, chamar atenção para detalhes do passo formal e colorido.

Percebemos que os antigos alunos, ao recordarem as aulas, todos, de alguma forma, mencionam a metodologia, forma do Professor Afrânio de conduzir a aula. As características são descritas de alguma forma, como mostramos em seguida, quando pergunto à antiga aluna, hoje professora de Artes Visuais.

Entrevistador –, eu queria saber como eram ministradas as aulas do Professor Afrânio quando você foi aluna dele, eu creio que na década de 1980, o ano eu não consegui descobrir, mas na década de 80 você foi aluna de algumas disciplinas dele?

- Tinha algumas disciplinas que pelo caráter que elas tinham, elas eram teórico-práticas como é o caso da pintura, desenho de observação. Nós fizemos um curso de extensão em pintura, então, a gente em algumas aulas que eram feitas dentro da sala de aula e outras fora, ao ar livre, a gente tinha bastante tempo fora da sala de aula, existia uma articulação do dentro e fora da sala, um pouco de teoria e prática juntos (ALUNA G, mar.2012)

O que nos deixa perceber o forte traço metodológico empregado por este Artista Professor. Outro antigo aluno descreve as aulas do professor, assim fala dos movimentos artísticos quando perguntado sobre as temáticas abordadas em sala de aula. Falavam nas aulas de pintura dos gêneros mais praticados e, por fim, indagado sobre cópias, ele refere os artistas e como era feita a sua seleção.

O moderno, pós-moderno como: Picasso, Cézanne, Dalí, Di Cavalcanti entre outros. (...) Sim. Expressionismo, Impressionismo, Surrealismo, o aluno ficava à vontade. (...) Sim. Picasso, Dalí, Di Cavalcanti e Cézanne eram copiados e os artistas eram escolhidos pelos próprios alunos (ALUNO E, ago. 2011).

Vemos aqui o antigo aluno falando sobre os movimentos artísticos, dos artistas copiados segundo os gêneros de pintura que o professor sugeria para que com eles aprendessem sobre as cores, texturas, técnicas e, por fim, os movimentos. Temos uma admiração e uma confiança quando fala que o professor deixava o aluno à vontade. Era uma liberdade assistida, pois o professor apontava os erros e os trabalhava com o aluno.

Indagada se o Professor Afrânio incentiva o desenho interpretativo da forma observada ou se contentava com a cópia dos livros? A antiga aluna assim responde que:

Incentivava à interpretação da forma observada. Contentava-se com cópia do que constava dos livros. Ambos, pois tanto a prática da cópia, pois aqui a relevância era a técnica; e o incentivo à interpretação e criação (ALUNA F, ago.2011).

Podemos observar que a antiga aluna menciona a técnica, incentivo, interpretação e a criação. As palavras possuem reconhecimento e admiração. É uma forma de o professor incentivar ao aluno. Uma avaliação de confiança e reconhecimento. O Artista Professor avaliava através do progresso do estudo do aluno. Era avaliação contínua que resultava em estudo acompanhado de perto.

A professora que também foi aluna do Professor Afrânio em entrevista narra sobre como o desenho era trabalho pelo professor em foco.

Entrevistador - Eu gostaria Professora que a senhora me falasse também um pouco a respeito do professor na parte que ele trabalhava muito a questão do desenho, da cópia, que ele gostava muito de “castigar” aos alunos com essa questão de cópia, e inclusive muitas vezes arrumava até certa indisposição porque não podiam criar né?

- Assim eu entendo perfeitamente, hoje como professora eu vejo que aquilo que ele estava fazendo não era uma coisa inválida, ele queria que a gente através da cópia se apropriasse da técnica, do modo de ver de outros artistas, é igual quando você vai aprender a dirigir, quando você vai aprender a dirigir você fica “vou pegar minha mão direita e vou fazer isso, vou botar meu pé esquerdo no pedal, pra poder dirigir você precisa dar conta, no começo você tem que ver que “minha mão direita fazer isso, minha mão direita vai fazer aquilo” e depois que você passa a dominar isso aí, você coloca no automático aí sim você pode dirigir na rua, porque você já domina a técnica, a mesma coisa é a técnica da pintura, enquanto você não coloca isso no automático que isso aí só vai ser feito com a cópia, a cópia vai fazer com que você internalize determinadas técnicas, pra que você possa num momento posterior, poder aplicar isso de uma maneira mais, sem você pensar que está fazendo determinado tipo de técnica, você não precisa porque ela já está lá internalizada, você vai se preocupando só em criar aí sim eu acho que é mais verdadeiro e tem mais significado (ALUNA G, mar.2012).

A professora diz que hoje como professora ela entende, mas, certamente que a época que era aluna devia concordar com os colegas que só cópia não era suficiente, quando os alunos queriam criar e se soltar. Embora os alunos buscassem se realizar como “artistas”, porque muitos já se achavam como tais, eles não detinham o conhecimento das técnicas, necessários à emancipação desejada. É o ímpeto próprio de alunos que já se consideram artistas. Não querem sofrer nenhuma interferência. Mesmo sendo neófitos não querem dar o braço à torcer. Tudo o que foi relatado é normal, pois, são os jovens que teimam em se soltar. Hoje a professora mostra certa admiração e, na pele de professora, compreende os arroubos da juventude ávida por criar mesmo que não esteja preparada para tal criação e vôo com suas próprias asas.

Quando indagada em entrevista sobre as técnicas e sobre as tintas utilizadas pelo Professor temos o seguinte:

Entrevistador –, qual eram as técnicas que o Professor Afrânio trabalhava com vocês? Tipo de tinta, o quê é que ele utilizava? O quê que ele era mais enfático? Porque todo mundo puxa mais para o lado que gosta, todo professor tem sua característica.

- Exatamente. Foi bem variado, a gente usou pastel, usou a acrílica e, nós usamos bastante o óleo, porque era a técnica que mais o professor (Afrânio) gostava mais, a gente sentia que era a técnica que ele gostava mais e dentro dessa técnica do óleo ela enfatizava bem as texturas, as filtragens ele gostava de explorar esse lado mais expressivo e dentro dessa expressividade a textura era um dos pontos que eu considero assim que ele dava bastante ênfase.(ALUNA G, mar. 2012).

Muitas vezes os próprios alunos esqueciam que estavam em constante avaliação. A técnica a óleo era a preferida e, dentro da utilização do óleo o professor

enfativava a expressividade da textura que é uma das características mais fortes na sua pintura.

A técnica metodológica do Professor Afrânio é manter o aluno constantemente estudando, o que tão importante para a formação de professores quanto para a formação. Todo e qualquer profissional que busque sucesso ou solidez dependem de estudo constantes.

Bem, ele dava a teoria e aplicava a teoria na prática. A gente primeiro tinha os referenciais teóricos e, logo em seguida, a gente fazia a aplicação prática mesma da teoria (ALUNA G, mar.2012).

Quando indagados se assistiram aulas ao ar livre a resposta vem imediatamente. Vejamos como a antiga aluna descreve as aulas.

Sim. Com cavaletes, telas, pincéis, tintas, solventes, lápis, passávamos a manhã toda observando, desenhando e pintando a paisagem que estava a nossa frente, sem que fizéssemos uma cópia fiel da natureza (ALUNA A, ago. 2011).

Observamos que a antiga aluna A faz menção às aulas e faz ênfase a Natureza e a paisagem. Vemos uma admiração ao descrever as cópias e o estudo dirigido feito pelo professor e os alunos. A professora Isalina hoje é professora de uma instituição de ensino superior e aplica a metodologia do Professor Afrânio ao levá-los para extramuros da ICF. Constantemente a vemos e aos seus alunos nas ruas próximas a faculdade os alunos copiando é uma das alunas que transportou os ensinamentos do Professor Afrânio para sua vida como profissional da educação.

Momento que as antigas alunas também recordam com certo saudosismo são as exposições que eram feitas, a princípio na UFPI, e depois, na Galeria do Teatro 4 de setembro, em Teresina. Galeria esta que foi arquitetada por um dos grandes arquitetos brasileiros Acácio Borsoi e sua esposa Janete Costa. A galeria ficava localizada ao lado do Teatro do mesmo nome numa das praças mais badaladas de Teresina Praça Pedro II. Hoje não mais. Era lá que os alunos expunham seus trabalhos foi uma forma que os professores encontraram de mostrar o trabalho e o curso de Educação Artística para o povo piauiense. Perguntadas se participaram de alguma exposição respondem que assim:

Na própria universidade, no Centro de convenções o professor e os alunos (ALUNA A, ago. 2011).

Nos pátios dos blocos próximos aos da anatomia. Organizada todos (professores, coordenadores chefe e estudantes) (ALUNA G, ago.2011).

As exposições parecem ser lembradas por poucos. No entanto, elas aconteciam e aconteceram por um período logo no início do curso. Recordo-me do professor contratar com os alunos um marceneiro para colocar tabiques nas telas

escolhidas para a exposição. Geralmente eram três trabalhos de cada um dos alunos. O próprio professor falava que necessitava de tabiques, uma espécie de moldura em madeira muito simples, para que houvesse uma unidade, uniformização entre os trabalhos.

Participei sim, participamos. Isso aí era uma tônica das disciplinas, final de semestres se fazia exposição. Tinha até alguns meninos que ficavam assim meio temerosos de mostrar os trabalhos, mas com o tempo a gente foi acostumando de mostrar aquilo que a gente produzia (ALUNA G, mar. 2012).

As exposições eram organizadas pelos professores do DEA e pelos alunos. Todo final de período o professor promovia a mostra dos trabalhos para que os próprios alunos vissem o conjunto do que foi feito e, pudessem discutir com mais propriedade com outros olhares, que não os dos colegas e dos professores.

Não, era não. Ele aconselhava, mas a gente tinha a liberdade de colocar os nossos trabalhos lá, ele deixava ao critério, o povo dizia, as pessoas na hora que olhavam lá: “isso aqui está bom, isso aqui não está” tinha gente que sofria um pouquinho, eu acho que fazia parte do processo de avaliação esse contato com o olhar do outro, eu acho isso bastante válido, inclusive, eu uso hoje nas minhas aulas. (...) Exatamente, mostrar aquilo que você produziu para um outro olhar que não é o daquele pequeno mundo da sala de aula, para outras pessoas avaliarem também e é uma forma de você ver como as pessoas veem aqui aquilo que você produz que não é, necessariamente, seu professor ou seu colega mais próximo (ALUNA G, mar.2012).

Eles mesmos entre si apontavam o que devia melhorar e o que estava de acordo. Era uma avaliação em conjunto. Ao mesmo tempo mostravam à sociedade o que era o curso de arte e a importância dele para a formação de professores e artistas.

Indagando aos antigos alunos (a)s como aconteciam as aulas de composição ela responde que recordava pouco, pois as aulas foram no início dos anos 80 outra no final dos anos 90. Assim responde que:

Com objetos variados, tais como: ferro de gomar antigo, jarros objetos do Cotidiano (ALUNA I, ago.2011).
O professor trazia objetos e montava-nos composições com outros existentes na sala para copiar no desenho. Também nos pedia para fazer as composições (ALUNA J, jul.2011).

As duas antigas alunas fazem menção à forma do professor ensinar. Ele montava a composição e depois pedia que um aluno fosse montar a composição. Era uma aula teórica e prática. O professor fazia com que seus alunos trenassem composição a partir da montagem da mesma. Observamos que a aluna J fala com estima e afetividade. E a aluna I relembra os objetos cotidianos de uso doméstico nas casas do Nordeste brasileiro. O Professor Afrânio primava pela utilização de objetos antigos, mas de conhecimento dos alunos. Estes objetos, geralmente, de

uso nas casas de avós e que até pouco tempo eram encontrados em feiras livres na nossa região.

Após a Lei 9394/96 dá-se uma maior liberdade para o uso da arte regional em sala de aula, mas o professor já utilizava estes elementos temáticos em suas aulas, uma década antes. Embora os alunos não falem mais assiduamente sobre o emprego de temática religiosa, era comum o professor também montar composição com peças da religiosidade popular, os chamados ex-votos. Recordo-me de ter visto o Professor Afrânio com uma sacola marrom em que ele trazia ex-votos, ferro de gomar. E sempre carregava no seu carro uma estátua de mármore branca, um Apolo, Deus Greco, para que os alunos pudessem copiar um busto de uma estátua masculina, que a UFPI não possuía.

Uma indagação foi feita aos antigos alunos a respeito da recordação de alguma aula do Professor Afrânio em especial e o aluno assim nos relata:

Sim. Como citei acima todas as aulas eram muito boas, mas uma foi quando o Professor Afrânio pegou um trabalho que eu tinha feito, e mostrou para os colegas como exemplo de uma boa composição (ALUNO D, ago.2011).

As aulas sempre são lembradas com certo saudosismo, especialmente, quando o aluno se sente, de alguma forma, prestigiado ou no centro das atenções, ocupando um lugar de destaque perante os demais colegas de sala de aula.

Entre as muitas perguntas feitas aos alunos do Professor Afrânio uma em especial constituía curiosidade. Pois, é notório que o Artista Professor nos diários de sala de aula dedicava algumas horas da sua prática pedagógica ao estudo das cores. Curiosidade é do porque dedicava tantas horas ao estudo das cores e o porquê daquele conteúdo.

É a cor que você está falando, na hora de falar do uso da cor, ele era bastante criterioso, assim, quando ele não gostava ele dizia logo e ele gostava que a gente usasse uma quantidade de tinta boa (nessa hora a pesquisadora toma a palavra e diz: “abundante”, em seguida a entrevistada prossegue), isso, inclusive os meninos às vezes ficavam um pouco receosos porque como era um material caro, aí tinha alguns que é... (nessa hora a entrevistada procura palavras para explicar, a pesquisadora toma a palavra e diz: “de difícil acesso”, em seguida a entrevistada prossegue) exatamente, isso, aí os meninos ficavam assim receosos em usar uma quantidade muito grande de tinta porque não tinha como repor, naquele mês não dava né, mas aí o professor ele gostava que a gente usasse principalmente o uso de cinzas coloridos, que eu acho lindíssimo no trabalho dele, né, e esses cinzas coloridos vinham acompanhados de doses, mega doses de massa de tinta (nessa hora a pesquisadora toma a palavra e diz: “de tubos” em seguida a entrevistada continua) exato. Pois é “não tem que fazer é assim” (faz um movimento simulando o Professor), ele vinha e “tchum” (faz outro movimento simulando o Professor) pegava a espátula e tirava toda a tinta que tinha no tubo, aí os meninos só ficavam olhando, mas assim, era parte do processo e era o modo como ele via como ele percebia como ele perceber o que é pintura enquanto matéria textural, enquanto cor, harmonia de cores, então isso aí era o que ele sentia e aquilo que ele tentava discutir e partilhar com o aluno. Sofrido e caro, muito caro (ALUNA G, ago.2012).

A aluna faz menção à técnica do professor e ao uso dos tubos de tintas em abundância. As mega doses de tinta um material caro e difícil de ser encontrado em Teresina nas décadas de 1980 e 1990. O professor parecia não se aperceber do uso excessivo de tinta e os alunos não falavam mas o sacrifício era grande. Tanto que eles compravam as tintas em grupo e trocavam entre eles para que todos pudessem ter acesso aquele material caro e difícil. O professor com certeza não se apercebia desta atitude, pois estava acostumado a utilizar tubos e tubos de tinta em seu ateliê. A professora nos relata um pouco do esquema que os colegas faziam para obter material. Vejamos o que nos narra.

Olha a nossa turma a gente... Como na época a maioria queria muito fazer e era uma oportunidade, e a gente tinha consciência de que a pessoa que estava ali era uma pessoa segura daquilo que fazia, a gente tentava, o que ele pedia a gente tentava comprar, agora não sei as outras turmas que vieram depois, mas a nossa... E o que a gente não conseguia, a gente tentava trocar uns com os outros, um comprava de um tipo o outro comprava de outro (tipo) e a gente fazia uns acertos lá entre nós e o trabalho saía (ALUNA G, mar.2012).

A turma era unida e de acordo com a professora era a oportunidade que tinham para trabalhar como ela mesma afirma a pessoa que estava ali era uma pessoa segura daquilo que fazia. Então os sacrifícios eram feitos em prol de um aprendizado. Percebemos que na narração da professora além deles terem vontade de aprender eles tinham superestima pelo professor, admiração, aceitação, interesse e necessidade de conhecimento. Eles juntavam-se para realmente fazerem uso do ensino aprendizagem. De acordo com o professor António Nóvoa desenvolvimento pessoal: produzir a vida do professor. Este desenvolver está ligada a formação. É na formação que se deve investir.

A formação deve estimular uma perspectiva crítico-reflexiva, que forneça aos professores os meios de um pensamento autónomo e que facilite as dinâmicas de autoformação participada. Estar em formação implica um investimento pessoal, um trabalho livre e criativo sobre os percursos e os projetos próprios, com vista à construção de uma identidade, que é também uma identidade profissional. O professor é a pessoa. É uma parte importante da pessoa é o professor (NIAS, 1991). Urge por isso (re) encontrar espaços de interação entre as dimensões pessoais e profissionais, permitindo aos professores apropriar-se dos seus processos de formação e dar-lhes um sentido no quadro das suas histórias de vida (NÓVOA, 1992, p.25).

Então os alunos estavam fazendo o certo que é investir em si. Na sua pessoa enquanto professor. Essa formação reflexiva- crítica é que prepara o profissional (pessoa) e dar um estatuto ao saber da experiência. Era isso que os alunos do Professor Afrânio estavam fazendo. Investindo em si mesmos e aproveitando a experiência do professor.

Entrevistador - E a respeito da questão de avaliação, como é que vocês se sentiam avaliados pelo Professor? E dizia em que precisava melhorar? Porque

muitas vezes você diz que precisa melhorar, mas não diz por quê? Se isso aqui não fosse a tela, não tiver peso do lado e do outro ela fica torta, eu assisti algumas vezes.

O Professor às vezes ele era extremamente verdadeiro e isso doía em alguns egos de algumas pessoas, porque quando ele dizia aquilo que ele considerava que era o certo pra ele e se ele gostava de um trabalho ele dizia: “gostei do trabalho”, se ele não gostava ele também se dava o direito de dizer: “olhe o seu trabalho precisa ser melhorado bastante, não tá bom”.

Exato, ele dizia você precisa melhorar no traço, seu traço não está bom, a sua pincelada não está boa, a harmonia de cores também não está, então, as texturas não estão boas, a forma que você fez não estão se ajustando direito, sua composição está muito pesada pra cá, essa aqui está leve demais, então ele dizia.

Mas assim faz parte, eu acho que faz parte da personalidade dele o expressionismo na pintura fazia parte da personalidade do Professor e ele levava esse modo de expressão assim mais passional, a ênfase que ele dava na forma, na cor, ele também enfatizava no processo avaliativo, aí ele levava isso pras outras instâncias, mas ele mostrava, “olha isso aqui não está bom por isso, isso e isso” eu acho isso certo, eu não acho isso errado não, está certo (ALUNA G, mar.2012).

De acordo com a aluna acima mencionada a forma de avaliação do professor era feita na frente de todos em que ele dizia quando o trabalho estava bom ou quando precisava melhorar e o que precisava ser melhorado. Mas quando gostava de um trabalho ele mostrava à turma o porquê do trabalho estar bom e em que o aluno acertou e mostrava os acertos de forma a que o aluno se sentia orgulhoso do trabalho feito. Era ríspido às vezes, mas isso era necessário para que os alunos compreendessem o que deveriam melhorar.

Pudemos observar características da forma de lecionar do Professor Afrânio em alguns de seus antigos alunos hoje professores. Observamos que o Professor Afrânio influencia seus antigos alunos não só na forma de ministrar a aula, mas na forma de avaliação. Vejamos o relato de um aluno do atual curso de artes visuais que descreve a aula do professor ALUNO B.

É repetição, para fixar mais o trabalho a forma, o Evaldo também trabalha do mesmo jeito, eu tenho observado que toda vez que termina a aula ele faz um recolhimento dos trabalhos todos e ali ele faz a avaliação de cada um, vai observando, inclusive nós fizemos um trabalho no início do semestre e ele ficou guardando para vê o desenvolvimento do aluno, para vê se ele progrediu, se ele conseguiu mostrar mais desenvoltura no trabalho, se ele conseguiu um aperfeiçoamento de uma técnica melhor, isso aí é observado pelo Evaldo, eu tenho observado que ele tem essa preocupação com o aluno (ALUNO AB. 19. Jul.2012).

3.3. O RELATO FEITO POR COLEGAS PROFESSORES, COORDENADORES E DIRETORES DE AFRÂNIO PESSOA SOBRE A SUA PRÁTICA DOCENTE

No que se refere à passagem do Artista Professor Afrânio pelo curso de arte da UFPI.

É importante ressaltar que na mesma passagem do Artista Professor Afrânio pelo curso de Educação Artística da UFPI por um período de 21 anos e 3 meses, foi muito os colegas professores que vivenciaram o cotidiano da universidade e que compartilharam momentos de intimidade no departamento do mesmo curso.

A arte de lembrar algumas vivências leva os colegas professores a falar das experiências, do companheirismo e muitas vezes da admiração que sentem pelo professor, pelo colega.

Alguns relatos na sua maioria, dizem ter conhecido o Artista Professor na universidade.

Um dos relatos que chama mais atenção é o do professor B que nos diz:

Conheci o Professor Afrânio através de sua irmã professora Nerina Castelo Branco, minha colega da UFPI por volta de 1979/1980.

Na época eu dirigia o Coral “**Nun se Pode**”, composto de alunos da professora Nerina e, como Chefe do Departamento de Educação Artística estava montando a primeira equipe de professores do curso. O Professor Afrânio sempre foi um artista plástico renomado, de alta qualidade, possuidor de vários prêmios. Foi-me fácil, portanto, aproveitá-lo como Professor do Curso de Educação Artística da Universidade Federal do Piauí, habilitação Plena em Artes plásticas (PROFESSOR B, ago.2011).

Na sua quase totalidade, os colegas professores conheceram o Professor Afrânio na Universidade, mas especificamente no ano de 1980. Pois Afrânio é contratado pela mesma instituição em dezembro de 1979, como professor visitante. Entretanto, o ano letivo começa em março de 1980, quando assume as primeiras turmas.

Observamos que dos seis colegas professores do departamento de Educação Artística da UFPI, quatro deles nos afirma terem conhecido o Professor Afrânio no departamento na universidade ministrando as disciplinas sob sua responsabilidade. Um colega o conheceu em 1979/1980, Outros dois dizem ter conhecido respectivamente em março de 1980. Uma professora diz tê-lo conhecido em março 1984. Outro professor respondeu que o conheceu através de suas exposições em março de 1989. Outra professora afirma ter conhecido Afrânio em outubro de 1989.

Percebemos que praticamente todos conheceram o Artista Professor no próprio departamento de educação artística no Centro de Ciências da Educação na UFPI. Exceção do Professor C que “afirma que conheceu o Professor Afrânio através de suas belas exposições”. São fragmentos de memória dos professores que o autor nos relata:

A memória é parte, herdada, não se refere apenas à vida física da pessoa. A memória também sofre flutuações que são função do momento em que ela é articulada, em que ela está sendo expressa. As preocupações do momento constituem um elemento de estruturação da memória. Isso é verdade também em relação à memória coletiva, ainda que esta seja bem mais organizada (POLLAK, 1992, p.4).

Como o cotidiano da sala de aula não permite que os professores estejam compartilhando determinados momentos dos ensinamentos e das aulas que cada um ministrava. Embora alguns colegas de forma mais amigável sempre procure mais os colegas com o quais tenham mais afinidades. Sempre acontece aqui e ali de um professor passar pela sala de outro colega e observa a prática do um do outro. A professora D era uma das colegas que sempre passava e conversava um pouco antes de ir ministrar sua aula. O Chefe do DEA, professor B mais especificamente presenciava o momento do Artista Professor em atividade em sala de aula. Vejamos o que nos menciona:

Como Chefe de departamento sempre foi meu dever acompanhar as atividades extracurriculares dos professores, junto à comunidade. As exposições se estendiam também ao Teatro 04 de setembro e ao interior do Estado, organizadas pelo Professor Afrânio com o devido apoio do departamento e da própria universidade (Pró-Reitoria de Extensão) (PROFESSOR B, ago.2011).

As vivências dos colegas docentes do Professor Afrânio são relatadas das mais diversificadas formas. Mas a convivência era maior nos momentos de reunião. Em que muitas vezes os ânimos se acirravam. O que era ruim para o grupo. Perguntados se Afrânio Pessoa participava das reuniões de professores? Alguns responderam que não outros afirmam que sim. Vemos o que nos diz uma das colegas.

Sim. Às vezes, não gostava muito dos tumultos e discussões típicas em certas reuniões. Não era participante interessado (PROFESSORA D, set. 2011).
Sim. Claro. Ele era muito pontual e participativo, sempre se envolvia com atividades de reunião dando seu ponto de vista e sua contribuição (PROFESSOR B, ago.2011).

De acordo com o que os professores acima descrevem, podemos ter uma ideia de como era a participação do Professor Afrânio nestas reuniões. Nem tanto nem tão pouco. Geralmente comparecia sem interesse. As reuniões não alcançavam benefícios para artes plásticas. As reuniões eram obrigatórias e muitas

vezes por serem realizadas no período da manhã, atrapalhavam em cheio a aula do professor. Professor D conhecendo o Professor Afrânio dizia que não era chegado à parte burocrática, que não gostava das tais reuniões. Era desinteressado. Principalmente porque nem sempre ela tinha referência com a parte da plástica e envolvia música, cênica e desenho. É difícil opinar numa área que não se domina. Além do que havia tumultos e discussões que não chegavam a lugar algum. Disso o Professor Afrânio tinha verdadeiro horror. Ele gostava mesmo era de estar com os alunos na sala de aula. Ele participava, como disse professor, mas opinava pouco.

Ao questionar aos professores como conheceram o Professor Afrânio? Como era seu relacionamento com os colegas? E como era Afrânio como professor? Temos respostas variadas. Vejamos o que nos dizem alguns dos professores que conviveram com Afrânio no DEA na UFPI. A Professora A nos diz:

Como colega do departamento de Educação Artística, do CCE, na UFPI. Uma pessoa introspectiva, mas de fácil convivência, educado, atencioso e amigo nas horas necessárias. Admirado por sua criatividade, pela sua postura, técnica e estilo próprio, que criou “escola” pictórica no estado, tendo influenciado várias gerações de alunos (PROFESSORA A, ago. 2011).

De acordo com outra colega professora do curso de educação Artística com habilitação em música nas suas lembranças do Professor Afrânio nos relata a sua vivência com o professor no curso e relata sua impressão sobre o colega. Vejamos o que nos diz:

Como professor do departamento de Educação Artística da Universidade Federal do Piauí. Pessoa extremamente afável, educada, cumpridora dos seus deveres e de um caráter ilibado. Muito dedicado, paciente, acompanhava cada aluno individualmente nos seus trabalhos e era reverenciado por todos que tiveram o privilégio de passar por sua classe (PROFESSORA E, ago.2011).

Mas as descrições não param por aqui. Mais professores relatam como conheceram o professor e relatam o convívio com ele, as impressões e o que observavam do Professor Afrânio e da sua forma de ensinar. Vejamos:

Ministrando aula na UFPI e depois numa exposição no Rio de Janeiro. Ele tinha um ótimo relacionamento era bastante discreto e observador. Como professor ele era bastante admirado, já que possuía vocação para o ensino e formava amigos entre seus alunos. Era incentivador dos talentos novos (PROFESSORA D, set.2011).

De acordo com os depoimentos dados pelas professoras acima podemos constatar que o Professor Afrânio era bem conceituado diante dos colegas. Além de bem conceituado era respeitado e admirado por todos. Vejamos o que uma das colegas nos relata:

Homem de virtudes, religioso. Pintor admirável, destemido na sua maneira de criar. Diante da minha ótica Afrânio atingiu o auge da sua criação artística com suas texturas Afrânio é medalha de ouro! (PROFESSORA F, ago.2011).

Percebemos que sua colega era também uma admiradora do Artista Professor, tanto que faz menção mais ao artista que ao professor. É uma admiração à pessoa do Afrânio e ao artista que mesmo é. Outro colega professor assim descreve o Professor Afrânio:

Educado, Sensível, homem de oração. Tímido. Observador e muito amigo. "Inimigo" de pessoas insensíveis à arte (PROFESSOR C, ago.2011).

Observamos que os dois últimos professores relatam mais o artista que o professor propriamente dito. E os seus relatos têm um quê de reconhecimento, afetividade, aceitação e estima ao colega como artista e pessoa do povo. Não fazendo quase menção ao Afrânio professor. Embora seus relatos não deixem de ter um valor inquestionável, pois ressaltam o artista que vivenciou e compartilhou com eles o cotidiano da UFPI. Mesmo sabendo que eles o admiravam de forma diferente dos outros colegas aqui mencionados anteriormente que mesmo alguns mencionando o artista focam mais precisamente no professor.

3.4. AUTO RELATO DE AFRÂNIO SOBRE SUA PRÁTICA DOCENTE.

Ao transmitir as lembranças de pessoas idosas que escutei, quero expor o que pensar Walter Benjamin sobre a arte de narrar. Sempre houve dois tipos de narrador: o que vem de fora e narra suas viagens; e o que ficou e conhece sua terra, seus conterrâneos, cujo passado o habita (BOSI, 1994, p.84).

Quando abrimos o baú da memória, Afrânio relembra os tempos da UFPI. Em que ministrava aulas pela manhã e à tarde trabalhava no seu ateliê de pintura em casa.

O Professor Afrânio relembra a sua vida. Das aulas nas primeiras turmas que lecionou na UFPI. Fala que a universidade era pequena se comparada a hoje.

Quando tomava seu depoimento perguntei ao Professor Afrânio como e quando o senhor tornou-se professor da UFPI? O Professor Afrânio assim relatou:

Foi mais ou menos, eu não tenho assim nitidamente o dia da minha posse aqui, mas foi em 82 por aí assim, 80 ou 82, 1982 (PESSOA, mar. 2012).

Na verdade de acordo com o documento do Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior (ANDES) o Professor Afrânio Pessoa Castelo Branco foi admitido no dia 20 de dezembro de 1979. O Professor Afrânio fez uma pequena confusão devido às datas. Entretanto ele deve considerar somente o ano em que foi contratado como professor definitivo da UFPI a partir de 20 de

dezembro de 1981. De acordo com dados fornecidos pela Divisão de Administração de Pessoal (PRAD/DRH).

Entrevistador - Entre os muitos questionamentos que fiz ao Professor Afrânio este foi um em especial. Professor como o senhor preparava suas aulas? A este questionamento o professor assim respondeu que:

Geralmente a programação é feita com antecedência de 2 ou 3 dias. A gente tem que ter uma consciência do que vai dizer, do que é assimilado pelos alunos, porque você não pode abruptamente dizer para o aluno quem é Chagal, um exemplo, se ele não souber quem é o Chagal, não se pode apresentar o quadro desse artista, que eles ficam “embaraçados” não entendem e acham que é uma boa porcaria. Ai então tem que falar da biografia dele, os sonhos dele, o que ele esperava dentro da sua maneira de agir, e ai eu fico sondando ai que ele nasceu, qual as escolas que ele teve, quais as tendências, a familiarização dele e assim por diante. Ai é que eu entro no trabalho artístico mostrando aos meus alunos, não só na tela como oralmente através de livros (PESSOA, mar.2012).

De acordo com a resposta do Professor Afrânio ele começava a preparação com certa antecedência. Provavelmente até porque o uso de recursos eram outros e além de preparar a aula o professor tinha de estudar o assunto que iria abordar com os alunos. Sabemos que a preparação de uma aula é um tanto trabalhosa. Ainda mais quando se trabalha com pintura, movimentos e escolas às quais os artistas pertencem, e devido à quantidade de artistas e de obras. Sem falar nas cores, pinceladas, na vida e obra dos mestres da pintura de acordo com o movimento ou escola ao qual pertença.

Curiosidade é uma palavra forte. Devido à mesma, muitos foram os questionamentos pensados. O que devo perguntar? Como devo perguntar? Por ai se imagina o quanto eu queria saber. Se eu fosse questionar o artista e o professor seriam dias de entrevista, optei por questionar mais o professor que o artista, embora interferisse nas respostas dele quando sentia que o artista se sobressaía ao professor. No entanto, muitas das respostas eram dadas de acordo com a necessidade e às vezes o artista se sobrepunha. O que ele utilizava do artista como professor. Assim ficou aparentemente mais fácil inquiri-lo e o depoimento foi sendo gravado. Algumas perguntas foram surgindo devido a determinados fatos narrados. Entretanto, os questionamentos foram feitos e ao longo da entrevista fui saciando a curiosidade sobre o professor e a metodologia por ele utilizada.

Entrevistador - Uma curiosidade era saber: como foi a primeira aula e como o artista começou a ensinar? O professor respondeu que:

A minha primeira aula foi mais um teste de paciência porque eu enfrentei uma turma que não parecia de alunos e sim de feras, era uma confusão uma balburdia, exstia aquela incompreensão, aquela troça, aquele ridículo no ambiente, sentei-me na cadeira e fiquei esperando que silenciassem porque o tumulto parecia coisa de feira. Passei uma hora, duas, três já estava terminando o curso quando uma aluna mais “saliente” mais atrevida perguntou: “Professor cadê a aula?” eu disse: “Vocês estão dando, isso aqui é uma feira eu não posso falar porque vocês me tomam a palavra”. O silêncio foi abrupto, imediato. Ai eu me manifestei “ora,

falta pouco para terminar o nosso horário já é quase onze e meia e eu vou deixar para amanhã, mas vocês estejam prevenidos, com essa balburdia eu continuarei a fazer o que fiz hoje, é uma sequência, venham preparados, mas venham silenciosos". Surtiu efeito! (PESSOA, mar.2012).

Observamos que o primeiro contato do professor com a sala de aula foi meio confuso. Os alunos falavam e em meio à balburdia, como refere o Professor, ele optou por ficar quieto e deixar os alunos dominarem o ambiente. Que o professor, para poder manifestar-se precisou ser audacioso. A partir daqui começa a posicionar-se de forma a chamar atenção para o que deveria acontecer. Percebemos que os alunos geralmente testam os professores quando estes iniciam na cátedra. E que o professor precisa usar artifícios para levar adiante a aula. Por este tipo de comportamento, alguns professores terminam por abandonar o ensino, a sala de aula. O que não foi o caso do Artista Professor que se manteve em sala só que a partir deste fato, com a imposição de silêncio. A atitude pode parecer um pouco arrogante, mas é uma das formas de se fazer presente e conquistar respeito.

Entrevistador - A curiosidade era grande a respeito das aulas ao ar livre. Então perguntei: Como surgiu a ideia de ministrar aulas ao ar livre? Em que e como aconteciam as aulas? O professor nos respondeu que assim:

Isso daí não tem, foi em decorrência das aulas que eu dei nas salas, ambiente fechado. Usava da minha técnica, da minha tática para os alunos compreenderem, desenhava nas lousas, pedia livros para eles estudarem, livros de desenho etc., e isso nós íamos passando o tempo ensinando as cores, ensinando a maneira de fazerem uma cópia eu vou dizer uma coisa para se tornar mais acessível". Cópias, muito bem; com também fazer a composição, tudo que um desenho e uma pintura faz, pede. Por exemplo, na pintura as cores, o que é cor, como se faz a cor, como é que se determina a mudança de uma cor, por exemplo, o verde existe centenas de tonalidades, centenas, digo bem, de tonalidade em verde: verde claro; verde escuro; verde bandeira e assim por diante, não é exagero dizer que a cor do verde é mais difusa, é a maior, tem o vermelho e assim por diante. Uma vez que o aluno domine, porque saber perfeitamente não, só o tempo ensina o artista, mas uma vez que ele já tenha assimilado mais ou menos a composição, equilíbrio, às cores, copiar bem um artista famoso, que é em que se encontra as melhores cores as melhores tonalidades, aí eu passo para o ar livre que tem outra dimensão. Levei os meus alunos ao Jardim Botânico em que a natureza é mais viva, principalmente se tratando de uma cidade como Teresina, muito quente, muito tórrida, e então, aqui em Teresina eu levava (os alunos) para ver os prédios mais significativos como o Memorial, a Igreja de São Benedito. (...) o entrevistado prossegue ao ar livre, em que tem muitas plantas, muita arborização, perspectivas e mais profundidade, foi o que eu quis dizer. Isso foi muito difícil inicialmente, era motivo de chacotas dos outros alunos, inclusive da medicina, de música, achavam que aqueles meus alunos, uma turma grande, diga-se de passagem, estavam perdendo seu tempo. Zelar pela profissão, não me contive e disse para um aluno que se dizia importante, mas não era nada, era um estudante de medicina, eu disse: "porque que você não vem tentar aqui para saber se é difícil ou é fácil, olha, você poderá fazer o que eles estão fazendo, mas nunca será um artista, ao passo que medicina qualquer um pode fazer e será, talvez com o tempo, um bom médico. Aqui não, se não tiver talento nascido mesmo com ele, jamais será um artista e isso não importa a aprendizagem que eles estão fazendo agora, porque meu filho você poderá ser um bom médico, mas artista você jamais será" (PESSOA, mar.2012).

As aulas do curso de Educação Artística funcionavam ao lado das salas de aula do curso de medicina. SG 9, daí os alunos dos cursos da área de saúde acharem que os alunos do curso de licenciatura em artes plásticas perdiam tempo. Isso na cultura brasileira se dar ao fato de que o brasileiro der mais valor ao retorno financeiro. E despreze a cultura. E no caso do brasileiro a cultura é sempre tida como uma opção não importante. Este tipo de opinião tirava o Professor Afrânio do sério. O professor descreve os locais ao ar livre aos quais ele levava seus alunos para Zoobotânico e não Jardim Botânico, como refere o entrevistado. Isso ocorre devido o entrevistado ter morado durante dezoito ou vinte anos na cidade do Rio de Janeiro. Em que cursou a ENBA.

O professor fala ainda do Parque da cidade, um dos locais de sociabilidade e lazer das famílias teresinenses na década de 80, que para fugir aos dias de calor excessivo procuravam fazer passeios e piqueniques nos locais arborizados. Quando a UFPI ainda funcionava nos SG, as aulas aconteciam no SG 9 ou fora da UFPI. O Professor Afrânio se lembra das aulas ministradas no zoobotânico e também no Parque da Cidade e adjacências.

Acontecia naturalmente como acontecia, por exemplo, em um ambiente fechado, só que lá (no ambiente fechado) não tinha intervenção do público, dos curiosos como eu acabei de contar o caso dos estudantes de medicina. Digamos *eu estendi* as minhas aulas para os lugares mais distantes, por exemplo, como o Memoraria que não havia interferência de ninguém, o silêncio que, diga-se de passagem, é o conselheiro melhor para o bom artista. Uma vez que que Van Gogh fazia. Ele se afastava de tudo para poder criar suas maravilhas (PESSOA, mar.2012).

Muitas vezes o professor saía da universidade e leva seus alunos aos espaços públicos que a cidade oferecia para que os mesmos tivessem uma nova paisagem para desenhar e pintar. Outras vezes levava para espaço privado como o caso do memoraré das irmãs Catarina de Siena que possui de acordo com um Professor Afrânio casa com estilo diferente e que é adequado ao desenho dos alunos. Principalmente quando se trata de fachadas de construções. Como o próprio professor nos relata é uma espécie de fuga da rotina da UFPI. Uma fuga do cotidiano vivenciado por eles. Aulas ao ar livre eram monitoradas pelo professor que inovou com sua técnica e forma de lecionar.

Entrevistador - Então perguntei ao Professor Afrânio o que os alunos copiavam no memoraré? Ele respondeu que imediatamente:

Bem, no memoraré eles copiavam o que tem de mais sugestivo porque, por exemplo, nós temos o edifício da atual prefeitura, uma beleza é o prédio mais bonito de Teresina e a Igreja de São Benedito, mas é muito influenciado pela multidão, pelos curiosos, e isso inibe o aluno. Eles vão copiar a parte, por exemplo, o frontal; o fundo; as torres, arquetonicamente e perspectivamente, a profundidade daquele edifício, mas eu já disse isso praticamente já tem nos livros de desenho artístico explicam muito bem, já no Zoobotânico tinha a perspectiva

de agente se defrontar com animal, e precisava tirar uma fotografia daquele animal para poder desenhar, porque aquele animal não ia pousar pros alunos, né? Então tinha os leões que as pessoas poderiam se "abeberar" ali de perto ou então ficar junto daqueles cantos assim mais sugestivos, era o silêncio que também era o denominador comum, é muito bom você está numa tranquilidade em questão de paz para você trabalhar, o silêncio do Jardim Botânico era cortado pelos uivos dos leões, pelos cantos dos pássaros e outras curiosidades que a selva oferece tudo ali permanece no Zoobotânico. É mais uma questão de copiar as árvores, o meio ambiente, em que é mais selvagem é o Zoobotânico que propicia os animais, aquele clima (PESSOA, mar.2012).

Esta pergunta desencadeou outra E as aulas no Parque da Cidade também era pela mesma questão de mudar? E o professor apressasse em respondeu quer:

O aspecto é o mesmo, porque sempre é coberto de plantas; de flores; de movimento; de paz, mas tudo é a mesma coisa tanto faz o Zoobotânico como um rio, como uma rua etc., tudo é livre solto não tem aquele ambiente fechado (PESSOA, mar.2012).

O Professor Afrânio utilizava estes espaços de lazer da população teresinense como uma espécie de fuga do cotidiano das salas de aula da UFPI. Ao mesmo tempo era um dos recursos acessíveis e que não traziam gastos. Pois os espaços públicos e o privado eram utilizados pelo professor que acordava antes com a direção do espaço a ser utilizado então recebido à autorização professor e seus alunos partiam para a aula prática *in loco*. Aulas pelo que parecem frutíferas vez que fugia os parâmetros das aulas tradicionais da sala de aula.

Entrevistador - Pergunto ao professor: O senhor então acompanhava os alunos? E ficava somente fazendo as observações? Professor respondeu que e acrescenta que:

Sempre acompanhei porque eles se sentiam perdidos, depois com o tempo, digamos um mês, que eles tinham aquilo, não era possível mais porque o curso é somente três meses, né? Entram de férias aí tornava a voltar de novo, então, eu me ausentava um pouco para que eles ficassem mais a vontade, ficava a distancia. Uns cinquenta a cem metros me isolavam. Exatamente! Deixava eles a vontade, às vezes dava certo e às vezes não, aqueles que não entendiam nada que não davam para o assunto, era liberdade, maravilha, beleza, que não faziam era nada, quando eu voltava para examinar o trabalho deles não tinha mais nada, não tinha nada pra fazer, para criticar (PESSOA, mar. 2012).

Essa forma de avaliação do Professor Afrânio é sugestiva. Ao mesmo tempo em que ele se "ausenta" e permite ao aluno ficar mais à vontade para trabalhar ele continua presente fazendo observações e analisando a evolução que cada um estava fazendo no desenho e na pintura. É uma avaliação continuada em que o professor sempre estar a par das dificuldades e ou facilidades encontradas por cada um dos seus discentes. A avaliação pode ser feita no caso de turmas com um pequeno número de alunos. Turmas grandes com vinte e cinco a trinta alunos é meio impossível ainda mais quando o professor não possuía assistente. Porque

cada aluno deve ser observado individualmente. O que requer do professor atenção redobrada.

À medida que o Professor Afrânio respondia aos meus questionamentos. Mais aguçado ficava a curiosidade.

Entrevistador - Então questionei: Professor eu queria saber qual diferença de como o senhor via a prática de ensino antes do senhor começar a ensinar? O professor pacientemente repete a pergunta e respondeu que:

Como é que eu via? Isso agente precisa entender a mentalidade, a tarimba dos alunos né, o que eles poderia dar, só depois de uma certa experiência com os alunos.

Psicologicamente existe, o ambiente favorece tudo até a própria cidade oferece isso, o descaso pelas artes, o descaso pelo ensino artístico, por exemplo, eu faço tudo isso comparando o que eu passei no Rio de Janeiro, o ambiente é outro, não é um ambiente igual o de Teresina e completamente diferente, eu dizia assim comigo mesmo: “como vai ser difícil eu orientar essa gente, fazer com que eles captem”, porque arte não é só saber desenhar, as vezes num simples risco a gente sabe quem é artista, um simples traço, então, eu fiz uma vez já no final do curso, no termino daquele período, da minha disciplina, no final do ano eu quis fazer um teste com os alunos, qual aqueles que tinha mais sensibilidade independente da parte teórica dos desenho, da pintura, da cópia dos artistas etc. dos desenhos e das pinturas que eles faziam, chamei e falei com eles: “hoje vocês não vão pintar. Hoje vocês vão assistir um filme de muita sensibilidade de um grande gênio do cinema que é Fellini.”

“Eu quero que vocês assistam em silêncio, olha eu vou dar a nota a vocês porque eu estou pegando o pulso de vocês pra saber quem é artista, vocês vão assistir La Dolce Vita, famoso no mundo inteiro um artista que comove as multidões, que comove Gênios a obra prima de Fellini”, conclusão desse detalhe, quando foi já no meio do filme a sala já estava quase vazia, muitos saiam não gostavam achavam “entedioso” etc. etc.. Eu não queria massacra-los, então a nota eu dei para um grupo resumido que ficou na sala até o fim, dei dez, porque aquelas pessoas ou por passar a perna em ou por adulação, mas ficaram, aguentaram o filme. E a gente aprende muito a arte na tenacidade, no dia a dia, aprendendo e insistindo, vai indo e abre um “clarão” e a pessoa começa aprender. (nesse momento a pesquisadora toma a palavra e pergunta: “a questão da vivência?” é a vivência, exatamente. Uma pessoa que nasce em Teresina e uma pessoa que nasce em Paris, ali (em Paris) assimila muito mais a arte porque você vê todo mundo, até nas vitrines você vê arte pra todo lado, o bom gosto, porque a arte se resume em duas palavras: bom gosto, arte é bom gosto (PESSOA, mar.2012).

De acordo com Pierre Bourdieu, um dos grandes sociólogos da contemporaneidade que defende a teoria da herança familiar. Defende que:

Cada indivíduo é caracterizado, pelo autor, em termos de uma bagagem socialmente herdada. Essa bagagem inclui, por um lado certos componentes objetivos externos ao indivíduo, e que podem ser opostos a serviço do sucesso escolar. (...) Por outro lado, o patrimônio transmitido pela família inclui também certos componentes que passam a fazer parte da própria subjetividade do indivíduo, sobretudo, o capital cultural em seu estado Incorporado”. Como elemento constitutivo do capital cultural incorporado, merecem destaque a chamada “cultura geral”(expressão sintomaticamente vaga e indefinida porque designa saberes difusos e adquiridos de modo variado e informal); o domínio maior ou menor da língua culta; o gosto e o “bom gosto” (em matéria de arte, lazer, decoração, vestuário, esportes, paladar, etc.,); as informações sobre o mundo escolar (BOURDIEU, *apud* NOGUEIRA e NOGUEIRA, 2009, p. 51 e 52).

Na verdade, ao pôr esta teoria em prática Bourdieu nos mostra que a herança familiar influencia principalmente quando na escola os filhos de família

abastada possuem um contato maior em relação a leituras, aprendizagem de idiomas e na matéria do lazer. Em que as famílias abastadas procuram levar os filhos a visitas de museus e galerias em que a cultura é mais divulgada e visitada. Ao contrário dos filhos de família menos abastadas que possuem lazer diferente das classes mais abastadas. Os “privilegiados” terminam por saíssem melhor em termos de conhecimentos escolares devido a essa vivencia que o Professor Afrânio nos fala no seu depoimento. Essa vivencia é peculiar à cultura europeia, Americana, ou seja, dos países desenvolvidos. E o Professor Afrânio a difunde por ter tido durante sua vida como estudante da ENBA professores que viveram no meio europeu. Que estudaram e vivenciaram o cotidiano de países como a França, em que iam cursar arte como prêmio. O próprio Professor Afrânio não vivenciou estudos na Europa. Mas sempre que pode viaja ao velho continente e lá visita museus, livrarias e galerias. Busca ou troca de vivências com outro meio artístico.

A prática docente do Professor Afrânio, ou seja, a sua metodologia adotada ou criada por ele como alguns colegas professores se referem tem um pouco de cada metodologia de alguns professores ao redor do mundo. Por exemplo: o professor Fernando Hernández em que prática e teoria estão vinculadas. Ana Mae fala da proposta triangular Afrânio não fecha na proposta triangular como um todo, mas em parte da mesma em que o professor sempre aborda a história da arte tal como a vida dos artistas, fala da produção ao mesmo tempo em que os alunos produzem e por fim a avaliação ou análise dos trabalhos produzidos pelos alunos. Além destes dois teóricos da arte educação o Professor Afrânio trabalha menciona sempre a importância de fazer relação entre a arte, música, literatura o que aborda um pouco a interdisciplinaridade que só começou a ser mais divulgada no Brasil a partir dos parâmetros curriculares nacionais na década de 1990, mas precisamente na LDB 9394/96. O Professor Afrânio faz na sua metodologia um mistura de um pouco de cada uma destas teorias e aplica na sua sala de aula. Além dessa teoria Afrânio faz uso das aulas em espaço ao ar livre uma prática comum na Grécia.

Entrevistador - Então perguntei ao professor Sim, os recursos que o senhor utilizava porque alguns professores e alguns antigos alunos do senhor da década de 80, falam demais que o senhor tinha uma forma de “dar” ministrar aula que era diferenciada dos outros professores e daí então muitos antigos alunos tem uma verdadeira adoração? É diante dessa adoração que alguns professores da Federal (universidade) que foram seus colegas que me falaram: “olha pergunta ao Professor como era, qual era a pedagogia, qual era a estratégia que ele utilizava na sala de aula, que ele conseguia ser tão diferente dos outros professores e os alunos terem toda uma adoração e gostarem tanto daquilo que ele ensinava.

Bem, isso é fácil e não é, porque, digamos, eu pergunto a um aluno se ele gosta de doce, gosto (respondeu que o aluno), quando ele prova diz: “não gosto”, eu disse: “pra quê que você disse que gosta?”, “pra que você veio fazer esse curso se você não gosta?”, aí é que esta a questão, por exemplo, a parte teórica poderia

agradar a muitos, mas aquela parte teoria eu pegava e agora passe pro natural (nesse hora o entrevistado gagueja, a pesquisadora toma a palavra e diz: “pra tela”, em seguida o entrevistado prossegue) pra tela, o que foi que você aprendeu na teoria? Saiba jogar o verde, saiba jogar o azul com o verde, na qual o azul prevalece e o verde também, agora você tem que fazer uma sintonia uma harmonia de cores, como fazer isso? O verde deixa de ser verde, o azul deixa de ser azul? Não! É um pouquinho do azul se joga no verde e um pouquinho de verde se joga no azul. É como uma orquestra, aquela orquestra funcionando, se sai um agudo, um erro, todos os outros instrumentos se perdem, e eu fazia isso quase diariamente, o aluno ia se apercebendo, eu dizia: “Copie esse quadro”, por exemplo, de Matisse, as cores vibrantes de Matisse, aí o aluno fazia, “mas você exagerou, ele é vibrante, mas não é como você, você pegou vermelho, passou, tirou do tubo e jogou na tela, não é assim minha filha, repare, venha cá, olhe venha cá” mostrava o trabalho de Matisse, “repare como ele não é como o seu vermelho, seu vermelho é cru” eu dizia assim, “o que é cru Professor?”, que saiu do tubo de ensaio (nessa hora a pesquisadora toma a palavra e diz: “é puro”, em seguida o entrevistado prossegue) puro ou cru, “saiu do tubo de ensaio e você jogou aqui, não é assim não, o vermelho é sensível ele não nasceu assim puro, você pega aquele verde lá de cima”, estou citando duas cores pra melhor compreensão, “você pega o verde põe do lado do azul, fica carnavalesco”, puro, cru, conforme você queira “mas isso precisa de uma sensibilidade, repara olha pra Matisse”, coisa que nenhum professor faz isso, aí o aluno tornava a olhar e dizia: “sim professor é diferente, agente não tem choque nenhum com o vermelho dele, não pode ter porque aqui nesse vermelho tem verde, se você não prestar atenção não vai ver não, é invisível, mas tem um toque já modifica o vermelho, porque o vermelho é feito de um material químico, não é feito com o pincel. com a sensibilidade do aluno ou do artista, e o verde tem também um toque de vermelho, há esse intercâmbio de cores muito sutil, se você pegar um muito verde e jogar no vermelho, deixa de ser vermelho e ele tem que continuar vermelho, é personalidade das cores” e isso é que eu ensinava ia ao âmago da pintura e toda tela, toda pintura é o âmago do artista, ele da tudo, transforma tudo aquilo (PESSOA, mar.2012).

De acordo com o Professor Afrânio ele procurava orientar seus alunos mostrando o passo a passo desde a mistura das cores, as cores que compunham determinada pintura de artistas variados para que os alunos aprendessem a dosar as cores e chegasse o mais próximo possível das cores originais. Através deste aprendizado os alunos adquiriam confiança. Além disso, se fosse necessário ele não só mostrava os erros, mas ensinava como fazer aos alunos. O professor mostrava aos alunos que o estudo das cores a mistura delas resultavam em nuances diferenciadas e é isso que eles precisam saber para ensinar, ministrar aula. Alguns colegas podem achar que não precisa aprofundar deste jeito. Mas como o professor vai ensinar se ele não souber misturar, dosar as cores. É o ensino da prática aliado à teoria que faz com que o professor esteja preparado para ensinar seja no fundamental, ou médio.

Essa é a principal proposta do educador espanhol Fernando Hernández. Ele se baseia nas ideias de John Dewey (1859-1952), filósofo e pedagogo norte - americano que defende a relação da vida com a sociedade, dos meios com os fins e da teoria com a prática (PRADO e ALMEIDA, 2009. p. 46).

O Professor Afrânio pode não fechar a ideia de Dewey e Hernández na íntegra, mas fecha em parte quando alia teoria e prática.

Entrevistador - Então tinha que haver um estudo das tonalidades? Então é um estudo, o curso, a parte de arte de pintura exige do aluno um eterno estudo é como se ele estivesse em um laboratório fazendo experiências com as tintas é como se ele estivesse lá na química, tinha que estar misturando as tintas para poder ter, saber as tonalidades. O professor respondeu que e justifica o porquê.

Muito bem. Tinha que haver um estudo das cores, um estudo mais aprofundado das cores?

Exatamente, tinha que estudar, mas esse estudo era relativo porque um livro de boa expressão, de bons desenhos, boa brochura ele já mostra os vermelhos no seu tom, eu mandava copiar os grandes artistas, mesmo que alguns (livros) tivessem algum erro na reprodução eram mais fáceis para o aluno “copiem, copiem, copiem” muito alunos se perderam porque não quiseram “ah, mas eu sou eu” (aluno), “claro que você é você, mas esse artista que você está copiando já copiou de mais, eu copiei Lautrec várias e várias vezes, fiz quatro ou seis, eu não me lembro quantas, meu professor dizia: “copie Lautrec porque Lautrec é o mestre do movimento”, aquelas mulheres saltando nas pedras etc. Matisse era das cores, assim passava de um período clássico, dos artistas clássicos, dos artistas expressionistas, impressionistas até chegar nos cubistas, na arte pop, entendeu?

Isso, mas não aí a laboratório (nesse momento a pesquisadora toma a palavra e diz: “laboratório de artes”, em seguida o entrevistado continua) é, isso requer muita sensibilidade, por isso muitos não fazem porque não são artistas, não tem aquela paciência, entendeu? Muitos alunos meus se perderam por isso, naquela “borradeira” naquele carnaval de cores, você vê que o carnaval é uma ciência fácil, você vê o vermelho, verde, preto, roxo, mas tudo puro, já pensou se fossem misturar aquelas cores uma com a outra, que lindo, maravilha, como existe nos trabalhos abstratos, por exemplo, Morandi¹⁵, uma coisa belíssima, mas agente vai lá dentro se você colocar um microscópio ali você vai ver que não é uma cor pura de jeito nenhum, aparentemente é, mas não é (PESSOA, mar.2012).

O professor trabalhava a questão do estudo das cores, tonalidades e nuances. Pois estas aulas feitas com estudo de cor eram para aprimorarem a técnica. Posteriormente os alunos já com a técnica apreendida poderiam naturalmente fazer a aplicação em qualquer trabalho. Eu continuei então a conversa.

Entrevistador - Professor como o senhor analisava os trabalhos dos alunos e o que o senhor fazia com esses trabalhos? Porque alguns de antigos alunos do senhor me falaram de exposições que o senhor, juntamente com a coordenação e a chefia do departamento montavam exposições, a princípio aqui na Federal (universidade) depois o senhor levava essas exposições para teatro, pra poder ter o maior contato com a comunidade com as pessoas.

Minha filha agente nunca destaca um aluno como artista, porque o curso de... Conforme já disse inicialmente ser artista é uma coisa muito difícil e então eu dava todo o valor, porque o valor também é muito bom, estimula, “o professor está gostando do meu trabalho, eu vou procurar melhorar”, e capricha mais, vai indo e se liberta das correntes, das perdas e então quando eu fazia uma exposição eu mostrava todos em conjunto pra eles sentirem, através de outros, a falha dos (trabalhos) deles, era uma educação do próprio aluno, ele se educava.

Você não disse que se deu um estalo em você, que você foi compreender não aquelas “garatuja” de Picasso, mas você sentiu a diferença dele para os outros, não só na inspiração dele, da arte africana, mas ele se libertava aquilo era apenas uma inspiração uma maneira dele se basear, mas ele se libertou completamente. Pois aí, muito bem, isso demonstra muito bem, você que está me entrevistando pode sentir o que eu sentia pelos alunos, aquela inércia, aqueles que se sentiam assim numa exposição “meu deus eu tenho mérito, eu tenho valor”, se eles fizessem uma exposição sozinha eles não iam sentir isso. (PESSOA, mar.2012).

¹⁵ Morandi, Giorgio. Nasceu em Bolonha na Itália. Suas telas eram naturezas mortas de arranjos sutis, com garrafas, jarros, utensílios de cozinha e vasos, sem qualquer detalhe que lhe fosse estranho. Morandi rejeitava rótulos, a fim de se concentrar na forma do tema.

501 Grandes artistas/ editor geral Stephen Farthing. Rio de Janeiro. Sextante. 2009.

O professor mostra o valor da sensibilidade diante de trabalhos. Que seus alunos ao verem seus trabalhos expostos percebiam suas falhas e acertos ao compararem aos outros. Este estudo comparativo é que mostra o que a pessoa tem de “positivo” e “negativo” é através da observação que o aluno vai aos poucos percebendo o que pode e deve ser melhorado. E reforça que a visita a exposições como a Picasso mostra a diferença entre os estilos, pintura, pincelas e a técnica dele comparada a de outros. As formas de avaliação eram diversificadas. Vejamos o que nos diz:

Agora, diga-se de passagem, eu aprendi isso com professor Henrique Cavalleiro, saudosa memória, ele quando chegava na sala, ele visitava e olhava para todos os cavaletes com seu alunos e só chegava perto de um que ele, eu observava o jeito dele, ele fazia assim (faz um movimento com a mão) querendo dar um teste na tela, aquilo era porque ele gostava. Eu tive esse privilégio de quase ele querer bater na minha tela, tive um privilégio de na minha primeira exposição, ele já velhinho entrar com uma bengala, subindo as escadas da galeria Chica da Silva, ele foi ver aí eu pedi ao secretário que desse o Cristo, um trabalho meu, pra ele. Não sei em que é que esta (PESSOA, mar.2012).

O Professor Afrânio aplicava com seus alunos as técnicas apreendidas com seu velho mestre. Aliás, aqui e ali ele sempre faz menção ao professor Henrique Cavalleiro que por sua vez apreendeu com outro professor da ENBA que depois se tornou seu sogro o professor Elizeu Visconti que estudou na Europa e foi professor da ENBA.

Entrevistador- Então professor, muito que o senhor aplicava na sala de aula o senhor tinha como referência o seu mestre o professor Henrique Cavalleiro? Ele responde que e continua fazendo elogios ao mestre.

Não há dúvida, eu aprendi quase tudo com ele, com ele e com a assistente dele que era muito boa nos dias que ele faltava, ela muito inteligente assimilava tudo que ele dizia e jogava em cima da gente, mas quando ele ia superava ela como um furacão diante uma brisa, entendeu? Quando ele chegava à sala (PESSOA, mar.2012).

O Professor Afrânio fala na assistente do Professor a também professora Eres Guimarães. Que o substituíla frequentemente nas aulas de pintura da ENBA e foi ela que assumiu a disciplina quando da aposentadoria do professor Cavalleiro.

Depois de ter falado do seu mestre com admiração e respeito eu não consigo ficar sem questioná-lo e faço a pergunta que não quer calar:

Entrevistador- Por trás do Afrânio, do Afrânio ser humano, como é ser artista e professor? E ele responde que sem delongas.

É como eu lhe disse inicialmente, a gente conjuga os dois, que como professor você pode ser artista e como artista pode ser professor, foi o meu caso. A gente se desdobra, a gente se abre e só assim o aluno pode ser professor, se for uma coisa mecânica, parte didática só os livros, quem vai perder são as futuras gerações (PESSOA, mar.2012).

O professor fala com segurança de quem gosta, estimam as duas profissões por isso conviveu com as duas ao mesmo tempo. Parece que o amor que nutria as duas profissões o fez ser um artista de renome e um professor que conseguiu aguçar a curiosidades dos alunos e, portanto, o fez um profissional reconhecido, respeitado e querido por muito dos seus antigos alunos. O Artista Professor se fez conhecer nas duas esferas.

Entrevistador - Professor o senhor poderia me falar como era o seu relacionamento com os alunos, se o senhor tinha um bom relacionamento com os alunos? Então o senhor tinha um relacionamento com os seus alunos de igual pra igual, não existia essa história de professor e aluno, não existia essa hierarquia, era todo mundo Afrânio, Fulano? Ele responde que na hora.

Era de igual pra igual, eu não ia me botar num pedestal se o aluno lá em baixo, “como é que eu (aluno) vou aprender?” nada, eu dizia: “não pelo amor de deus tira esse azul daí, tira, tira, já esta me dando coceira aqui” eu dizia assim brincando “olhe bem como esse azul esta”, ai eu pegava o livro de arte e mostrava, “você quer montar o azul, né, olha aqui tem um azul repare como é diferente”, “ah Professor, mas eu ainda não aprendi” e dizia: “mas vai aprender, copie esse que eu estou lhe mostrando” e ele aprendia. Eu tenho exemplo típicos de alunos que me endeusavam, não pelo meu valor, mas era exatamente por essa intimidade que eu dava para os meus alunos, um rapaz dizia “Professor o senhor tá me vendo aqui?” eu (Afrânio) digo “você parece que tá embriagado de sono” ai ele dizia: “eu trabalho numa orquestra ai e só vou dormir duas horas da manhã, mas quando são oito horas, eu estou aqui pra assistir as aulas do senhor”, aquilo me emocionava demais, você sabe até quem foi o rapaz, né (PESSOA, mar.2012).

O Professor Afrânio realmente gostava de tratar seus alunos de igual para igual. Ele falava se eu me colocar num pedestal ai mesmo os alunos não vão compreender e não vão apreender, nem vão tomar interesse pelo que eu ensino. Arte é diferente ser professor de arte requer uma aproximação com os alunos um maior entrosamento. É diferente e eles me respeitam pelo que sou pelo professor que sou pelo que transmito e pela segurança do que transmito e assim o diálogo entre nós acontece. Nada demais. Só isso é o suficiente me faço respeitar pelo ensinamento.

Entrevistadora - Mas o senhor participava das reuniões?

Era obrigado. Eles exigiam a presença da pessoa, era obrigatório, não podia faltar, mas eu acho que aquilo ali caía na inveja, no ímpeto de todos. Eu tive colegas que sofreram com a sua ausência e muito, eu procurava defende-los, não quero citar nomes (PESSOA, mar.2012).

De acordo com professor os piores momentos eram as sextas-feiras as reuniões que sempre terminavam com uma discussão, desentendimento. Além disso, eram reuniões que não se resolviam quase nada e melhorias concretas para o curso quase nada vinha. Era uma burocracia. Participava mas era terrível. Mudamos um pouco o foco da conversa e então perguntei:

Entrevistadora - Mas eu quero saber é o que o senhor acha ou sente de ter deixado o Rio de Janeiro e ter vindo morar em Teresina em 1966?

Isso daí é uma questão muito familiar. Eu vim com meu pai, eu lá no Rio de Janeiro ganhava muito pouco no Ministério da Fazenda eu era escrivão, era datilógrafo, ganhava uma bagatela, eu fazia desenhos pra vender pros meus colegas do Ministério da Fazenda, aquilo (vender desenhos) me dava muito mais, mas era insuficiente, e a mamãe insistindo muito que esse negócio de arte não dava dinheiro, aquelas coisas de família, o papai insistiu muito, arranhou uma melhoria para mim no Ministério da Fazenda, quando eu estava melhor ele disse: “agora você vai satisfazer seu pai, vou levar você pra Teresina pra passar um ano ou dois lá, senão sua mãe se acaba só pensando em você, e o papai já tinha passado por duas seríssimas operações e ele conseguiu me trazer aqui (para Teresina), eu vivia assim em angústia em depressão, sozinho, passando baixo, esta entendendo, comendo comidas gordurosas etc. era uma vida, digamos, não era de angústia não, mas era assim frustração, porque ninguém queria que eu fosse artista, entendeu. Ai eu vim com ele de navio, chegando aqui em abril, em junho ele morreu, ai minha mãe não deixou mais eu voltar. Eu acho que seria uma maldade, uma perversidade muito grande eu deixa-la, ai eu ainda estava em gozo de licença ai eu fui ao Rio, Dr. Almir, procurador geral, eu dei um quadro pra ele desse tamanho pra ele me transferir pra cá, todo mundo achava graça, o Píndaro, amigo meu ele dizia assim: “você não vai passar um ano lá, terminado esse período você volta correndo aqui pro Rio de Janeiro. Eu disse: “acho difícil” e estou aqui até hoje, né? Ainda voltei algumas vezes para o Rio de Janeiro, mas foi escasseando, escasseando, você sabe que a ultima vez foi quando eu vim dos Estados Unidos, né, eu passei lá foi em 1987(PESSOA, mar.2012).

O foco da nossa entrevista foi sendo levado para o lado da arte para que as pessoas entendam o porquê do artista ter tornando-se professor. Professor queria que você me falasse como você se sente enquanto artista brasileiro que extravasou as barreiras nacionais.

Minha filha, sua pergunta diz claramente o que eu passei né, eu passei as fronteiras, mas há quem dizem que eu sou artista internacional, nunca fui artista internacional, artista internacional são os, o Picasso, o Morandi, enfim, esses que tem essa, eu tenho um nome no Brasil, realmente eu tenho, porque eu já expus em Porto Alegre, já expus em São Paulo, já expus na Bahia, já expus aqui várias vezes e tenho me dado muito bem, algumas decepções como é natural, e nos Estados Unidos eu já fui representando o Brasil (PESSOA, mar.2012).

O artista fala assim, mas na verdade ela já ultrapassou as fronteiras e expôs na Europa e Estados Unidos. Conforme ele mesmo afirma na entrevista. Pode até não se considerar artista. Mas já representou o Brasil na Europa.

Entrevistadora - E a exposição que o senhor foi, uma exposição itinerante através do Itamarati na década de 70?

Essa foi uma das melhores que eu já fiz, porque eu representei a verdadeira arte brasileira, que os outros artistas metidos a modernos, trabalhos de vanguarda, não transmitiam a arte brasileira e eu tenho a prova concludente é do que dizem os jornais que eu fui o único realmente que expressei a arte brasileira contemporânea, arte brasileira contemporânea, e eu tenho cartazes sobre isso, foi muito bom esse período, foi em 70. E daí pra diante eu tenho feito, mas eu sempre me acomodo muito, entendeu, porque é muita luta fui professor passei dois anos, porque eu fiz carreira no Ministério passei para Oficial Administrativo, hoje sou Inspetor da Alfandega, ou melhor, sou técnico do Tesouro e me aposentei como técnico e como professor, mas como professor foi como eu me dei melhor porque tinha afinidade com a pintura (PESSOA, mar.2012).

Como podemos ver o Artista Professor nada modesto, diga-se de passagem. Expôs na Europa em vários países. E em 1987 expôs em Omaha nos Estados Unidos foi representando a Universidade através de intercâmbio. Nossa conversa volta ao ensino de artes e solicito:

Entrevistadora - Professor dê uma breve opinião cronológica sobre o ensino de arte a nível universitário no Piauí, o senhor como educador você fala do antes e do agora, como é que o senhor vê o ensino de arte no Piauí?

É uma pergunta difícil da gente responde quer eu vou lhe dizer porque, porque isso é preciso vivência, visitas periódicas tomar contato com esses cursos, eu não sei a que atinar, só tenho saudades de bons professores, colegas meus, né, colegas que ainda hoje estão lutando aí. Pelo o que você acabou de dizer no início do interrogatório, você diz que hoje não é mais curso de educação artística (PESSOA,mar.2012).

Como o próprio Professor Afrânio diz para falar do ensino hoje é necessário um acompanhamento do mesmo. Como ele já encontrasse aposentado à alguns anos não sabe o que acontece com o ensino de artes na universidade nem nas faculdades de Teresina. Porque neste período de 2001 até hoje muitas mudanças estão acontecendo e fica difícil opinar sem estar presente.

Depois de observar o Professor Afrânio. Concluí que depois da pintura o que mais gostava de fazer era ensinar. Ensinar pintura e desenho com certeza nas aulas ele conseguia transpor seu aprendizado, seus estudos, sua paixão pela arte. Este talvez seja o segredo para ter se saído bem em sala de aula.

3.5. O ATUAL CURSO DE ARTES VISUAIS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ NA VISÃO DA COORDENADORA E DOS ALUNOS

O Curso de Artes Visuais da UFPI sofreu mudanças de 2001 até hoje. As maiores mudanças sofridas ocorreu em 2008 com o advento do Projeto Pedagógico do Curso de Artes Visuais que entre muitas reformulações feitas a principal é a mudança do próprio nome do curso de Licenciatura em Educação Artística para Curso de Licenciatura em Artes Visuais. Em que o curso tem duração mínima de 4,5anos a 7,0 anos. Regime Letivo Seriado semestral. Turnos de oferta Vespertino e Noturno com 40 vagas anuais autorizadas. Carga Horária Total de 3.285 h (Três mil duzentos e oitenta e cinco horas) disciplinas de 3.060h (três mil e sessenta horas) e atividades complementares de 225h (duzentos e vinte e cinco horas).

A partir desde currículo novo (2008) o curso sofreu uma revolução nunca vista anteriormente. Deu-se um enfoque maior a formação do professor de arte. Entretanto, o currículo de 2008 já estas sendo novamente reformulado, pois de

acordo com a Professora e coordenadora do curso de Artes Visuais Professora Coêlho o curso já estar defasado e precisando de novos ajustes. Para termos uma melhor noção de como funciona o curso de artes visuais da UFPI entrevistamos 4 alunos dos quais 3 alunos entraram em 2010 e 1 aluno entrou em 2011. Os alunos entrevistados encontram-se três no 5º período do curso e 1 aluno encontrasse cursando o 3º período. Estes alunos relatam na essência como o curso funciona e nos dão ideia de como os professores ministram suas aulas. Além disso, podemos fazer comparações de como era o curso de Educação Artística na época do Professor Afrânio e como é o curso de Artes Visuais hoje de acordo com currículo de 2008. E atrelado ao contexto do funcionamento do curso podemos perceber a importância que o Professor Afrânio teve no curso e a sua forma de lecionar pode ser percebida nos antigos alunos que hoje são professores do curso.

De acordo com entrevista gravada com o aluno CD. Questionei: sobre o início do curso.

Entrevistadora - Quando foi que você entrou na universidade? Quando você conclui teu curso? Quais as disciplinas que você cursou dentro do curso de artes visuais até agora. Você cursou pintura? Gravura? Como é que eles estão ministrando essas disciplinas? E com é que o Evaldo está trabalhando a Pintura I?

Em janeiro de 2010, Conclusão 2013 ou 2014 por causa da greve. Cursei História da arte I e II, Pintura I, Patrimônio Material e imaterial, fundamentos, história da arte no Brasil I e II, Sociologia da educação, História da educação, psicologia da educação.

Pintura I é o Evaldo, ele não concluiu por causa da greve. Ele deu 75% da disciplina, é muito bom, um ótimo professor, de Gravura foi a Núbia, também uma ótima professora.

Eles dão a teoria e depois a prática, logo em seguida a prática. Não, no caso a Gravura ela começa a história da gravura em si, a história da arte, ela dá o parâmetro muito interessante entre o que está acontecendo hoje e o que aconteceu antes e alguns artistas, tanto de fora como os daqui mesmo do Piauí, ela tem uma explicação muito interessante sobre isso. Não, no caso a Gravura ela começa a história da gravura em si, a história da arte, ela dá o parâmetro muito interessante entre o que está acontecendo hoje e o que aconteceu antes e alguns artistas, tanto de fora como os daqui mesmo do Piauí, ela tem uma explicação muito interessante sobre isso. Ele começou a dar a história da pintura, teoria, depois ele passa diretamente para as técnicas, passa para o carvão, vai para guache, depois ele passou para a aquarela e nós estamos na acrílica (ALUNO CD. 10. jul.2012).

O aluno AB nos relata na sua entrevista o seguinte: sobre o curso.

Entrevistadora - Sr. AB quando o senhor começou a curso o curso de artes visuais? Quais as disciplinas que o senhor tem cursado até o momento? As disciplinas do curso de artes visuais. Você cursou a disciplina de pintura? Gravura? Elementos? Quem é o professor? Que disciplina é essa? Gostaria de saber o modo como o professor ministra as aulas de Pintura I, no caso o Professor Evaldo, como é que o Evaldo trabalha, qual é o conteúdo dessa disciplina? Ministra a disciplina teoria e prática?

Em 2010, começamos o período em 2010. Primeiro período. Bom, nós cursamos composição, desenho de composição.

É o professor Ribamar, temos pintura que é o Evaldo, temos com a Pollyanna que ela ensinou a percepção de materiais.

O Evaldo, ele trabalha com bastante teoria, no caso da parte teórica, depois ele vai passar para o lado prático da disciplina, tudo que é produzido e como se produz o desenho, o material e depois mostrar cada material sua composição, e depois passar para a prática, todo o material e aí nós desenvolvendo aquilo que é pedido na disciplina. Teoria e prática (ALUNO AB. 19. jul.2012)

O aluno EF quando indagado acerca do Curso de Artes Visuais.

Entrevistadora- Quando você iniciou o curso aqui na UFPI, o curso de artes visuais? Quais as disciplinas você cursou até o momento? E da área da arte, Tu já cursaste pintura I? Quem é teu professor de pintura? Como é que o Evaldo trabalha com vocês a pintura, se ele pega, se vocês fazem cópias de artistas, se vocês fazem releitura como é que ele está trabalhando, como é que ele está trabalhando a questão das cores? Evaldo trabalha, ele dá uma teoria e em seguida prática?

No ano de 2010 primeiro período. Foram muitas, para falar de uma por uma eu não vou lembrar-me de cabeça, mas foi estética, patrimônio material e imaterial, filosofia da educação, libras, história das artes visuais I e II, história das artes do Brasil I e agora a II, Psicologia da Gestalt, teatros e formas, que é o teatro de bonecos, metodologia do ensino de artes, metodologia do ensino, didática que é da área da educação, história da educação... Artes visuais. Estou cursando no momento. Pintura I. Professor Evaldo Oliveira.

É o seguinte, quanto a releitura, no momento a gente não faz releitura, a gente vai direto para a prática, ele apresenta para a agente em forma de slide no computador, data-show, mostra as pinturas e fala da melhor tonalidade, das cores, mas a gente faz aula mais para a prática, assim ele pega um modelo, bota na nossa frente e a gente vai e primeiro faz o desenho, rascunha e tudo e depois vai para a pintura, no caso de pintura que a gente está vendo agora.

Não, não, mais é na prática, pelo menos até agora, porque entrou em greve, mas até agora a gente está vendo exercícios mesmo práticos ele colocar o modelo na nossa frente e pegar um dos nossos alunos (ALUNO EF, 17. jul.2012).

Para o ALUNO GH, o único que começou o curso em ano diferente dos demais refere o seguinte.

Entrevistadora- Quando você começou o curso de artes visuais? 1º período? Tu estás cursando o terceiro período do curso, não é isso? Tu gostas da forma que os professores ministram as aulas do curso de artes, no caso, tu já tiveste aula de gravura? O Evaldo faz as aulas teorias, ele dá só teoria ou ele ministra teoria e prática ao mesmo tempo conjuntamente? Como ele apresenta esse conteúdo de composição para vocês? O Evaldo faz as aulas teorias, ele dá só teoria ou ele ministra teoria e prática ao mesmo tempo conjuntamente, ou se é separado e como ele apresenta esse conteúdo de composição para vocês? Tu foste aluno do professor Evaldo, qual foi a disciplina que ele ministrou pra ti, e como ele faz, como é que ele mostra a questão do conteúdo como é que ele trabalha com vocês o conteúdo e como é que ele desenvolve a questão da avaliação.

Em 2011.1º período de 2011. Isso o 3º período agora. Não, de gravura ainda não, mas todas as disciplinas que eu peguei até agora eu estou gostando, fora algumas exceções.

Sim, o Evaldo eu peguei ele na disciplina de Composição, ele trabalha bem porque ele não dá só aula explanatória. Isso, ele passa alguns exercícios com bases em vídeos, aulas de vídeo mesmo, também com slides, e avaliação também depende não só também do que ele ver que a gente passa pra ele, mas também aquilo que ele ver na capacidade da pessoa, da capacidade mesmo da pessoa como artista, digamos.

Digamos que é quase ao mesmo tempo, quase simultâneo, às vezes uma aula é só teoria e as vezes é prática, mas é tudo através, como eu falei, de vídeo, explanação no quadro ele faz os desenhos, mas ele passa as xerox pra gente de acordo com o conteúdo (ALUNO GH. 23.jul.2012).

A princípio a entrevista foi basicamente para situarmos o aluno no curso e sabermos um pouco das disciplinas por eles cursadas.

Dando continuidade as entrevistas. Mais alguns questionamentos sobre como professores trabalham as disciplinas.

Entrevistadora - Eu queria saber se ele pega algum artista, se vocês copiam para depois pintar, se vocês fazem uma releitura? O que é uma releitura? Como é que faz uma releitura? E no caso de outras disciplinas ministradas nas aulas de composição vocês trabalham a questão de coloração, perspectiva, clara e escura para compor uma obra? Ele manda vocês montarem uma composição? Como vocês fazem para passar composição para tela ou papel? Ele manda vocês criarem composição? Ele dar objeto para que vocês façam uma composição? Digamos uma natureza morta? Ele pede que vocês levistem e montem aquela natureza morta para depois fazer o desenho?

De acordo com os alunos, o professor faz assim:

A pintura ele dá um motivo, a natureza morta uma paisagem, para a gente poder fazer um trabalho prático e logo em seguida ele lança um artista para fazer uma releitura, nunca copiar, a palavra não é esta, mas sim fazer uma releitura de determinado artista. Mas ele pega essa releitura muito pouco, ele quer que a gente crie em cima daquilo que ele está falando (ALUNO CD. 10. jul.2012)

Inclusive ele faz também com releitura de produção, de trabalho que os artistas, ele apresenta uma obra e depois nós vamos fazer a releitura daquela obra. A releitura de um quadro você pode pegar, não fazer exatamente o quadro em si, no caso da releitura é você dar uma roupagem nova ao quadro, mas deixando alguns indicativos do quadro, para quando uma pessoa olhar parece e vir que aquele quadro ali se parece com determinado artista, mudar algumas coisas, mas deixando a essência do quadro lá.

Não é só o Miró não, é que trabalha com sombras.

Van Gogh

Não, mas é. Aquele trabalho com a produção de material derretendo, Salvador Dali, gosta muito dessa técnica dele, com foi que ele trabalhou essa questão, e ela é uma coisa que utiliza muito e eu professor dele também o Afrânio, mostrou também bastante. Trabalhou muito com ele, têm alguns indicativos no desenho dele, que ele faz o Afrânio, foi bacana esse trabalho dele. (ALUNO AB. 19. jul.2012).

A palheta restrita é aquela que só se pode usar certas cores, ele dá três cores o azul, amarelo, por exemplo, ele dá o azul, amarelo e verde, e com aquelas cores ou com as cores primárias a gente vai trabalhar uma imagem usando somente essas três tintas e a mistura delas (ALUNO EF. 17.jul.2012).

Isso, por isso que eu digo que nós estamos vendo a prática e a teoria ao mesmo tempo. Na hora da pintura a gente vê um pouco mais dos teóricos, da teoria e também trabalha com a pintura com alguns desenhos.

Isso, mas no caso da pintura a gente trabalha mais livre, mas já colocou para gente fazer releitura no começo, hoje em dia ele trabalha mais livre, para a gente trabalhar mais a nossa criatividade, ele só diz que vamos trabalhar com a palheta restrita aí vocês vão e montam coisas e ele vai, olha e guia a gente.

Composição é como o nome diz, é o que está ali na tela, ou numa obra, no desenho ou na pintura, é a estrutura, como o artista formou aquilo, porque que ele colocou cores mais vivas em um lugar, cores mais fracas ou frias, que ajuda quem está vendo se prender mais tempo naquela obra, para apreciar enfim, é a maneira que a arte está disposta no quadro, mais ou menos isso. [...] Primeiro ele dá os exemplos e faz os tipos de composição e ele explica sobre a perspectiva, sobre profundidade, as cores e depois a gente tem que praticar, ele pede um exercício agente começa na sala, e se não der tempo agente termina em casa.

Bom primeiro foi fundamentos da linguagem visual e depois psicologia da percepção. A professora .

Bom o conteúdo é basicamente como a própria disciplina já diz, é a gente ver uma composição, por exemplo, e perceber cada elemento que tem naquela composição, por exemplo, cor de sombra, profundidade, textura, se tem traços ou se é apenas uma pintura, também trabalha muito com o cubismo, enfim é você perceber os elementos artísticos que dentro de uma composição isso ela usou muito [...] Ela expõe primeiramente em slides, em textos e faz leitura com o pessoal da classe, a gente discute depois tem debate, e depois disso a gente vai para a prática, ela pede para fazer um desenho apenas com linhas para perceber como se dá a forma que o desenho é ligado, como um desenho se forma e depois como as cores preenchem, basicamente para a gente perceber os elementos já fazendo na prática (ALUNO GH. 23. jul.2012).

Pelos depoimentos dados pelos alunos pudemos constatar que as aulas ministradas na UFPI por ex-alunos do Professor Afrânio são muito parecidas na essência com as aulas ministradas pelo professor estudado. Pudemos constatar isso em várias falas. Como uso de teoria e prática conjuntamente. Uma das diferenças é que a época do Professor Afrânio se trabalhava com slides e não com notebook e Datashow. E os alunos faziam cópias e não releituras. Como as que são feitas hoje. Pudemos constatar que o professor Evaldo ministra suas disciplinas de uma forma semelhante ao seu professor e mestre Afrânio. Pois podemos observar isso na fala dos alunos do professor Evaldo e se compararmos aos diários de sala de aula do Professor Afrânio a prática é a mesma. Lógico que com algumas mudanças tecnológicas e ao invés de cópias o professor utiliza a releitura.

À medida que os alunos vão descrevendo as aulas podemos perceber o quanto do Professor Afrânio fincou seus conhecimentos no aprendizado dos seus antigos alunos hoje professores do curso de Artes Visuais. Pudemos perceber o quanto da influência do professor no discurso dos atuais alunos. Perguntados sobre:

Entrevistadora - Queria saber a questão do conteúdo da disciplina como é que o Evaldo está trabalhando isso com vocês? Quais são os artistas que o Evaldo costuma mostrar em sala de aula. Quantas vezes vocês tem aula de pintura por semana e aula, no caso também, de gravura? Como trabalha movimentos?

Ele deixa a gente a vontade e ele apresenta várias escolas, vários estilos, apresentam vários pintores, vários quadros, e aí você fica a vontade para escolher ou ele deixa a gente procurar outra coisa para gente possa trazer para sala de aula.

Eu fiz uma pintura De Monet, fiz outra de Van Gogh, é bacana a pintura dele, o trabalho dele.

Na verdade eu usei não foi a acrílica, pegou e fiz com o giz de cera, ele era mais comum para trabalhar com o nosso período de aula, que a tinta óleo, com o giz de cera ficou mais prático e mais rápido fazer.

Desde a história do desenho que foi muito bacana que eu conheci um pouco da história, como surgiu desenho, ele coloca a questão de técnica, como a nanquim, como surgiu o trabalho a técnica de acrílico, e também a óleo, guache, aquarela então todas essas técnicas nós pintamos com o Evaldo. Então nós vimos tudo, além da vanguarda. Nós vimos artistas modernos nossos, do nosso tempo. Contemporaneidade (ALUNO AB. 19. jul.2012).

A pintura ele dá um motivo, a natureza morta uma paisagem, para a gente poder fazer um trabalho prático e logo em seguida ele lança um artista para fazer uma releitura, nunca copiar, a palavra não é esta, mas sim fazer uma releitura de determinado artista. Mas ele pega essa releitura muito pouco, ele quer que a

gente crie em cima daquilo que ele está falando. Aquarela. O óleo, na Pintura II no caso.

Gravura foi três vezes por semana e pintura uma vez por semana, na sexta-feira, começa duas e termina seis. Tem uma sala que foi feita agora, uma sala muito boa inclusive, que eles criaram agora, muito boa tem muito espaço, até para fazer modelo vivo também, isso é muito interessante.

Ele mostra todas as técnicas da pintura, a história da pintura, a história da arte e alguns artistas que ele acha relevante para poder conhecer o que há em cima daquilo. [...] É, de acordo com os movimentos ele tira um para poder notar a influência do artista e tudo. (ALUNO CD. 10. jul.2012).

Ele fala e da muitos exemplos de artistas, isso me lembro de também que ele trabalha a questão de grupo também, mas voltando aqui, ele expõe os artistas e ele mostra também a técnica, o quê que ele usou também, ensina como analisar uma composição, como se deve fazer uma leitura formal de uma composição, isso em uma determinada época ou determinado local do artista (ALUNO GH. 23. Jul. 2012).

Devemos observar a prática metodológica empregada pelos professores e se fizemos comparação com os diários de sala do Professor Afrânio, percebermos o quanto o mestre contribui-o com sua metodologia. Percebemos na fala dos atuais alunos do curso de Artes Visuais da UFPI que ainda hoje os seus professores dão continuidade a prática do professor na sala de aula. E as observações não ficam só na forma de ensinar. Elas vão além. Vejamos o que os alunos relatam sobre a avaliação.

Entrevistadora - Para a questão da avaliação, ele sugere o aluno escolha o que ele quer fazer, por exemplo, o aluno que fazer uma composição de natureza morta, ele que sugere ou de acordo com a tendência que cada aluno demonstra ele vai e escolhe com vocês? Ou deixa vocês escolherem determinado artista? Determinado trabalho? Para fazer determinada leitura ou releitura? Ele faz com que vocês repitam ou, por exemplo, você faz uma composição de uma figura humana, e aí ele acha que aquela composição ficou legal, ele orienta que você refaça aquele mesmo estilo, mudando a coloração? Ou se de uma parte você desenha com carvão ou nanquim? E depois ele pede que você faça aquele desenho com giz de cera ou com outra técnica, pastel, guache, ele orienta dessa forma? Como é que é feita a questão das provas como que o Evaldo está trabalhando essa questão de nota, como é que ele dá a nota, como é que ele faz a avaliação de vocês?

Ele escolhe um determinado tema e pede que agente trabalhe em cima dele para montar a composição ou então ler a composição, entendendo o que ela está passando, não o que o artista quis passar. Isso exatamente, o que o artista passou.

Bom, nem dessa forma, porque a técnica ele deixa bem livre, se foca mais em questão de você poder criar sua própria composição equilibrada, visualmente falando, proporcionalmente.

[...] A gente mostra os exercícios, mas na questão de avaliação não, pelo menos não comigo, eu só veja minha composição corrigida com a nota, tem assim algumas anotações, talvez se você for lá ele fale sim e perguntar ele diga.

Já com o Ribamar eu acho um pouco fraco a questão do conteúdo porque ele basicamente chega à sala de aula e faz os desenhos no quadro sobre perspectiva, ou então sobre natureza ou anatomia humana, e pede para que você repita o que está no quadro e fazer em casa uns 10 a 20 desenhos da mesma forma só que, não da mesma forma, do corpo humano, por exemplo, só que de várias formas, ele não comenta muito sobre isso, ele só chega coloca o desenho e pede para fazer o desenho, não tem muito contato entre aluno/professor e Professor/aluno, já na avaliação ele pede tantos desenhos para você levar e ele observa lá na hora e não comenta apenas da a nota, eu acho isso muito estranho (ALUNO GH, 23. JUL. 2012).

Quando eu peguei outras disciplinas com ele, disciplinas de observação a gente fez a avaliação escrita e tudo, mas a nossa avaliação é feita quase que diariamente, participação porque sempre ele traz exercícios, sempre a gente está fazendo exercício prático, e nossa participação a pintura desses exercícios e tudo sempre está contando, agora nunca assim “vou marcar prova tal” aí faz essa aqui e lá na frente faz outra prova. Está sempre avaliando, porque ele quer ver o aluno motivado para não está parado (ALUNO EF. 17. Jul. 2012).

Todos eles na parte de pintura, nessa parte que envolve mais a arte, a avaliação é feita constantemente em sala de aula, através da produção e da participação do aluno naquela determinada disciplina, Zozilena gosta muito de fazer isso, da à teoria e nós praticamos e na prática ela pega todo o material que foi feito e faz em cima daquilo ali a nossa avaliação, isso é toda aula, a Pollyanna também do mesmo jeito, [...] a fez esse tipo de trabalho de expor, de exposição dos nossos trabalhos em Datashow, foi bacana, porque a gente pode avaliar em que nós estamos errando, [...] a gente ver que realmente que não ficou muito legal e em que precisa realmente de mudança, [...] o Evaldo faz é na hora, ele pega e diz “aqui precisa melhorar nessa área aqui, precisa melhorar nesse ponto aqui, precisa melhorar bem aqui” isso é interessante porque ele vai dando essas dicas. (ALUNO AB. 19. jul. 2012).

[...] Sim, quando a gente termina uma pintura ou um desenho ele sempre dá um toque aqui e acolá, mas nunca fala que está ruim, naturalmente. Ele sempre quer melhorar aquilo que a gente já tem para oferecer, com certeza ele sempre vai melhorar aqui que a gente apresenta lá na aula dele. Individual. Aquele que ele acha mais relevante ele mostra a pintura, tem pintura que não precisa mais nada e ele fala porque não precisa, e aquelas que precisam ele vai mostrar também o que é que o aluno pode melhorar (ALUNO CD. 10. jul. 2012).

A explicação da mudança do curso de educação artística para o curso de artes visuais pode ser vista claramente nas palavras dos alunos. Pois podemos ver que o curso está voltado para a formação de professores especificamente. E os alunos do atual curso de artes visuais deixam nas suas falas esta mudança bem definida.

Até porque a gente tem que corrigir. Agora uma coisa que eu tive conversando com ele, porque eu tive explicando pra ele que o curso na época que ele era professor era um curso híbrido que era pra formar professores, mas que muita gente se sentia formado enquanto artista plástico e que isso hoje o curso tá tentando mudar, tá tentando não, o curso mudou, no projeto político pedagógico já de 2008 isso tá bem enfatizado lá, na questão dos objetivos que o mercado hoje busca tais e tais profissionais e que o artista em si, o bacharel que forma o artista já não tá assim tão focado como era na época, quando o Professor Afrânio é um bacharel em arte, ou seja, um artista, formou-se não pra dar aula, mas pra ser artista e que ele veio pra universidade pra assumir uma função de professor e que ele não tinha essa formação de licenciado, como é que vocês estão trabalhando isso no curso? No depoimento que ela concedeu-me ela responde aos meus questionamentos.

A gente tenta esclarecer, desde o início, que o curso não prevê essa formação assim, na perspectiva das práticas. A gente só vê coisas mais gerais para que o educando quando sair daqui, um profissional, ele possa atuar no ensino lá fora. Tanto no nível básico, quanto no nível médio. E alguns quando saem daqui já

fazem especialização. Já vão direto para as faculdades, eles estão habilitados para ensinar essas generalidades da pintura, do desenho, mas não em um nível como de uma Academia de Belas Artes, claro que não. Porque a nossa ênfase, do nosso curso, tem uma carga teórica do ensino mesmo, da formação do professor bastante grande. Ela é significativa, existem até pessoas que criticam o número de horas dedicadas à didática, à psicologia a uma série de coisas assim... Mas eu acho que para quem vai atuar no mercado de trabalho que nós temos hoje, é necessário. Para quem vai adentrar no Mestrado, como você está fazendo, e que deve fazer o Doutorado em seguida, a gente sente essa necessidade dessas disciplinas de cunho mais teórico e que não são específicas só da prática, do fazer artístico, então, a gente dá uma ênfase à arte como conhecimento, mas arte “como um fazer” e a arte “como uma riqueza cultural” que nos foi legada, então, a gente traz isso para sala de aula, mas sempre lembrando que aqueles que estão ali sendo formado vão sair dali licenciados em Artes Visuais, e, não como artistas. [Eles] podem até sair... Muita gente que entram talentosíssimas, com certeza, eles vão continuar com seus talentos, lá fora. Mas não é a função primeira nossa formar artistas, até porque eu acho que não é esse o papel nosso. O nosso papel seria mostrar que esta é uma licenciatura e mostrar a arte como conhecimento (ALUNA G, mar.2012).

A professora inclusive menciona que eles deixam claro logo na primeira semana de aula que o curso trata da formação de professores, e que por isso, não enfatizam tanto a prática artística, como nos bacharelados. De forma que o aluno, ao concluir o curso, sai com uma formação voltada para o exercício da sala de aula, que permita assumir a sala de aula e ministrar aulas no ensino fundamental e médio. Para que possam ministrar aulas no ensino superior é necessária uma especialização. E ao longo do seu discurso vemos que o curso prioriza a formação do professor de arte ou arte educador.

Tem que ser mais bem trabalhado no aluno, para que ele tenha o interesse em Procurar.

Exatamente, não chegamos lá ainda isso aí é uma caminhada longa, tudo isso precisa de fôlego para isso. Esperamos que os professores de hoje tenham coragem, fôlego e poder de convencimento para fazer com que esse estudante ingressante no curso hoje, possa caminhar com as próprias pernas no caminho da produção de conhecimento, porque a nossa sociedade se acostumou a ver o processo artístico somente como um fazer, e, aí muita gente acha que para fazer arte você não precisa estudar. Arte não é conhecimento para eles. Então, a gente precisa, primeiro, mudar o nosso mundo interior para depois mudar esse outro mundo, tentar mostrar para esse outro mundo que arte é, sim, conhecimento (ALUNA G, mar.2012).

De acordo com a coordenadora do curso de artes visuais da UFPI a caminhada a ser percorrida é longa até que os professores convençam os alunos, no sentido de que produzam conhecimento. Ela enfatiza que o curso vem trabalhando no sentido da formação de professores e produtores de conhecimento em que foca na questão do pesquisador em arte. Os alunos precisam volta-se para as necessidades do mercado de trabalho do Piauí que necessita de licenciados em Artes Visuais.

Isso (eu) noto que era em nível de toda e qualquer licenciatura, mas eu queria que você me falasse um pouco mais como é que você vê esse processo, esse caminhar dentro do curso, de estar deixando de ser um curso focado no bacharelado que era na década de 80, que vai passando mais para a licenciatura, já na década de 90, e, como é que o curso vai caminhando e agora como é que o curso está hoje em 2012, como é que você percebe todo esse trajeto? Porque isso é uma construção vem aos poucos até chegar próximo do que a gente espera, como é que tá sendo? Como é que você ver essa construção do princípio até agora? Como é que está sendo esse passo-a-passo?

Bem, eu digo que estamos em processo de caminhada para essa visão do profissional enquanto professor. Ai, dentro dessa visão do profissional enquanto professor a gente tenta fazer um caminho indo um pouco mais além rumo ao que seria ao professor/pesquisador, e é tanto que nós estamos preparando a acolhida desse semestre agora que é o Seminário de Introdução ao Curso, todas as palestras que vão ser feitas vão focar na pesquisa em arte, tanto a pesquisa em arte Música, quanto a pesquisa em Artes Visuais, por quê? Porque nós a consideramos que essa visão aí deve ser regada, essa sementinha deve ser regada desde logo, desde sempre. Então os meninos que vão entrar na segunda-feira para assistir aula do Seminário de Introdução ao Curso, eles vão assistir durante a semana inteira, eles vão assistir uma palestra sobre pesquisa em Música, pesquisa em Artes Visuais, a ação do PIBID¹⁶, a ação do PIBIC¹⁷ dentro da universidade. Então, todas essas informações envolvem o professor de artes e o estudante de arte para que ele se veja dentro do processo de ensinar, de aprender e de pesquisar que a universidade é isso: ensino, pesquisa e extensão. Então, a gente tenta mostrar isso desde logo para essa turminha que está chegando, para que eles se conscientizem e para uma das primeiras coisas que eu vou falar para eles como coordenadora do curso de visuais, dizer que eles não vão sair de lá artistas porque não é o perfil profissional que prevê o projeto pedagógico nosso. O que ele vai sair... Qual o seu título: licenciado em artes visuais. Então a primeira coisa que eles vão saber, seria dentro da carta de boas vindas, dentro da acolhida que nós vamos oferecer a eles, nós vamos mostrar isso, logo de início, direcionando logo para a formação do professor e do professor-pesquisador (ALUNA G, mar.2012).

Os Cursos de Licenciaturas das Universidades brasileiras tendem desde a lei 9393/96 a optar pela pesquisa e os dois programas de Iniciação à Docência e Iniciação Científica prepara os alunos das graduações a tornarem pesquisadores e através destes programas produzirem conhecimento. Os alunos que hoje desenvolvem projetos dentro destes programas logo passam nas seleções de mestrados das Universidades. É o caminho mais rápido para uma formação de professores inclusive de ensino superior. Pois, o que tem início na graduação só vai sendo cada vez mais incrementado. E para as universidades é interessante esta formação que se fortifica e resultam no ensino, pesquisa e extensão. Um tripé que alavanca o conhecimento e a produção de conhecimento. Todo o tripé sustenta a formação de professores.

¹⁶ PIBID: Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência

¹⁷ PIBIC: Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica

A professora não vê isso como uma mudança, e sim, como uma transformação. Vejamos o que nos relata:

Eu nem diria mudança, que mudança é quando tem uma diferença muito pouca, como eu vejo que essas coisas estão acontecendo assim a passos largos eu já me atreveria a dizer que existe aí um processo de transformação, porque quando a aprendizagem ela se efetiva, então, existem mudanças na nossa cabeça que quando acontece o processo de internalização há transformação real ela acontece, e, a educação não é uma coisa para o futuro, a educação no momento que você aprende, ela é imediata (ALUNA G, mar.2012).

Como as mudanças estão se processando rapidamente elas estão sendo consideradas dentro do curso como transformação. Inclusive o curso de Artes Visuais está pretendendo iniciar um mestrado e, para isso, os professores envolvidos procuram desenvolver um projeto. Vejamos o que nos relata a professora:

Nós estamos trabalhando já. Nós fizemos a primeira reunião para ver se agente cria aqui, estabelece o mestrado em arte.

Não, a gente quer um mestrado em arte voltado a absorver um público que está formado, a gente sabe que existe uma demanda, tanto da Música, quanto da Moda, quanto das Artes Plásticas. Então, a gente tem três grandes filões, até o pessoal da própria História que quer trabalhar com arte pode se inserir nele. A gente quer um mestrado que seja interdisciplinar, e também que dê condições de outras profissões trabalharem pesquisas articulando como as suas áreas com as nossas. É isso que nós queremos. A gente já começou, já temos o aval do Reitor. Ele já colocou um documento dizendo os professores que estão trabalhando nesta equipe para montar o mestrado (ALUNA G, mar.2012).

Com o advento deste Mestrado em Artes Visuais, o curso terá pessoas capazes de assumir o ensino superior hoje nas formas exigidas pela LDB. Vez que o próprio curso ainda mantém nos seus quadros professores especialistas e até graduados. Se compararmos com o Curso de Educação Artística em que nos seus primórdios a maioria dos professores só possuíam curso em nível de graduação ou, no máximo de especialização. Pois como não era exigido os professores não procuravam qualificação. Como o curso de Mestrado multidisciplinar que aceitará alunos/formandos de cursos de licenciatura variados. Mas especificamente os arte educadores, historiadores e bacharéis em Belas Artes que geralmente são alunos mais focados no estudo da semiótica, uma vez que a maioria dos professores que ministraram aula no mestrado são dessa área. Professora Zozilena e Professor Adailton.

Zozilena é NUPEAC. Professora como é que tá o curso hoje assim não só a questão da formação, mas como é que tá sendo? Modificou muito desde a época do Professor Afrânio, melhorou? Porque a gente sabe que hoje tem um número consistente de mestres e doutores no curso que naquela época quase nenhum professor tinha mestrado eram só professores só licenciados ou bacharéis

que entraram na licenciatura, ai hoje não já tem mais professores voltados pra área com suas delimitações específicas dentro da semiótica, como o caso da Professora Zozilena, você na parte de ensino, de educação e o Adailton que trabalha com cultura e semiótica também. Então o quadro, por exemplo, no nível de professores enquanto formador, esta excelente né? Vejamos a professora nos diz:

Eu não diria excelente.

Houve um aumento das especializações, de pós-graduação. Então nós temos como você já falou, nós temos bastante pós-graduados, nós esperamos que seja mais. Ele já foi mais variado, nós já tivemos em nosso quadro Artes Industriais, era junto com Comunicação Social, professores da comunicação social, da Filosofia... Não que isso seja ruim. Eu acho que essas variações de professores contribuem para visões diferenciadas, e essas visões diferenciadas eu acho que elas são extremamente válidas, porque elas enriquecem. Mas a gente também tem que ver essas outras influências de outros professores de outras áreas de conhecimento que não estão, necessariamente, no ensino da arte, de certa forma criava... Assim certo ruído, porque eles não eram professores específicos da área. Ai, os direcionamentos nem sempre eram conduzidos para essa visão que a gente hoje vê mais claramente. Então, hoje foi diminuído isso. E teve um acréscimo dessas pós-graduações. Mas eu espero que seja comum o mestrado. Há professores que ainda não tem, porque nós ainda temos professores que ainda não tem mestrado. É necessário que esses professores se insiram e consigam seus *upgrades* e prossigam no doutorado e no pós, porque cada professor que sai e que volta para melhorar o curso eu acho que isso faz com que o curso cresça, e se engrandeça. Com um curso desse, cada estudante nosso que sai e que vai fazer doutorado e que tem um destaque lá fora, isso ai é de certa maneira é uma forma da gente se fortalecer. Eu entendo assim (ALUNA G, mar.2012).

A professora e coordenadora do curso de artes visuais da UFPI nos diz que houve aumento de professores com pós-graduações o que antes não existia tanto. Hoje o quadro já não é tão vasto em profissionais que vinham de outras áreas. Os professores são oriundos de uma formação em arte. As pós-graduações trazem um upgrade ao curso e fortalece a pesquisa o que é um dos objetivos do currículo do curso. Perguntei a professora: Houve uma grande mudança inclusive no nível de ensino, da prática do ensino, a prática pedagógica foi mais, digamos, enfatizada, a parte prática foi um pouco diminuída? Ela respondeu que:

Eu diria não diminuída, mas hoje a gente tem a prática aliada a uma teoria, que essa teoria a gente tenta dar um caminho mais pro lado da pesquisa e o mais cedo logo trazer esse estudante nosso pro campo da pesquisa, ou no PIBID ou no PIBIC, seja num campo desses, a maioria dos monitores eles fazem pesquisa, eles tem que produzir um relatório, eles tem que produzir um artigo a gente sempre tenta, junto com a prática deles, ótimo que eles saibam, mas que eles saibam também aplicar aqui o que estar posto, e Procurar outras coisas, porque não? Eu acho que o conhecimento esta ai pra gente lançar mão dele e ai tentar fazer com que essa prática de pesquisar faça par com o ensinar e o aprender a arte, então o estudante sai daqui com uma visão que não obrigatoriamente tem que seguir rigorosamente aquilo que estar posto lá fora, ele já pode pesquisar também e propor coisas que não estão postas ai ainda, eu acho que isso coloca o estudante não só na condição de passividade, nessa coisa de aceitar muito que já esta aí, mas numa condição mais ativa produtiva de conhecimento (ALUNA G, mar.2012).

Além dos Programas do PIBIC e PIBID, dentro da graduação os alunos precisam no final do curso apresentar um trabalho de pesquisa que é intitulado de TCC (Trabalho de Conclusão de Curso). Que é uma das conquistas da nova LDB 9394/96 que traz a pesquisa como uma das novidades a ser exigida nos cursos.

E hoje uma grande diferença que eu vejo, porque antigamente não tinha o TCC e hoje o aluno licenciado em artes visuais precisa defender o TCC dele, e o TCC é pesquisa, então a pesquisa esta muito presente desde o começo até o final e no final mesmo é que ela se mostra mais potente que é quando ele tá ali pra defender a sua ideia, a questão problema.

Exatamente, numa dessas questões que eu diria que seja um fator preponderante e que vai mostrar essa diferença que ela esta posta lá no projeto pedagógico do curso é o TCC, e aí a gente já tem estudante que já estão no quinto período, mas já participa do PIBID, do PIBIC ainda não, só os que estão mais no final, saíram os alunos a Zozilena tinham alguns estudantes, quatro ou seis que já fizeram apresentações na semana de artes, a nossa semana de artes ela não foi só mostras de exposições, ela foi exposições, palestras dos professores e palestras dos pesquisadores, dos meninos que são estudantes que fizeram pesquisa no PIBIC e que apresentaram trabalhos lá, então pra mostrar pro outro que arte não é só “este fazer”, mas é também “este conhecer”, agente tem trabalhado com afinco pra mostrar para os outros, pra tentar evidenciar e conscientizar, talvez seja essa a palavra mais exata, conscientizar o nosso corpo discente de que ele precisa pensar também, ele precisa “saber fazer”, ótimo, mas junto com esse “saber fazer” tem o “fazer conhecer” (ALUNA G. mar.2012).

Hoje mais que nunca temos a pesquisa que vem sendo incutida através dos currículos nos cursos de graduação e de acordo com as novas leis das diretrizes e bases da educação é que ela veio com força total sendo exigida na formação de professores em todos os cursos de graduação. A professora Doutora define o curso de artes visuais hoje como um curso em implantação, pois o mesmo estar constantemente sendo reformulado com intuito de melhorar. Vejamos a sua descrição.

É um curso que está em fase de implantação a gente não pode dizer taxativamente ou traçar coisas com certezas, mas até em que a gente tem a nossa proposta pedagógica já nesse momento precisa ser reformulada porque a gente já detectou já muitas incongruências na nossa matriz curricular e a gente precisa reunir o quanto antes os professores ainda nesse semestre pra fazer esses reparos, e como toda coisa que se faz hoje, sempre, a gente tem que se ver flexível, tem que ser um curso que a gente tem que detectar, estudar ver o que esta funcionando aqui pra levar em frente um pouco mais e o que não esta funcionando a gente fazer os acertos e continuar o nosso trabalho pra que funcione melhor, mas como a gente não formou a primeira turma não sabemos ainda como realmente estamos, por isso nós vamos fazer um provão simulado agora, ainda esse mês, pra gente tentar sondar quais são as nossas fragilidades do campo dos conhecimentos gerais de arte, do nosso corpo discente, então tanto na música, quanto nas artes visuais a gente vai tentar fazer esse provão esse mês pra que no outro mês a gente faça uma reunião mostrando a eles quais são as fragilidades e quais são os pontos que nós estamos mais ou menos razoáveis, então, tentar fazer isso com a máxima transparência possível pra tentar melhorar tanto do lado de lá, do corpo discente, quanto do lado de cá, do corpo docente, quais são as disciplinas que tem mais repetência, que tem mais evasão a gente tá tentando ver essas coisas aí (ALUNA G, mar.2012).

O curso de Artes Visuais com o currículo de 2008 ainda não formou nenhuma turma e por este motivo os professores estão fazendo um teste avaliativo

para terem certeza se as mudanças feitas para atenderem a formação de professores estarem sendo suprida. Embora já sintam que precisam reformular novamente o currículo. Pois a vida assim como o curso requer mudanças rápidas e evolutivas e os meios de informação e as próprias tecnologias trazem mudanças que podem enriquecer a formação. Precisam avaliar as fragilidades e procurar melhorar tem de procurar suprir problemas com evasão de disciplinas e repetências. A professora nos falou o que precisam mudar o mais rápido.

Uma das coisas que nós temos que mudar rápido é a ementa de algumas disciplinas, como é o caso da História, nós precisamos mudar ementa pra uma coisa que a gente sentiu uma necessidade que é trazer para a sala de aula mais elementos das heranças afrodescendentes e indígenas, porque tá muito pouco, e a lei, mas só a lei não quer dizer nada, só a lei não garante nada, a gente quer que seja realmente efetivo, que essa coisa aconteça que as pessoas realmente aprendam e percebam melhor essas mudanças no dia-a-dia, porque é uma forma também da gente tentar fazer com que o respeito e a ética ampliem mais, porque o que a gente vê, é que existem muitos estereótipos quanto essas questões afrodescendentes, uma das funções da arte seria produzir essa mudança de significado de leitura de mundo e também de valoração desse fato e um débito que o brasileiro tem pra com o nosso passado, eu como afrodescendente me vejo nessa condição de tentar promover, pelo menos minimamente, tentar fazer que isso aconteça, não só no papel, mas que aconteça efetivamente. A outra mudança é tentar trazer professores, agora isso já foge da nossa alçada que é fazer a contratação de novos professores nós temos muitas disciplinas que estão descobertas, atualmente nós não podemos oferecer grande maioria das disciplinas optativas por falta de professor específico, então essa é uma das grandes lutas que nós temos que enfrentar a partir desse semestre, a gente já teve encontros com a Pró-reitora, mas em função desse período de eleição que se aproxima as coisas vão ficando cada vez mais difícil, então a gente fica numa condição de atender aos estudantes, a gente tenta melhorar o curso, mas aí a gente se depara com a burocracia, que a conjuntura ora se apresenta, fica difícil muito difícil (ALUNA G, mar.2012).

Uma das mudanças que devem ser feitas é a implantação de maior conteúdo de elementos da herança afrodescendentes e indígenas. Pois, estes povos estão ligados culturalmente a nossa formação ética e quase não são trabalhados mesmo com a Lei das Diretrizes e Bases do Ensino 9394/96. Pois precisamos trabalhar a arte destes povos que contribuíram e enriqueceram a história da arte do Brasil. São contribuições que precisam ser mais bem trabalhadas e a LDB já solicitava e precisamos tirar do papel e colocar na prática efetivamente.

Embora no departamento de Artes Visuais tenha a professora Lúcia Couto que orientava uma aluna sua que faz estudo com grupo de indígenas, pois a aluna retrata seu povo e sua arte no trabalho. São pequenos avanços que precisam ser ampliados e consequentemente difundidos.

No final do nosso depoimento perguntei a professora se teria algo a acrescentar a respeito do curso de artes visuais hoje? Ela nos fala de um projeto de uma revista eletrônica do departamento de Artes Visuais. Vejamos o que nos relata sobre a revista.

Nós temos uma revista que estamos em processo de criação, a gente quer que até o meio do ano ela aconteça, ela vai ser uma revista eletrônica e também no papel, mas a gente quer que ela seja mais eletrônica mesmo, porque fica mais rápido da gente fazer a divulgação tudo fica mais ágil, eu acho. A gente vê se consegue fazer a escola modelo, que é a escola de aplicação, que é uma das formas que eu vejo de uma maior conscientização e também até de um link com a comunidade e tentar adentrar e aprimorar no campo da pesquisa cada vez mais é por aí que eu vejo que as coisas devem caminhar (ALUNA G, mar.2012).

São mudanças tecnológicas que devem ser implantadas para divulgar os trabalhos feitos dentro do curso de artes. As novas tecnologias devem andar dentro do curso para que possam atualizar a comunidade universitária ou não aos ao que acontece no Curso de Artes Visuais nas modalidades de ensino pelo curso ofertado.

As mudanças derivadas da nova LDB 9394/96 fazem com o curso de licenciatura nas diferentes linguagens artísticas previstas na Lei, acarretam em mudanças relativas ao reconhecimento da arte dos povos africano e indígena. Além de todas as mudanças sofridas temos as modificações maior realce que revolucionam o currículo do Curso de Artes Visuais, nome dado ao antigo curso de Educação Artística.

As considerações relativas à trajetória híbrida do curso de Educação Artística da Universidade Federal do Piauí são a seguinte nos primórdios do curso no final da década de 1970 adentrando na década de 1990 observamos que o curso era realmente um curso de licenciatura, mas com formação de licenciados e bacharéis. Isso porque o próprio currículo não diferenciava o curso de licenciatura do bacharelado. Uma vez que a formação básica era focada na teoria e prática e não havia uma separação da mesma. O aluno formava-se em licenciatura, mas toda a sua formação artística era para o bacharelado. Formava-se professor, entretanto, saía, tendenciosamente, mais artista plástico. A formação era voltada para o bacharelado em artes plásticas. A mudança vai ocorrer em 1996 quando do advento da nova LDB, 9394/96, só a partir dali é que começam a focar a formação de professores mais efetivamente. Aliás, falemos que não era só o curso de Educação Artística que sofre com este problema é a graduação como um todo. Todas as áreas de licenciatura não eram focadas na formação de professores. Pelo contrário os alunos eram formados para bacharelado e só se apercebiam que eram professores quando se encontravam na prática de ensino em que era levado as salas de aulas para ministrarem aulas como professores que seriam. Durante duas décadas e meia viveu-se na pele este problema de formação de professores no Brasil.

Dentro dessa formação híbrida vamos ver que o curso de educação artística durante um longo período priorizava a formação híbrida dos alunos que embora licenciados em arte saíam achando que eram artistas plásticos. Essa prática terminava por criar um conflito na cabeça dos alunos que não sabiam na verdade o

que eram e, portanto muitos terminavam por não seguir no mercado de trabalho como professor nem como artistas e ficavam só com curso superior que não servia efetivamente. E partiam para outra opção de mercado de trabalho. Alguns partiam para outro meio de vida. Incongruências de um mercado de trabalho. Na atualidade o currículo ficou voltado para a formação de professores na totalidade.

A prática docente do curso de educação artística da Universidade Federal do Piauí formou entre outros antigos alunos alguns artistas plásticos com seus ateliês, na sua maioria professores sendo que entre os professores temos divisões de professores: magistério superior, professores de ensino fundamental e médio, alguns se tornaram técnicos em artes e ainda alguns que não seguiram a profissão e exercem outras profissões que não tem nada a ver com as artes. Todavia o curso com a mudança de nome para Licenciatura em Artes visuais esta preparando exclusivamente com ênfase no mercado de trabalho do Estado do Piauí que visa a formação de professores para atender a demanda do Ensino Fundamental e Médio nas escolas municipais, estaduais e particulares de Teresina e no Estado do Piauí como um todo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Defino como brilhante a ideia de nós professores escrevermos sobre a vida de outros professores que nos anteciparam no magistério. Pois, é sabido que ninguém passa na vida sem a figura de um professor. Dai concluirmos a importância do ser professor para a vida dos profissionais de um país sério que efetivamente invista na formação do seu povo. Os professores António Nóvoa, Elizeu Clementino de Souza, Ana Chrystina Venâncio e outros que anteciparam a escrita de história de vida de professores. As suas narrativas e vivências nas salas de aulas em Portugal e no Brasil. Plantaram a semente, a ideia de escrevermos sobre professores. E a tantos outros pesquisadores que como Éclea Bossi anteciparam na escrita de histórias de vida ainda que não de professores, mas que nos antecederam nesta prática de narração da vida de outrem.

Com o estudo da história de vida do artista professor Afrânio tomamos consciência do ensino de arte da UFPI de como era à época do professor Afrânio e das mudanças sofridas ao longo das décadas até o proposto com o currículo de 2008. Pós aposentadoria do professor Afrânio. Constatamos a importância de realização deste estudo para conhecermos a realidade da formação em Educação Artística hoje Artes Visuais no Piauí.

Este trabalho nos mostra que a trajetória do Artista Professor Afrânio que se dedicou a pintura a mais ou menos 54 anos e a sala de aula por mais ou menos 21 anos.

A conclusão deste trabalho é que o Professor Afrânio realmente gostava de ministrar aula bem como de ser pintor. E que ele conseguia juntar as duas profissões de artista e professor. Observamos que o Professor Afrânio conseguiu como poucos, juntar a sua atuação de professor e de artista. Conciliou e levou adiante. Ele pesquisava, embora, não escrevesse a respeito das pesquisas feitas. Mas seus trabalhos são o fruto da sua pesquisa.

Concluimos que quando começa a se firmar como professor. Começou a ver o quanto o artista vai se destacando em sala de aula. As suas aulas e a repercussão que elas têm junto a outros alunos. Assim vai se firmando professor. A sua forma de ministrar aula nos espaços ao ar livre contribuem para que os alunos queiram assistir aulas com ele. Percebemos a contribuição do artista e Professor Afrânio Pessoa Castelo Branco no campo educacional do Piauí. A construção de sua metodologia em sala de aula foi bem aceita que ainda hoje pudemos percebê-la na descrição que os alunos fazem dos seus professores no curso de artes visuais. Os antigos alunos copiam senão na totalidade a forma como o professor lecionava e

a sua forma de avaliar. São as características mais marcantes da passagem do Professor Afrânio pelas salas de aula da UFPI.

É possível constatar que, ainda hoje os conhecimentos que os antigos alunos do Professor Afrânio adquiriram em suas aulas é repassado aos que hoje ensinam. É frequente, também presentemente, o velho Artista Professor ser lembrado nas aulas ministradas por seus antigos formandos.

O artista e auto relato de Afrânio sobre sua prática docente descrevendo sua forma de ministrar aula. Todavia não podemos nos esquecer do próprio auto relato do Professor Afrânio sobre a sua experiência como professor durante os anos de 1980 a 1990, ou seja, durante duas décadas à frente de disciplinas como **Oficina de Pintura, Técnica de Expressão e Comunicação em Visual II e Feca Plástica** só para referir algumas das disciplinas, muitas, ministradas pelo professor, ao longo dos vinte anos que trabalhou no Departamento de Educação Artística da UFPI.

O Professor Afrânio nos fala da sua trajetória de vida e é enfático quando narra sua vida artística e a vida como professor da UFPI. Fala um pouco da experiência em ser artista e diz que deu pra conciliar as duas profissões.

Outra conclusão que chegamos sobre a passagem do Professor Afrânio pelo curso de educação artística é que à época mesmo formando hibridamente, ou seja, formando artistas e professores ainda assim o professor deixa a sua marca nos alunos do curso mesmo aqueles que se tornaram artistas e não professores. A marca fica registrada nos seus desenhos e na influência que o professor manteve ou mantém ainda nos trabalhos de alguns destes antigos alunos hoje artistas plásticos. Pudemos observa isso nas palavras de alguns colegas professores e nas falas de alguns antigos alunos.

As considerações relativas à trajetória híbrida do curso de Educação Artística da Universidade Federal do Piauí são a seguinte nos primórdios do curso no final da década de 1970 adentrando na década de 1990 observamos que o curso era realmente um curso de licenciatura, mas com formação de licenciados e bacharéis. Entretanto, conclusão que com o advento da LDB (Lei das diretrizes e Bases da Educação), necessitamos reformular os currículos e abandonamos a formação anterior onde se formava professores de arte com formação de artistas. E passamos a formar arte educadores na essência. Pois, de acordo com o mercado de trabalho do Piauí necessitamos de professores capacitados para lecionar no ensino fundamental e médio. Sendo que a formação vai aos poucos sendo realizada e com o advento do currículo de 2008 da Universidade Federal do Piauí é que percebemos que as mudanças propostas na LDB Lei 9394/96 estão sendo

implantadas e que em breve a formação de professores atenderá ao mercado de trabalho do estado.

Concluimos que a contribuição do Professor Afrânio Pessoa como artista e professor do Curso de Educação Artística da Universidade Federal do Piauí é notória. E quase todos os seus antigos alunos de uma forma ou de outra utilizam o que aprenderam com professor e transmitem este aprendizado para seus alunos hoje. Entretanto cabe ressaltar que entre todos os alunos aqui mencionados os que mais receberam influências do Professor Afrânio especificamente na forma como ministram suas disciplinas hoje são professor Evaldo Oliveira e pudemos observar o seu modo de lecionar chega muitas vezes a confundir-se com o do Professor Afrânio. Vejamos a resposta de um atual aluno do curso sobre os gêneros de pintura mais praticados em sala de aula.

Ele sabe prender o aluno naquilo que o aluno está precisando. Eles (alunos e professor Evaldo) praticam mais o gênero de natureza morta e paisagem (ALUNO CD. 10. jul.2012).

Mas durante todo o diálogo mantido com todos os atuais alunos do curso de Artes Visuais e observando os diários de sala de aula, pude constatar que a prática em sala de aula dos professores do curso de artes, especialmente dos professores que foram antigos alunos do Professor Afrânio, que a prática é na essência influência das aulas do Professor Afrânio. Sendo que os alunos que mais influências receberam e que a deixam transparecer retire este sublinhado são os professores Evaldo Oliveira, Isalina Cortez inclusive a ultima relata sua prática docente. A professora doutora Pollyanna Coêlho também deixa escapar a influência sofrida pelo Professor Afrânio, mas em menor intensidade. Mas esta influência como uma colega professora Alcília Afonso explica, também é sentida, sobretudo nas artes plásticas do Estado do Piauí, pois como pudemos notar o Artista Professor formou uma geração de professores e artistas no espaço de tempo que esteve lecionando (ministrando) aulas no curso de Educação Artística da Universidade Federal do Piauí.

Podemos afirmar que o Artista Professor Afrânio Pessoa Castelo Branco é um divisor das artes plásticas no Piauí, especialmente na sua Capital, Teresina, pois se observarmos as artes plásticas antes do Professor Afrânio, elas eram restritas a algumas poucas pessoas.

Além de conhecermos todo o percurso trilhado por alunos e professores para ao longo de três décadas firmarem o curso de artes perante a sociedade. Tudo mostrado desde os primórdios do curso, onde alunos de ontem tornam-se professores de hoje e que dão sequência com mudanças ao curso por onde muitos

professores inclusive professor Afrânio deixou sua contribuição ao longo dos 21 anos nos quais lecionou na UFPI.

O auto relato do artista e professo Afrânio sobre sua pratica e a respeito de ser estudado e questionado o reconhecimento acerca do seu trabalho e da importância para a educação e para artes.

Eu me sinto lisonjeado também, por ter uma pesquisadora, uma interlocutora como você, porque é muito raro, eu sou arredio a falar com os jornalistas porque eles sempre perguntam onde eu nasci, o quê que diz os críticos eles nunca vão na profundidade, nunca dissecam o trabalho pra mim, você não, perguntou aquilo que tem de mais íntimo que esta no meu âmago, eu também lhe agradeço (PESSOA, 07.mar.2012).

Não há como negar que ele influenciou e ainda influencia as artes plásticas em Teresina e também na forma de ensinar arte nas escolas e instituições de ensino superior da referida cidade. Sua contribuição é mais forte na pintura quando ultrapassa as fronteiras do Piauí. Entretanto, aqui fica nos depoimentos de colegas professores e antigos alunos professores e ou artistas plásticos a importância de Afrânio e sua contribuição nos dois campos abordados no trabalho aqui encerrado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. (Org.). (2008). **Educadores sul-rio grandenses: muita vida nas histórias de vida**. Porto Alegre: EDIPUCRS.
- ARÊA LEÃO, A.M.B. de. (2007). **A Figura Humana e a Obra de Hostyano Machado**. Teresina: Instituto Camilo Filho. Trabalho de Conclusão de Curso de Artes Visuais, com Habilitação em Pintura. (79 fls).
- BAFFI, Maria Adélia Teixeira. (2002). "Projeto Pedagógico: um estudo introdutório." *In: Pedagogia em Foco*. Petrópolis: Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.pedagogiaemfoco.pto.br/gppp03.htm> Acesso em: 4 de junho de 2012, às 12h:10m.
- BAHIA, Sara. (2009). "Especificidades da formação de professores de artes e de humanidades." *In: Revista de Ciências da Educação*. n.8. Disponível em: <http://sisifo.fpce.ul.pt> Acesso em: 22 de agosto de 2011, às 21h:45m. (p.101-112).
- BARBOSA, Ana Mae. (2008). **Cultura, Arte, Beleza e Educação**. Disponível em: www.futura.org.br/...de.../FileDownload.EZTSvc.asp? Acesso em: 27 de maio de 2011, às 20h:14m.
- BARDIN. Laurence. (1977). **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70.
- BERGMAN, Ronald. (2010). **Ismos para entender o cinema**. São Paulo: Editora Globo.
- BECKETT, Wendy. (1997). **História da Pintura**. 1ªed. São Paulo: Editora Ática.
- BENETTI, Alfonso. A Experimentação na pedagogia da pintura: um estudo desenvolvido em ateliê. *In* CORRÊA, Ayrton Dutra. (org.). (2004). **Ensino de artes: múltiplos olhares**. Ijuí: Editora Unijuí.
- BOFF. Leonardo. (2011). **Quarenta anos da teologia da libertação**. Disponível em: <http://leonardoboff.wordpress.com/2011/08/09/quarenta-anos-da-teologia-da-libertacao/>. Acesso em 16. mar.2013. às 23h:54m.
- BORGES, Livia F.F. "Um Currículo Para a Formação de Professores." *In*: VEIGA, Ilma Passos Alencastro e SILVA, Edileuza Fernandes da. (Orgs.). (2011). **A Escola Mudou. Que mude a formação de Professores!** 3ª. ed. São Paulo: Papirus Editora.
- BOSSI, Éclea. (1994). **Memória e sociedade lembranças de velhos**. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras.
- BOURDIEU, Pierre. A Ilusão Bibliográfica. *In* AMADO, Janaina e FERREIRA, Marieta de Moraes. (Org.). (2006). **Usos & abusos da história oral**. 8ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV. Fundação Getúlio Vargas.
- CASCUDO, Luís da Câmara. (2001). **Dicionário do folclore brasileiro**. 3ª ed. São Paulo: Global Editora.

- CAVACO, Maria Helena. Os primeiros tempos da profissão: a insegurança e a sobrevivência. In NÓVOA, António. (Org.). (2008). **Profissão Professor**. Porto: Porto Editora. pp.162/168.
- CHILVERS, Ian. (2001). **Dicionário Oxford de Arte**. Tradução Marcelo Brandão Cipolla. 2ª. ed. São Paulo: Martins Fontes.
- COELHO, Pollyanna Jericó Pinto. (2003) Panorama das Artes Plásticas no Piauí. In SANTANA, R.N. Monteiro de. (Org.). (2003). **Apontamentos para a História Cultural do Piauí**. Teresina: 1ª ed. Fundação de Apoio Cultural do Piauí, FUNDAPI.
- _____, Pollyanna Jericó Pinto. (2008). **Tear identitário**: a prática docente em arte como conhecimento partilhado. Natal: UFRN/Biblioteca Setorial do CCSA Divisão dos Serviços Técnicos. (Tese doutoral em Educação. 493 fls).
- CORRÊA, Helga. Relações entre a trajetória do artista e do professor de Artes Plásticas no ensino da Arte em nível universitário. In CORRÊA, Ayrton Dutra. (org.). (2004). **Ensino de artes: múltiplos olhares**. Ijuí: Editora Unijuí.
- COSTA, Maria Cristina Castilho. (1993). **Introdução à ciência da sociedade**. São Paulo: editora Moderna.
- Culturaelendaspiauienses. Disponível em:
http://www.teresina.pi.gov.br:8080/semdec/cultura_lendas.aspiauienses.
Acesso em 01. dez. 2010. às 21:58:00.
- SOUZA, Eliseu Clementino de e MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio. (Orgs.); PACHECO, Dirceu Castilho,. [Et al.]. (2008). Histórias de vida e formação de professores: pontos iniciais. In: **História de vida** e formação de professores. Rio de Janeiro: Quartet Editora & Comunicação Ltda.: FAPERJ.
- DIAS, Maria de Fátima Martins e COSTA, Maria Helena Ferreira da. (2005). **Afrânio Pessoa**: Análise da atual fase do artista. Teresina: Instituto Camillo Filho.
- DOMINGUEZ, Pedro Cortizas. (1969). **Arte nos Séculos. Da pré- história ao classicismo**. São Paulo: Abril Cultural.
- ESTRELA, Maria Teresa. (2010). **Profissão Docente Dimensões Afectivas e Éticas**. Porto: Areal editores.
- FARTHING, Stephen. (2009). **501 grandes artistas**: um guia abrangente sobre os gigantes da arte. Tradução de Marcelo Mendes e de Paulo Polzonoff. Rio de Janeiro: Sextante
- FERRARI, Márcio. (2011). **Paulo Freire**: o mais célebre educador brasileiro, autor da pedagogia do oprimido, defendia como objetivo da escola ensinar o aluno a 'ler o mundo' para poder transformá-lo. Disponível em:
<http://educarparacrescer.abril.com.br/aprendizagem/paulo-freire-300776.shtm#> Acesso em 5 de Fevereiro de 2013, às 10h:50m.

- FERREIRA, Haydée. (2011). Jeito de Viver. **Vernissage Afrânio Pessoa**. <http://haydeeferreira.blogspot.com/2011/03/afranio-pessoa-castelo-branco.html> Acesso em 03. set. 2011. 10.set.2011, às 22h:10m.
- FONTES, Carlos. **Sobre Currículo**. Disponível em: <http://educar.no.sapo.pt/curriculo.htm> Acesso em: 13.jul.2011, às 13h:15m.
- FREIRE, Paulo. (1996). **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários a prática educativa. 31ª ed. São Paulo: Editora Paz e Terra.
- _____, Paulo. Disponível em: <http://educarparacrescer.abril.com.br/pensadores-da-educacao/> Acesso em: 05. fev.2013, às 14h:20mR
- _____. (2006). **Coleção Paulo Freire**. Educação. DVD. Belo Horizonte: ATTA/edic.
- GODINHO, Arlete Soares. (2010). **A Pintura Moderna no Piauí**. Teresina: Instituto Camillo Filho.
- _____, Arlete soares. (2011). **A Pintura Moderna no Piauí. A influência de Afrânio Pessoa**. Teresina: Revista Cidade Verde. pp.76-79. Ano 01. Edição 010.
- HANSEN, Karl Heinz. (1956). **Primeiro Encontro com a Arte**. Pequena introdução ao estudo das artes plásticas. São Paulo: Edições Melhoramentos
- KELLER, Helen. (2002). **Três dias para ver**. Disponível em: <http://www.cerebromente.org.br/n16/curiosidades/helen.htm> Acesso em: 05.fev. 2013, às 23h:40m.
- KUEHN, Frank. (2004-2005). **Theodor W. Adorno: “Um clássico”?** Atualidade e relevância do pensamento para a musicologia brasileira. Cadernos do colóquio. Disponível em: http://www.academia.edu/608431/THEODOR_W._ADORNO_UM_CLASSIC_O_A_atualidade_do_pensamento_adorniano_para_a_musicologia_brasileira_Some_relevant_aspects_of_Adornos_thought_for_the_Brazilian_musicology_ Acesso em 15.jan.2013, às 10h:10m.
- Lei 9394, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm Acesso em: 13.out.2011, às 09h:05m.
- LEONE, Carlos. (2010). **Agostinho da Silva**. Disponível em: <http://cvc.instituto-camoes.pt/conhecer/bases-tematicas/figuras-da-cultura-portuguesa/1395-agostinho-da-silva.html> . Acesso em 10.fev.2013, às 23h:55m.
- LOPERA, José Alvarez e ANDRADE, José Manuel Pita. (1995). **História geral da arte**. Pintura I. Rio de Janeiro: Edições Del Prado.
- MACEDO, Roberto Sidnei. **Compreender/ mediar a formação: o fundante da educação**.(2010). Brasília: Liber Livro Editora.
- MANABU, MABE. Site Oficial. Disponível em: <http://www.mabe.com.br/index.php> Acesso em 12. jan. 2012, às 18h:06m.

- MARCEM QUES, Luiz Fernando. (1998). **Dicionário de Termos Artísticos. Equivalência em Inglês, Espanhol e Francês Mais de 3300 verbetes.** Rio de Janeiro: Edições PINAKOTHEKE.
- MAYER, Ralph. (2006). **Manual do Artista.** De Técnicas e Materiais. 3ª ed.: São Paulo: Martins Fontes.
- MEDEIROS, Cristina Carta Cardoso de. (2009). **A formação de professores e a teoria sociológica de Pierre Bourdieu: interface possível para pesquisas em Educação.** CONTRAPONTO – Volume 9 nº 2 – p. 3 - 16 - Itajaí, mai/ago.
- MONTERADO, Lucas de. (1978) **História da Arte; Com apêndice sobre as artes no Brasil.** 2ª ed. Rio de Janeiro: Livro Técnico e Científico.
- MONTEIRO, Arlinda. Bairro Memore. A religiosidade e a fé moram aqui. Teresina: Revista Cidade Verde. pp. 80-81. Ano 01. Edição 014.
- NOGUEIRA, Maria Alice, NOGUEIRA, NOGUEIRA, Cláudio M. Martins. (2009). **Bourdieu & a Educação.** In: A herança familiar desigual e suas implicações escolares. 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora.
- NORA. Pierre. (1981). **Entre memória e história: a problemática dos lugares.** Revista do programa de Estudos Pós-Graduação em História e do Departamento de História. São Paulo, n.10.
- NÓVOA, António. **Histórias de vida: perspectivas metodológicas.** In: NÓVOA, António. (Org.). (2007) **Vidas de Professores.** 2ª ed. Portugal: Porto Editora.
- _____. **O professor pesquisador e reflexivo.** Entrevista concedida ao Programa Salto para o Futuro, TVE Brasil em 13 jul. 2001. Hipertexto. Disponível em: <http://www.tvebrasil.com.br/salto/entrevistas/antonio_novoa.htm>. Acesso em: 30 mai. 2009, às 20h:15m.
- _____. (Org.). (2007). **Vidas de Professores.** 2ª ed. Portugal: Porto Editora. In: NÓVOA. António. Os Professores: Um “novo” objeto da Investigação educacional?.
- _____. (Org.). (1992). **Os Professores e a Sua Formação.** In: SCHON, Donald A. Formar professores como profissionais reflexivos. 1ª ed. Lisboa. Publicações Dom Quixote. Instituto de Inovação Educacional.
- OTT. Robert William. Ensinando Críticas nos Museus. In: BARBOSA. Ana Mae Tavares Bastos. (1997). (Org.). **Arte-educação: leitura no subsolo.** São Paulo: Cortez.
- PACHECO, Dirceu Castilho. (2008). **Por outras narrativas das escolas e de seus sujeitos-praticantes: possibilidades dos/ nos registros cotidianos.** In: História de vida e formação de professores. Souza, Elizeu Clementino e Mignot, Ana Christina Venancio (Orgs); [et al.]. Rio de Janeiro: Quartet Editora & Comunicação Ltda.: FAPERJ.
- PEREIRA, Simone Luci. **Juventude e metrópole no Rio de Janeiro dos anos 1950 e 1960.** Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares

da Comunicação XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Uerj – 5 a 9 de setembro de 2005

- PILLAR, Analice Dutra. Leitura e releitura. In: Analice Dutra Pillar. (2009). (Org.). **A Educação do Olhar no ensino das artes**. 5ª edição. Porto Alegre: Editora Mediação
- PIMENTA, Selma Garrido. (2004). **Pedagogia: sobre diretrizes curriculares**. Transcrito das apresentações da autora no XVI ENCONTRO NACIONAL do FORUMDIR, realizado na Chapada dos Guimarães – MT, agosto de 2002 e no FORUMNACIONAL DE PEDAGOGIA 2004, realizado em Belo Horizonte, julho.
- PINSKY, Carla Bassanezi (org.). (2006). **Fontes Históricas**. 2ª ed. São Paulo: Contexto.
- PIZA, Daniel. (2002). **A Gravação de Rembrandt**. Bravo!, São Paulo: Ano 5, d'Ávila editora. P.34-37.
- POLLAK, Michael. (1992). **Memória e Identidade Social**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n 10, p. 200-212.
- PRADO, Maria Elisabette Brisola Brito e ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini de. (2009). (Org.). **Elaboração de Projetos: guia do cursista**. 1ª ed. Brasília. Ministério da Educação, Secretaria de Educação à Distância.
- QUADROS, António. (1982). **Introdução a Filosofia da História**. Disponível em: <http://cvc.instituto-camoes.pt/filosofia/1910h.html> . Acesso em 09. Fev. 2013, às 06h: 25m.
- RIOS, Rosana. **Teatro de Bonecos**. (1997). 2ª ed. São Paulo: Global. (Coleção Brincando com; 11).
- SACRISTÀN, Gimeno J. (2000) **O Currículo: uma reflexão sobre a prática**. 3ª edição. Porto Alegre: Artmed
- SANTAELLA, Lúcia. (2007). **O Que é Semiótica**. 27ª ed. São Paulo: Brasiliense.
- SAVIANI, Dermeval. (2008). **História das Ideias Pedagógicas no Brasil**. 2ª ed. Ver. E ampl. Campinas, SP.
- SILVA, Agostinho da. **O Grande Educador**. In “considerações”. Disponível em: <http://www.citador.pt/textos/o-grande-educador-agostinho-da-silva> Acesso em 05. fev. 2013, 23h:45m.
- SILVA, Agostinho da. Disponível em: *Agostinho da Silva*. In **Infopédia** [Em linha]. Porto: Porto Editora. Disponível na [www: <URL: http://www.infopedia.pt/\\$agostinho-da-silva>](http://www.infopedia.pt/$agostinho-da-silva). Acesso em: 11. fev.2013, às 19h:30m.
- SILVA, Amândio e AGOSTINHO, Pedro. (2007). **Presença de Agostinho da Silva no Brasil**. Rio de janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa. V.1.
- SPINDOLA, Thelma e SANTOS, Rosângela da Silva. (2003). **Trabalhando com a história de vida: percalços de uma pesquisa (dora?)**. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*. vol.37.no 2.

SOUZA, Elizeu Clementino. **O Conhecimento de si: narrativas do itinerário escolar e formação de professores.** (2004). Tese de Doutorado. Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Educação.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. (2009). **Planejamento: Projeto de Ensino-Aprendizagem e Projeto Político-Pedagógico – elementos metodológicos para elaboração e realização.** 19ª ed. São Paulo: Libertad Editora. V.1.

O que significa logos, ethos e pathos? Disponível em: http://www.ehow.com.br/significa-logos-ethos-pathos-sobre_62196/ Acesso em Acesso em 05. fev. 2012, 21h:45m.

FONTES

JORNAIS:

Matérias de Jornais, convites de exposições e revistas.

AYALA, Walmir. A Engenharia do Sonho. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 25 de set.1958. p 2.

TAJRA, Marta. Para que serve a arte? **Jornal da Manhã**, Teresina, 07 de ago. 1988. Caderno 02.

JORNAL “O DIA” Teresina, 05. ago. 1969.

JORNAL “O POVO” Fortaleza, 28. jul. 1992.

JORNAL “DIÁRIO DO NORDESTE” Fortaleza, 28.07.1992.

JORNAL “DO COMERCIO” Porto Alegre, 25. Ago.1999; 20. Out. 2005.

JORNAL “CORREIO DO POVO” Folha da Tarde. Porto Alegre, 26. ago.2000

Convite Galeria Chica da Silva. 06 de abril de 1965

Convite Galeria Varanda. 30 de setembro de 1968.

Depoimentos:

CASTELO BRANCO, Afrânio Pessoa. Depoimento concedido a Maria de Fátima Martins Dias. Teresina, Mai. 2010.

CASTELO BRANCO, Afrânio Pessoa. Depoimento concedido a Maria de Fátima Martins Dias. Teresina, 07. Mar.2012

COÊLHO, Jericó Pinto. Depoimento Concedido a Maria de Fátima Martins Dias. Teresina. 07. Mar.2012.

Atuais Alunos do Curso de Artes Visuais

ALUNO CD. Depoimento concedido a Maria de Fátima Martins Dias. Teresina. 10. julho.2012.

ALUNO AB. Depoimento concedido a Maria de Fátima Martins Dias. Teresina. 19. julho. 2012.

ALUNO EF. Depoimento concedido a Maria de Fátima Martins Dias. Teresina. 23. julho 2012.

ALUNO GH. Depoimento concedido a Maria de Fátima Martins Dias. Teresina. 17. julho. 2012.

Questionários:

Professores:

PROFESSORA A. Teresina. 15 agosto.2011.

PROFESSORA G. 16. agosto.2011.

PROFESSORA D. Teresina. 01.setembro.2011

PROFESOR C. Teresina. agosto. 2011.

PROFESSOR B. Teresina. 25. agosto. 2011.

PROFESSORA F. Teresina. 22.agosto.2011.

PROFESSORA E. Teresina. agosto.2011.

Antigos alunos:

ALUNO E. Teresina.. jul.2011

ALUNA C. Teresina. 28. julho.2011.

ALUNA G. Teresina. agosto. 2011.

ALUNA F. Teresina. agosto. 2011.

ALUNA I. Teresina. Agosto. 2011.

ALUNA A. Teresina. Agosto. 2011.

ALUNA J. Teresina. 30.julho.2011.

ALUNO D. Teresina. 20 de agosto.2011.

ALUNO B. Teresina. agosto.2011.

ALUNA H. Teresina. agosto. 2011.

DOCUMENTOS OFICIAIS:

Projeto Pedagógico Curso de Licenciatura em Artes Visuais. (2007). Florianópolis – Santa Catarina. http://www.ceart.udesc.br/dae_novo/arquivos/ppc_artesvisuais.pdf. Acesso em 11.mar.2012, às 10h:05m.

UNIVERSIDADE DO BRASIL. Diploma Curso Seriado Nacional de Belas Artes.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ. Currículo do Curso de Educação Artística. Teresina, 1977. Teresina. agosto de 2011

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ. Currículo do Curso de Educação Artística. Teresina, 1996. Teresina. agosto. 2011

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ. Projeto Pedagógico curricular do curso de artes visuais. Teresina-Piauí. (2008). Teresina. junho.2010.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ. Pró-reitoria de Ensino de Graduação. Diretoria da Administração Acadêmica. Centro de Ciências da Educação. Departamento de Artes Visuais. Diários de Sala década de 1990. Teresina. maio.2011.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ. Centro de Ciências da Educação. Departamento de Artes Visuais. Questionários de Progressão Funcional. Teresina. maio.2011.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ. PRAD/DGH/DAP/ Serviços de Registro. Certidão. Teresina. 11 de fevereiro. 2011.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ. Centro de Ciências da Educação. Departamento de Educação Artística. Coordenação do Curso de Educação Artística. Plano de curso do Professor Afrânio Pessoa Castelo Branco. Disciplina Pintura Oficina de Arte. (Acervo do professor)

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ. Centro de Ciências da Educação. Departamento de Educação Artística. Coordenação do Curso de Educação Artística. Plano de curso do Professor Afrânio Pessoa Castelo Branco. Disciplina: Técnica de Expressão e Comunicação Visual II. (Acervo do professor)

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ. Pró- Reitoria de Extensão. Coordenação de Assuntos Culturais. Declaração. Teresina. 11 de abril de 1996.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO- UFRJ – História. http://www.ufrj.br/pr/conteudo_pr.php?sigla=HISTORIA . Acesso em 03.mai.2011. às 03h: 15m.

Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior. Sindicato Andes Nacional. Teresina. 25. outubro.1992. (Acervo do professo).